

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

PROFESSOR ORIENTADOR ACADÊMICO DR^a HELENA MARIA BOMENY GARCHET

REGINA LUCIA DO NASCIMENTO LIMA FEITOSA

ESTRATÉGIAS PESSOAIS E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS NOS MEIOS POPULARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, Março de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dados Bibliográficos: FEITOSA, Regina Lucia do Nascimento Lima./Estratégias pessoais e trajetórias profissionais nos meios populares. Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC; Fundação Getulio Vargas, 2009. ... P. Dissertação de Mestrado. CPDOC, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 2009. Orientadora: Profª Drª Helena Maria Bomeny Garchet 1. Trajetória profissional 2. Estudo de caso 3. Origem social 4. Profissão de professor 5. Bens Culturais e Projetos Sociais 6. PPHPBC-CPDOC-FGV.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo.

Vejo Deus nas pessoas que me cercam e nas que eu tive a felicidade de conhecer em algum momento da minha vida.

Nas horas de pouca confiança no meu potencial Deus esteve no meu esposo Renato que é o co-adjuvante dessa minha conquista.

Quando necessitei me desdobrar em muitas Deus esteve na minha cunhada Danielle que em muitos momentos acalentou a minha filha.

Deus esteve presente na figura dos meus pais que me apresentaram a Ele através da doçura das suas atitudes.

Essa conquista é a soma de esforços de muitas pessoas além de mim. A minha história não tem nada de ortodoxa. Seria “natural” se eu tivesse tido sonhos muito afastados desse. Mas, graças a Deus eu conheci pessoas que me possibilitaram sonhar diferente.

Agradeço à professora Maria Helena Magalhães Castro que mesmo sem saber me ajudou a pensar para além do que estaria reservado socialmente para mim. Assim, pude me construir de forma a não ficar indiferente aos constrangimentos sociais.

Agradeço à professora Maria Helena Bomeny Garchet que aceitou o desafio de desenvolver esse trabalho comigo estando sempre disposta a me ajudar com total dedicação e paciência. Sem ela esse trabalho não seria possível.

Agradeço aos professores entrevistados por compartilharem comigo as suas histórias de vida e de superação e à direção do colégio estadual Doutor Albert Sabin por ter me acolhido com tanto carinho e solicitude.

Obrigada a todos os meus amigos que vibraram comigo a cada etapa vencida nesse desafio intelectual e principalmente pessoal.

Muito obrigada.

Penso que uma das razões importantes de se querer entender o mundo é ter interesse político no mundo. O que não quer dizer uma tomada de posição política sobre o mundo. Nunca tive pertencimento político, nunca fui de um partido, sempre achei que ter engajamentos políticos funcionava como substituto de engajamentos reais. Contudo, penso que ter um interesse político é algo absolutamente fundamental para um intelectual. Há uma forma de abordar os problemas, de ver as questões, de apreender o mundo que está ligada ao interesse político. Isso nos tira da indiferença, deixamos de ser espectadores.

Pierre Bourdieu

SUMÁRIO

Introdução:	09
Capítulo I: O ethos dos entrevistados	
1.1 Campo Grande.....	17
1.2 Trabalho de campo na escola estadual Dr. Albert Sabin.....	22
Capítulo II: Referenciais teóricos e bibliográficos	30
Capítulo III: Disposições sociais e a profissão de professor	
3.1 Considerações iniciais.....	40
3.2 O professor construído na memória.....	41
3.3 Disposições sociais para agir e a identificação como uma carreira ascética.....	50
3.4 Família e perspectivas de vida.....	58

3.5 Reforço positivo ao acúmulo de capital escolar.....	60
3.6 Práticas diárias condizentes com práticas docentes.....	63
3.7 ‘Bom aluno’, bom professor?.....	65
3.8 Falta de direcionamento familiar na escolha da profissão.....	67
3.9 Diploma do Ensino Superior: objetivo central construído em família.....	69
3.10 Falta de conhecimento sobre possíveis outras profissões e naturalização da profissão de professor.....	71
3.11 Hedonismo e ascetismo: flexibilização do horário oportuniza o seguimento dos planos de estudo e de acesso à cultura.....	75
3.12 A escolha da profissão ligada à possibilidade de estar sempre aprendendo..	76
3.13 Ser professor: estratégia para a realização dos sonhos considerados inoportunos tendo em vista a origem social?.....	80
 Capítulo IV:	
4.1 Considerações iniciais.....	85
4.2 Valores agregadores e valores individualizantes.....	86
4.2.1 Valores tradicionais.....	89
4.2.2 Recepção difusa das idéias globalizantes.....	92
4.3 Volta ao colégio Albert Sabin: afirmação da auto-identidade.....	93
4.3.1 Uma experiência relativizadora.....	97
4.3.2 Ruptura biográfica.....	100
4.4 Cultura do consumo.....	102
4.5 Comunidade ética.....	104
4.6 Afetividade.....	107
4.7 Trajetória com pouca mobilidade espacial.....	108
4.8 A estrutura física da escola Dr. Albert Sabin	110
4.9 Construtores da realidade que desfrutam	111
4.10 O trabalho personalizado	112
 Considerações finais:.....	 115

Anexos:.....	118
Bibliografia:.....	135

RESUMO

O principal objetivo desta dissertação foi analisar a trajetória de ex-alunos de escola pública que moravam no bairro de Campo Grande e que se tornaram professores, tentando entender se houve relação entre a origem social e a escolha profissional. Para tanto foi feito um trabalho de campo na escola estadual Dr. Albert Sabin onde os entrevistados cursaram o Ensino Médio e fizeram a promessa de voltarem como professores.

As entrevistas somam dez horas de gravação e resultaram numa análise social e cultural das trajetórias dos depoentes a partir de suas próprias percepções. Discorreram sobre suas trajetórias escolares, sobre a rotina familiar e sobre as alternativas que consideraram que tiveram e sobre as limitações que foram impostas. Assim, pôde-se tentar avaliar o quanto houve de espaço para suas “escolhas”.

Palavras-chave: Trajetória profissional, escolha profissional, professor, capital escolar, disposições sociais, alteridade.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation was to analyze the route of ex-studentes of public school that lived in Campo Grande neighbourhood and that became teachers, trying to understand if existed relationship between the social origin and the professional choice. A camp's work was done in the state school Doctor Albert Sabin where studed the secondary education and promised to return as teachers.

The interviews add ten hours of recording and resulted in a social and cultural analysis of the routes theirs perceptions. They talked about theirs school route about the family routine and about the

alternatives that considered that had and about the limit that were imposed. So, they could to try to consider how there was of space to theirs choices.

Key- Words: Professional route, choice professional, teacher, school capital, social arrangement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1: Sala de aula	26
Figura 2: Sala de informática	26
Figura 3: Sala de vídeo	27
Figuras 4 e 5: Painéis feitos pelos alunos	27
Figura 6: Biblioteca	28
Figura 7: Aula com professor tradutor para a língua de sinais	29
Figura 8: Atividade extra-classe	29
Figura 9: Logotipo da escola.....	30
Figuras 10 a 14: Fachada do colégio	121-123
Figura 13: Hall	123
Figura 14: Sala de visitas	124
Figuras 15 a 22: Painéis confeccionados pelos alunos	124-128
Figura 23: Sala de aula	128

Figura 24: Sala da direção	129
Figura 25: Sala dos professores	129
Figura 26: Pátio	130-131
Figura 27: Praça de alimentação	132
Figura 28: Estacionamento	132
Figura 29: Jardim frontal	133
Tabela 1: Comparação entre o IDH de Campo Grande, Gávea e Complexo do Alemão	20
Tabela 2: Comparação entre o IDH d as regiões administrativas da cidade do Rio de Janeiro	21

INTRODUÇÃO

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Este é o texto do art. 25, Capítulo III da Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988.

Atentemos para o fato de um dos objetivos ser: “o pleno desenvolvimento da pessoa humana”, ou seja, pode-se ler nas entrelinhas que o que estava em pauta era a necessidade de projetos educacionais que visassem não só a escolarização que qualificasse para o trabalho formal (assalariado com vínculos empregatícios que por muito tempo foi o parâmetro de produção de riqueza e de reprodução social). Havia a necessidade imperiosa de difundir a idéia de que o indivíduo conquistou o direito à cidadania, e, neste sentido, deveria merecer a atenção das autoridades para sua formação como sujeito de direitos, e cidadão pleno. As instituições educacionais deveriam ser capazes de enfrentar esta ambição. Este projeto, no entanto, pode também sinalizar uma contrapartida: o ônus por tal conquista

era delegar ao indivíduo maior responsabilidade pelas suas escolhas. Nesse novo contexto, ao indivíduo caberia a liberdade para desenvolver atitudes, fazer escolhas que dizem respeito à sua vida escolar e à sua empregabilidade; dependeria de cada um aproveitar as “oportunidades igualitárias da escola democrática”. O sucesso e o fracasso residiriam no universo individual, pois, o Estado (representante maior da sociedade) já teria cumprido o seu papel: estender a escolarização a todos.

Pode-se perceber a questão político-ideológica que estava por trás desse interesse em colocar a educação como prioridade no discurso oficial: preparar o indivíduo para se adaptar ao novo paradigma do trabalho, onde ser assalariado e viver na formalidade passou a ser menos previsível e ser empreendedor tornou-se fundamental para poder se alocar num mundo onde o pleno-emprego¹ fora abandonado como meta.

É importante lembrar que esta centralização do discurso na educação não pode ser analisada como um advento estanque às políticas educacionais que estavam sendo implantadas no mundo. Dois documentos em especial devem ser citados para ilustrar este contexto: A “Declaração Mundial de Educação para todos” (aprovada numa Conferência da UNESCO² em Jomtien, Tailândia, em março de 1990) e o “Relatório da Comissão Mundial Para a Educação do Século XXI” (coordenado por Jacques Delors, em meados da década de 1990). Apesar de esses documentos terem sido escritos após a promulgação da Constituição Federal do Brasil de 1988, sinalizam o que os países ocidentais estavam considerando como fundamental para direcionar as suas políticas públicas para a educação naquele momento de solidificação das profundas transformações no mundo da economia e do trabalho.

O que ficou acordado na Declaração Mundial de Educação para todos, foi o compromisso político entre os países membros da UNESCO em democratizar a educação, estendendo o ensino escolar a todos os indivíduos. E quanto ao Relatório da Comissão Mundial para a Educação do Século XXI: “estabeleceu os novos fundamentos para que a Educação, num mundo crescentemente dominado pelo ‘fundamentalismo de mercado’,

¹ Keynes, John Maynard (1883-1946), formulou um conjunto de idéias que propunham a intervenção estatal na vida econômica com o objetivo de conduzir a um regime de pleno emprego. O crescimento da demanda em paridade com o aumento da capacidade produtiva da economia seria a fórmula para garantir o pleno emprego. Disponível no site “Brasil Escola”: <http://www.brasilecola.com/historiag/doutrina-keynesiana.htm>. Acessado em 01/09/2007.

² Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, fundada em 16 de novembro de 1945. Disponível em www.unesco.org.br/unesco/sobreaUNESCO. Acessado em 01/10/2007.

passasse a desempenhar o estratégico papel de impulsionar o desenvolvimento em bases profundamente humanas”. (Werthein, 2004:7).

Deve-se, entretanto, salientar que sob o mesmo rótulo “universalização da educação para o desenvolvimento da pessoa humana” encontravam-se realidades sociais diversas, congruentes ao passado histórico de cada país, de cada região. Enquanto no Brasil havia um grande número de trabalhadores com pouca escolarização para uma apropriada leitura analítica das transformações em curso e das exigências de um mercado cada vez mais excludente, a Itália, por exemplo, conduzia a sua agenda de políticas para a educação visando levar os trabalhadores a adquirirem elementos de flexibilidade e polivalência para enfrentar as transformações tecnológicas e os novos problemas postos pelo novo modelo econômico em desenvolvimento.

Sabe-se que há uma concorrência desleal entre possibilidades reais de disputa entre indivíduos de origens sociais diferentes. Nesta abordagem, os “incluídos” socialmente deveriam sua situação ao seu esforço e competência. Afasta-se desta maneira a reflexão sobre os grandes abismos sociais que existem no nosso país e ignora-se o fato de que milhares de pessoas freqüentam a escola, mas nem por isso têm chances reais de disputar no mercado de trabalho com pessoas que desde a mais tenra idade foram socializadas em ambientes propícios ao acúmulo de capital social, cultural e escolar. Esses capitais são ingredientes fundamentais para um modelo de competência solicitado ao trabalhador pelos empregadores e que constituem a ‘qualificação tácita’ tão importante quanto a qualificação dos diplomas e certificados.

Se o mercado estava se tornando auto-regulável e dinâmico, se o trabalho deixou de ser o meio de criar identidade social e se a concorrência entre indivíduos no mercado de trabalho viria a se acirrar e solicitar um trabalhador polivalente de funções, nada mais lógico que a educação orientasse para essa adaptação aos novos tempos. Mas não houve propostas que naquele momento conduzissem o currículo sob esta perspectiva. O que se constatou na década de 1980 no Rio de Janeiro foram propostas de mudanças curriculares amparadas nas tendências pedagógicas da época que criticavam o conteúdo distante da realidade social dos educandos buscando diminuir as altas taxas de evasão escolar e repetência nas classes populares. Mas, não ocorreu um saldo positivo: chegou-se aos anos 1990 sem que os índices de repetência e evasão tivessem se alterado significativamente.

Em 1996 foi promulgada a nova Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e, no mesmo ano, a Multieducação³ foi lançada como orientadora do currículo na Cidade do Rio de Janeiro. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram elaborados a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Os quatro pilares do conhecimento contidos no Relatório dos PCN, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser, mostram que o objetivo é preparar o aluno para se adaptar às mudanças constantes no processo de trabalho, formando indivíduos qualificados e criativos.

Em uma sociedade com o desenvolvimento tecnológico tão acelerado é importante enfatizar o aprender-a-aprender, pois do contrário o profissional capacitado hoje, amanhã estará desatualizado, não empregável. Aprender-a-aprender se dá na prática social e nas condições de vida e de oportunidades a que cada um tem acesso. Em comunidades com baixo capital cultural caberia à escola oferecer minimamente esse ambiente de aprendizado. As práticas educativas escolares priorizaram os conteúdos científicos informativos para uso instantâneo ou a escola os ajudou a se planejarem para “virem-a-ser”?

Pode-se dizer que na década de 1980 e início da década de 1990, quando foi lançada a Multieducação, o processo de construção curricular tinha sido deslocado dos órgãos centrais da rede de ensino para o âmbito da escola, o que deveria ter significado maior autonomia de planejamento para toda a comunidade escolar. Mas, o que pude observar como professora foi que mesmo diante de tanta autonomia, os currículos ainda priorizavam um conteúdo científico que não capacitava os alunos com conhecimentos, habilidades básicas e atitudes que lhes seriam imprescindíveis na vida social e na trajetória profissional.

O mundo do trabalho que estava se configurando já era prognosticado pelos especialistas como sendo de alta concorrência entre os trabalhadores onde a prioridade número um era a polivalência. O trabalhador deveria dotar-se de conhecimentos, habilidades e atitudes que lhe possibilitassem adequar o seu trabalho às imprevisibilidades do mercado, sendo empreendedor na resolução de situações novas. Além disso, o indivíduo deveria estar preparado para novas formas de trabalho além do trabalho formal.

Hoje, empreendedorismo, empregabilidade, habilidades e competências são categorias mobilizadas em textos, na imprensa e em palestras e acabaram se transformando

³ Núcleo Curricular Básico da cidade do Rio de Janeiro alicerçado em quatro princípios educativos: meio ambiente, trabalho, cultura e linguagem e quatro núcleos conceituais: identidade, tempo, espaço e transformação.

em peças-chave para entender o que se passa no mundo do trabalho brasileiro e mundial neste início do Século XXI, principalmente a partir das mudanças ocorridas no universo do trabalho no Brasil e no mundo a partir da década de 1980. Nesse contexto brasileiro da década de 1990, quando emergiam questionamentos sobre parâmetros curriculares e sobre as transformações no mundo do trabalho, tentarei mergulhar, levando em consideração as experiências dos depoentes desta pesquisa que hoje possuem idades que variam entre 26 e 31 anos.

Ao analisar o contexto cultural e social onde os entrevistados se formaram, é importante sinalizar que eles não tiveram oportunidade de acessar centros de informação (museus, centros de cultura, bibliotecas públicas etc.) na comunidade onde moravam e, portanto, não entraram em contato com a informação acumulada por esses meios. A família e a escola foram seus veículos de conhecimento.

Campo Grande, bairro da Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro, possui uma população de 291.052 habitantes segundo o Censo 2005 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Segundo o Instituto Pereira Passos (IPP), autarquia da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro responsável em colher dados significativos para a otimização das estratégias administrativas da cidade, o índice de desenvolvimento humano (IDH)⁴ de Campo Grande é o pior da Cidade do Rio de Janeiro, atestando que em média as pessoas do lugar têm as menores chances de longevidade, escolaridade e renda.

Os equipamentos culturais do bairro se resumem a seis salas de cinema num shopping, à lona cultural Elza Osborne⁵ e ao teatro estadual Arthur Azevedo que raramente se abre para espetáculos. Apesar da demanda por uma programação cultural ser evidente, a quantidade de equipamentos culturais não é suficiente para supri-la.

Nessa época em que os entrevistados cursaram o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, entre os anos de 1985 e 2000, as escolas seguiam suas próprias orientações

⁴ A metodologia de cálculo do IDH é baseada em índices de longevidade, educação e renda, que variam entre 0 (pior) e 1 (melhor), e a combinação desses índices em um indicador síntese. Quanto mais próximo de 1 o valor deste indicador, maior será o nível de desenvolvimento humano do país ou região.

⁵ Inaugurada a 18 de maio de 1993 dando início à concretização do Projeto das Lonas Culturais, cuja idéia central consistia em plantar as grandes tendas da ECO-92 no subúrbio e transformá-las em espaços de interiorização das atividades culturais na cidade do Rio de Janeiro.

curriculares, baseadas em teorias contidas na antiga LDB e em novas orientações que, de forma atomizada, surgiam sobre a teoria de Paulo Freire, o multiculturalismo etc. visto que a nova LDB ainda não tinha sido promulgada.

A experiência que fui adquirindo como professora foi me causando uma grande inquietação quanto às políticas curriculares e as práticas educacionais, pois, teoricamente colocavam a origem social dos educandos como eixo centralizador, mas, na prática não eram planejadas para atender às reais necessidades deles, que estava muito além dos conteúdos propedêuticos. Como eles moravam numa localidade com pouca chance de acumular capitais necessários ao seu desenvolvimento era imprescindível expô-los ao mundo, à alteridade. Na memória dos depoentes, a escola teria desempenhado essa função? Os depoentes considerariam que estiveram expostos à alteridade no ambiente escolar ou, as políticas curriculares que orientavam as práticas na escola, ao contrário, voltavam-se para o local e viravam as costas para o mundo, para o saber histórico acumulado e fundamental para a construção de capital cultural? A escolha da profissão de professor feita por esses ex-alunos teria sido a soma dessas condições sócio-ecômicas-culturais? Teriam recebido orientação da família e da escola? Consideraram-se vocacionados para a profissão? Teria a escola se mantido neutra, sem dar nenhum tipo de orientação para o mercado de trabalho?

Quando tantas teorias estruturalistas dizem que não há como lutar contra os determinismos sociais, haveria espaço para a ação individual? Como esses jovens percebem a sua trajetória? Como conseguiram mobilizar as experiências cotidianas para apreenderem conhecimentos, habilidades e atitudes para se posicionarem diante dos desafios do mercado de trabalho? Haveria acontecido nesse triângulo socializador (família, escola e lugar de vivências cotidianas) alguma intervenção, episódio, direcionamento que teria sido marcante e fundamental para alguma trajetória profissional? Quem teria conseguido driblar seus determinismos sociais evidentes e trabalhar com outros recursos?

Orientada nesse sentido, a pesquisa tem como objeto as percepções que os depoentes têm sobre as suas trajetórias e sobre sua rede de socialização. Nessa perspectiva será fundamental a atenção para as dissonâncias e as consonâncias existentes entre a socialização familiar, escolar e do lugar das vivências cotidianas na construção do capital específico para o campo da empregabilidade a partir das apreensões pessoais.

Como as especificidades de cada um desses agentes socializadores fizeram diferença na situação atual dos entrevistados? Teria a escola dos entrevistados se voltado para os percursos personalizados? Procurarei construir o trabalho a partir de uma dialética entre expectativas, orientações e decisões. Qual a importância da escola na rotina dos depoentes na infância e adolescência? Qual o peso da família e dos professores nas decisões tomadas quanto à carreira de professor? Quais seriam as disposições para agir dos depoentes? Estariam de acordo com a profissão de professor? Estes foram alguns pontos em que me ancorei para desenvolver a minha pesquisa.

Eu levei a campo duas hipóteses. A primeira era sobre como o *habitus* primário (advindo das práticas familiares) estaria relacionado à plasticidade social dos depoentes e conseqüentemente às suas escolhas profissionais. Tive interesse em saber se a profissão de professor estaria ligada a uma trajetória onde a rotina familiar só incluiria trabalho e tarefas domésticas, ou seja, se os depoentes teriam se formado a partir de disposições ascéticas. Estando o círculo socializador dos entrevistados restrito à escola e às pessoas da família, o *habitus* secundário decorrente desta interação não permitiria agir com fluidez em outros campos, conhecer uma gama maior de profissões, tendo em vista que não teriam acumulado capitais que pudessem ser convertidos. Seria a típica situação de não saber como agir, “engessamento social”. Quanto mais estivessem expostos à alteridade em vários círculos socializadores, principalmente em atividades fora do local onde moravam, mais os depoentes tenderiam a construir uma maior plasticidade social e possivelmente discorreriam sobre planejamentos para possíveis novas profissões baseados em dados empíricos, no contato com outros profissionais. Testando essa hipótese eu acreditava poder esclarecer se a profissão de professor é muito voltada à baixa plasticidade social.

A segunda hipótese era sobre o fato dos depoentes morarem em Campo Grande. O fato de morarem afastados fisicamente do Centro da Cidade e dos lugares ditos com maior acesso aos capitais culturais, teriam se considerado afastados das oportunidades e se resignado às possibilidades que o seu ambiente lhes oferecia?

Como os entrevistados teriam mobilizado os recursos que dispunham? Que recursos consideraram disponíveis ou inacessíveis? A profissão de professor teria sido a mais adequada ao que consideravam estar reservado para eles, ou a consideraram como uma escolha para mudar de vida? É o que pretendo descobrir com essa pesquisa. Este é o meu

grande interesse: estratégias pessoais para a construção de uma trajetória profissional nos meios populares.

O meu maior interesse nessa pesquisa era saber se os entrevistados, visto a trajetória que tiveram, escolheram como estratégia cursar licenciatura e tornar-se professor no sentido de romper com os determinismos sociais e ascender socialmente em relação aos pais. Certamente não espero que esse tipo de análise tenha sido feito de uma hora para outra, mas, através das reflexões possibilitadas no contato com vários agentes socializadores, inclusive seus professores.

Por que a escolha da profissão? E por que fizeram a promessa de voltar para lecionar no lugar onde concluíram o Ensino Médio? Diante de um mundo globalizado e de relações superficiais seria a ‘comunidade Albert Sabin’ o lugar que confere segurança e por isso seja tão difícil se desvincular dela?

As entrevistas totalizaram dez horas de gravação. A metodologia de História Oral foi utilizada e os entrevistados puderam discorrer sobre seu passado trazendo à tona situações vivenciadas há muito tempo, guardadas na memória. O objetivo para a utilização dessa metodologia foi entender em que condições sociais e históricas se deu a escolha da profissão. A citação de Bernard Lahire resume o ponto no qual ancorei a pesquisa: “Os estudos de casos, de fato, não se referem a ‘pessoas singulares’ mas, a uma parte daquilo que o mundo social refletiu nelas”. (Lahire, 2004:07)

CAPÍTULO I: O ethos dos entrevistados

1.1 Campo Grande

Campo Grande é um bairro localizado na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro e foi a terra dos índios Picinguabas que moravam no vale que começava no Rio da Prata e terminava no Rio Cabuçu. Hoje, esses rios deram nomes às ruas que circundam o sub-bairro Rio da Prata, pólo gastronômico de Campo Grande, repleto de sítios que abrigam residências que resistem há mais de três séculos.

O primeiro monumento do bairro de Campo Grande foi a Capela de Nossa Senhora do Desterro construída em 1673 cujo poço abastecia toda a população local. Como a Região era uma área predominantemente rural, os aglomerados humanos formados durante quase três séculos ficaram restritos às proximidades dos engenhos e fazendas e às pequenas vilas de pescadores, ao longo da costa.

A partir da segunda metade do século XIX, a região começou a se tornar menos rarefeita com a implantação, em 1878, de uma estação da Estrada de Ferro D. Pedro II, em Campo Grande. O transporte ferroviário foi, então, o que impulsionou a transformação

desta região predominantemente rural em urbana, ao promover o acesso - e, por conseguinte, seu povoamento - ao centro da Cidade do Rio de Janeiro. Em 1894, a empresa particular Companhia de Carris Urbanos recebeu a concessão para explorar a linha de bondes à tração animal, permitindo que os locais mais distantes da Região fossem alcançados, favorecendo a urbanização.

A partir de 1915, os bondes à tração animal foram trocados pelos elétricos, levando a uma maior integração entre os núcleos semi-urbanos já constituídos. Por esse motivo houve o adensamento em torno do bairro central de Campo Grande e estímulo ao desenvolvimento de um forte comércio interno, predominantemente independente. Assim, o bairro foi adquirindo características urbanas.

O primeiro cafezal do Brasil foi plantado no vale da Serra do Mendanha com terras férteis remanescentes de um vulcão adormecido. Entre 1760 e 1770, na antiga Fazenda do Mendanha, o padre Antônio Couto da Fonseca plantou as primeiras mudas de café, que floresceram de forma extraordinária, com mudas originárias das plantadas em 1744 no convento dos padres barbadinhos. Os historiadores apontam a partir daí o desenvolvimento que a cultura cafeeira teve em todo o Estado no século XIX, espalhando-se pelo Vale do Paraíba aos contrafortes da Serra do Mar, atingindo, em sua expansão, a província de Minas Gerais.

Com as crises da cultura do café, iniciadas no final do século XIX e persistindo no século seguinte, durante a Primeira Guerra Mundial, a Região voltou-se para uma nova atividade, a citricultura. Desde os primeiros anos do século XX e até os anos 40, Campo Grande foi considerada a grande região produtora de laranjas, o que lhe conferiu o nome de "Citrolândia". Até a década de 1940, Campo Grande foi o maior produtor de laranjas do Brasil chegando a exportar cerca de 140 mil toneladas por ano. Com a decadência dessa atividade, em 1946 fortaleceu-se na região de Campo Grande, a avicultura industrial, atividade introduzida por Bartolomeu Rabelo, precisamente na Estrada do Mato Alto, em Guaratiba.

A partir da década de 1960, surgiram os distritos industriais em Campo Grande e Santa Cruz, resultando na instalação de grandes empresas, como a siderúrgica Cosigua-Gerdau, a Michelin e a Vale-Sul, entre outras. Hoje, a Região apresenta grande potencial para o desenvolvimento de pólos de gastronomia e de turismo ecológico.

Atualmente, a atividade econômica local é composta por cerca de 3.700 estabelecimentos, 87,2% dos quais são do segmento de comércio e serviços, empregando aproximadamente 49 mil pessoas. O volume de negócios gera R\$ 256,9 milhões de ICMS (US\$ 221,3 milhões), sexta arrecadação da cidade.

A Região está classificada como de médio-alto desenvolvimento humano segundo o Índice de Desenvolvimento Humano-IDH (0,766), e ocupa a última posição quando consideradas as doze regiões do Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro, o que faz dela a região de menor desenvolvimento humano da cidade. Entre as dimensões que compõem o IDH, também apresenta os piores resultados em longevidade (IDH-L=0,708), educação (IDH-E=0,900) e renda (IDH-R=0,690).

Os dados demográficos apontam que a Região cresceu à acentuada taxa de 22%, na década de 1990, a segunda maior taxa de crescimento da cidade, superada somente pela Barra da Tijuca. É a Região que possui o maior contingente populacional da cidade, tendo absorvido cerca de duzentos mil novos residentes na década. O maior crescimento populacional ocorreu na segunda metade da década: 14%, ou 126.096 novos moradores. Alguns bairros cresceram a taxas acentuadamente altas na década de 1990, como Guaratiba (43%), Inhoaíba (36%) e Paciência (33%). Cabe destacar que dois bairros perderam população entre 1996/2000: Barra de Guaratiba (-11%) e Senador Vasconcelos(-2,5%)⁶

Nessa região administrativa residem 896.856 habitantes, dentre os quais 297.494 moram no bairro de Campo Grande, segundo o Censo 2005 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Tem o território mais extenso e o maior contingente populacional entre as doze regiões do Plano Estratégico que compõem o Município do Rio de Janeiro. Sua densidade bruta de 19,1 habitantes por hectare é uma das menores. Segundo o Instituto Pereira Passos (IPP), autarquia da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro responsável em colher dados significativos para a otimização das estratégias administrativas da Cidade, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁷ do bairro de

⁶Dados obtidos através do site: <http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/interna.php?n0=1&n1=4&n2=6&n0=3&n1=1>

⁷ A metodologia de cálculo do IDH é baseada sobre índices de longevidade, educação e renda, que variam entre 0 (pior) e 1 (melhor), e a combinação destes índices em um indicador síntese. Quanto mais próximo de 1 o valor deste indicador, maior será o nível de desenvolvimento humano do país ou região.

Campo Grande é 0,809 ficando em 82º lugar entre todos os bairros da cidade. Abaixo segue uma pequena tabela, fração da tabela original do IPP, onde é feita uma comparação entre Campo Grande e os bairros que tiveram melhor e pior IDH da cidade do Rio de Janeiro.

	Esperança de vida ao nascer (anos)	Taxa de alfabetização de adultos (%)	Taxa bruta de freqüência escolar (%)	Renda per capita (R\$ no ano 2000)	Índice de longevidade (IDH- L)	Índice de Educação (IDH-E)	Índice de Renda (IDH-R)	IDH
Campo Grande	69,80	95,98	87,42	351,11	0,747	0,931	0,751	0,809
Gávea	80,45	98,08	118,13	2.139,56	0,924	0,987	1,0	0,970
Complexo do Alemão	64,79	89,07	72,04	177,31	0,663	0,834	0,637	0,711

O IDH da Região Administrativa de Campo Grande também foi considerado nesta pesquisa visto que o objetivo de apresentar esses dados é conhecer a realidade social dos estudantes que freqüentam as escolas de Ensino Médio do bairro, em especial a Escola Estadual Doutor Albert Sabin, universo desta pesquisa. Atualmente, a inscrição dos candidatos a uma vaga no Ensino Médio no Estado do Rio de Janeiro é feita através da Internet. O candidato irá para a escola que aleatoriamente o sistema designar. Portanto não se pode dizer que determinada escola atende prioritariamente a uma certa comunidade. As escolas possuem uma heterogeneidade quanto às origens sociais dos educandos o que pode ser constatado nas tabelas a seguir.

A Região Administrativa de Campo Grande é formada por onze bairros: Barra de Guaratiba, Campo Grande, Cosmos, Guaratiba, Inhoaíba, Paciência, Pedra de Guaratiba, Santa Cruz, Santíssimo, Senador Vasconcelos e Sepetiba. No bairro de Campo Grande se concentram as escolas de Ensino Médio públicas da região.

O IDH da Região Administrativa de Campo Grande é o pior da Cidade do Rio de Janeiro, atestando que em média as pessoas do lugar têm as menores chances de longevidade, escolaridade e renda como pode ser observado na tabela a seguir.

Regiões Administrativas	IDH- Longevidade	IDH- Educação	IDH- Renda	IDH
Cidade do Rio	0,754	0,933	0,840	0,842
Centro	0.782	0.918	0.786	0.829
Zona Sul	0.860	0.971	0.957	0.929
Tijuca/Vila Isabel	0.837	0.983	0.922	0.914
Grande Méier	0.804	0.955	0.816	0.858
Leopoldina	0.759	0.920	0.751	0.810
Ilha do Governador	0.793	0.932	0.806	0.844
Irajá	0.758	0.928	0.778	0.821
Zona Norte	0.761	0.929	0.739	0.810
Barra da Tijuca	0.779	0.907	0.880	0.855
Jacarepaguá	0.794	0.937	0.800	0.844
Campo Grande	0.708	0.900	0.690	0.766
Bangu	0.748	0.930	0.736	0.805

Fonte: Instituto Pereira Passos⁸

Quanto aos equipamentos culturais Campo Grande possui seis salas de cinema no West Shopping⁹, a lona cultural Elza Osborne¹⁰ e o Teatro Estadual Artur Azevedo.

Em 18 de agosto de 1956, quando o Rio ainda era capital federal, sendo presidente da República Juscelino Kubitschek (1902-1976), era inaugurado o Teatro Arthur Azevedo, pelo embaixador Francisco Negrão de Lima (1901-1981), então prefeito do Distrito Federal. Homenagem ao jornalista e escritor que no final do século XIX, dominou o cenário teatral do país. Arthur Azevedo (1855-1908) consolidou o gênero comédia de costumes da sociedade brasileira do final da monarquia e início da república, foi também um dos responsáveis pela construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, inaugurado logo após a sua morte em 22 de outubro de 1908. O teatro possui trezentos e sessenta lugares e necessita de reformas.

Nos anos da década de 1950, no bairro de Campo Grande, um grupo de jovens, entre eles Rogério Fróes, Regina Pierini, Wilson Dray, Zélia Moraes, J. Thomé, Dinear V.

⁸ <http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/interna.php?n0=1&n1=3&n2=3&n3=5&n4=4&PHPSESSID=7dff9f3471e3d874bdc4701fcd3aa46a>

⁹ Shopping Center localizado na Estrada do Mendanha nº 555 no bairro de Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰ Inaugurada a 18 de maio de 1993, em Campo Grande, a Lona Cultural Elza Osborne deu início à concretização do Projeto das Lonas Culturais, cuja idéia central consistia em plantar as grandes tendas da ECO-92 no subúrbio e transformá-las em espaços de interiorização das atividades culturais na cidade do Rio de Janeiro. <http://www.rio.rj.gov.br/culturas/site/cult.php?go=&id=352415>

Plaza, Carlos Branco e outros, liderados por Herculano Leal Carneiro, jovem dinâmico e idealista, criaram o Teatro Rural do Estudante. Este grupo despertou a admiração da engenheira Dr^a. Elza Pinho Osborne, que financiou a construção de um Teatro de Arena, o qual mais tarde recebeu seu nome. O lançamento da “pedra fundamental” foi feito em 1956 pelo Dr. Juscelino Kubitschek, então Presidente da República. O teatro foi fundado em 1958. Entre as personalidades presentes, estavam o então Prefeito, Negrão de Lima.

É importante salientar que esse grupo de teatro participou do I Festival de Teatro Amador de Recife e que dos onze prêmios disputados, nove conseguiram com a peça Zé do Pato escrita pela Dr^a. Elza Osborne, que fazia uma crítica à situação social dos moradores do lugar.

Por muitos anos o Teatro de Arena ficou desativado. Em 1986, houve o lançamento da campanha: “Cubra o Arena e descubra nossa Arte”. E por longos anos, o projeto foi apresentado para inúmeras empresas para conseguir a doação de uma lona de circo para o Arena. Em 1993, o Prefeito César Maia, fez a doação da primeira lona, das que foram utilizadas na ECO 92 pelas organizações não-governamentais, para Campo Grande. O Teatro de Arena, portanto, foi o pioneiro nesse empreendimento. A partir de então surge o projeto Lonas Culturais atualmente reconhecido pelo Mercosul e premiado no exterior como projeto sócio-cultural.

1.2 Trabalho de campo na escola estadual Doutor Albert Sabin

Eu considerei importante fazer pesquisa de campo em algumas escolas públicas de Ensino Médio em Campo Grande para que pudesse esboçar um perfil do que estava sendo oferecido aos estudantes da região em termos de orientações para a vida profissional. A minha experiência como professora do Ensino Fundamental não era o suficiente para entender a estrutura social na qual os meus entrevistados estiveram inseridos. O ambiente escolar foi considerado nesta pesquisa como um dos mais significativos espaços socializadores.

Nessa investida eu fiz entrevistas com vários diretores de escolas do Ensino Médio focando sempre na orientação curricular de cada escola e se essa visava além da preparação propedêutica. Muitas perguntas foram feitas com o intuito de entender se havia um espaço de diálogo entre os alunos e os professores sobre mercado de trabalho, vestibular,

empreendedorismo etc incluindo desde as estatísticas das agências públicas de emprego a perspectivas de futuro. Um dos pontos abordados foi em relação a possíveis parcerias entre as agências de emprego públicas municipais e estaduais e as escolas de Ensino Médio. Mas, segundo os diretores, não existe ainda uma parceria entre SINE¹¹, CMTE¹² e escolas de Ensino Médio e, portanto as estatísticas a respeito das demandas de emprego na região não são consideradas na elaboração do currículo, nem mesmo em oficinas ocasionais com os alunos. Quando foi perguntado sobre orientações dadas aos alunos sobre profissões percebi que esse assunto não estava em pauta na maioria das escolas. Em muitas entrevistas o discurso apontava que os alunos estavam por conta própria quanto ao planejamento do seu futuro visto que a família foi considerada incapaz de dar esse tipo de orientação segundo a visão desses profissionais de educação.

Percebi na fala dos diretores entrevistados que não há um consenso sobre o que é desejado pelo mercado de trabalho. Os atributos ligados a um capital particular (que chamaram de dom, vocação...) e social (relações sociais) foram evocados na tentativa de explicar porque certas pessoas estão mais inclinadas a serem absorvidas pelo mercado de trabalho. As demandas dos postos de trabalho e os cursos que estão mais de acordo com essa demanda não fazem parte do discurso central dos gestores escolares entrevistados. Não conseguiram fazer inferências sobre o que faria uma pessoa ser bem sucedida em sua trajetória profissional. Em suas falas, percebe-se que os diretores apostam mais na vocação dos alunos do que na preparação dentro da escola para que mais tarde possam ser absorvidos pelo mercado de trabalho. A inclinação do discurso é mais subjetiva e ligada à vocação do que pragmática baseada em estatísticas.

Uma das diretoras de uma escola técnica de Ensino Médio, afirma que hoje os alunos devem voltar-se para o “mundo do trabalho” e não para o “mercado de trabalho”. E explica que a diferença está no fato de que não importa o curso escolhido ou o diploma conseguido o que vale na verdade é o olhar empreendedor do aluno, pois, ele pode fazer um curso e trabalhar com algo totalmente diferente. Dependeria do aluno observar o seu ambiente e localizar quais são as deficiências, de serviços, por exemplo, e tomar a atitude de ser empreendedor na sua comunidade. Mas, não há uma orientação sistemática nem

¹¹ Sistema Nacional de Emprego.

¹² Centro Municipal de Trabalho e Emprego.

informal para que o aluno desperte esse olhar empreendedor na maioria das escolas de Ensino Médio públicas de Campo Grande segundo as palavras dos seus diretores.

Pude fazer relações com o que eu já havia lido a respeito das transformações no mundo do trabalho e sobre habilidades e competências. Ao enfatizar a expressão “mundo do trabalho” versus “mercado de trabalho” tornou-se clara a separação entre a orientação do currículo de antes e a de agora, bem como as dualidades formalidade-informalidade, emprego-trabalho, empregado-empendedor. Mas, ao mesmo tempo em que um discurso de inovação curricular quer ser implantado, legitimado, nenhuma disciplina do “currículo novo” volta-se à preparação sistemática do aluno para que este possa fazer escolhas fundamentadas para sua trajetória educacional e profissional.

A família é considerada na maioria das vezes pela escola como incapaz de dar essas orientações e um paradoxo se estabelece: se a família não é capaz de orientar nesse sentido como então se pode esperar que os alunos oriundos destas famílias já cheguem à escola com habilidades e competências de empreendedor? Falou-se muito em aproveitamento das habilidades e em nenhum momento falou-se em currículo voltado a desenvolver essas competências. Houve nesse discurso uma conotação de habilidades inatas.

Um ponto de confluência entre a fala dos vários diretores é sobre a condição de aprendizagem em que os alunos oriundos do nono ano do ensino fundamental chegam ao Ensino Médio. Todos os diretores falaram o mesmo sobre os alunos: que a grande maioria não sabe interpretar textos e situações-problema, escreve ortograficamente mal, bem como tem dificuldade de fazer textos com coesão. Além disso, seria notório o desinteresse em aprender e fazer projetos pessoais.

Indagados sobre os destinos dos ex-alunos de suas escolas, apenas uma diretora soube me responder. Fiquei instigada em saber que grande parte do corpo docente desta escola é formada por ex-alunos cujas trajetórias educacionais estão ligadas a instituições públicas. Restava saber se esses alunos ascenderam socialmente em relação aos seus pais.

O interesse maior na minha pesquisa era entender como as trajetórias profissionais de sucesso, ou seja, aquelas que permitiram que os filhos ascendessem socialmente em relação aos pais quanto à renda e escolaridade, aconteceram em meio a uma estrutura deficitária em Campo Grande e como os agentes se mobilizaram para tal. Mas, como eu poderia checar isso? Seria preciso conhecer um grupo de pessoas que tivesse sido exposto

durante certo período da sua vida a um meio socializador em comum, morado sempre em Campo Grande e estudado em escolas públicas. Então, poderia ser feita uma pesquisa para saber quais seriam as estratégias pessoais que desembocaram numa trajetória profissional satisfatória segundo as apreensões dos depoentes e se esses dados poderiam configurar uma situação de escape aos constrangimentos da estrutura social.

O grupo de professores ex-alunos da Escola Estadual Doutor Albert Sabin atendeu à minha necessidade de um universo para minha pesquisa, porque suas trajetórias de vida configuraram-se no mesmo bairro em meio a condições sociais e econômicas semelhantes. Foram alunos de escolas públicas e suas origens sociais apresentaram-se equivalentes quanto à capacidade de consumo de bens materiais e culturais.

Eu fui muito bem recebida pela direção e por todos da escola desde o primeiro dia do trabalho de campo. Tive total liberdade para circular por todo o ambiente escolar, inclusive a sala dos professores e da direção da escola. Tentei me interar sobre as relações sociais estabelecidas dentro dessa unidade escolar e durante dois meses compareci diariamente à escola permanecendo em média duas horas. Concomitantemente, as entrevistas com os professores ‘ex-alunos’ foram ocorrendo e me incitando em saber porque todos fizeram a mesma promessa: voltar para o Albert Sabin depois de concluir a licenciatura.

Inicialmente, as diferenças estruturais que percebi em relação às demais escolas estaduais foram em relação ao mobiliário e aos equipamentos eletro-eletrônicos. Todas as salas de aula possuem ar condicionado.



A sala de informática possui mais de cinquenta computadores e, portanto, pode atender a uma turma inteira por vez, diferentemente das outras escolas onde a turma seria atendida de forma fracionada, dificultando o planejamento pedagógico.



Há uma sala de vídeo e três equipamentos Data-Show¹³ disponíveis para os professores.



Não há paredes pichadas, depredações. Os corredores do segundo pavimento são decorados com pinturas feitas pelos alunos.

¹³ Projetor Multimídia.



A biblioteca tem um acervo significativo que incluiu das obras clássicas às atuais compradas atendendo às demandas dos alunos.





A escola atende a alunos portadores de deficiência inclusive auditiva e incorporou à rotina das aulas um professor intérprete que conjuntamente com o professor da disciplina ministrada, auxilia no entendimento através da linguagem de sinais. Desta forma, o lema do colégio que é “Escola para todos”, é posto em prática realizando este importante trabalho de inclusão.



Muitas atividades extra-classe, segundo seus idealizadores, são feitas com objetivo de levar a comunidade escolar a refletir sobre a inclusão social



O Colégio Estadual Doutor Albert Sabin foi inaugurado em 1993, com sede na rua Tenente Ronaldo Santoro, S/N - Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro. É um colégio de Ensino Médio. A escolha do nome foi feita através de concurso na comunidade escolar. O nome escolhido foi uma homenagem ao Doutor Albert Sabin falecido nesse ano pela sua valiosa contribuição para a humanidade. O logotipo da escola foi criado pelo professor Paulo Roberto de Oliveira e é utilizado até hoje. Vale salientar que este símbolo está presente em todos os espaços da escola ratificando os seus objetivos comuns.



Conta, atualmente com o corpo docente de cento e dois professores, quarenta e dois funcionários de apoio efetivo e terceirizado e cerca de três mil alunos atendidos em três turnos. Começou a funcionar, inicialmente, com quarenta e oito turmas de 1ª série do antigo 2º grau, distribuídas igualmente em três turnos. Com o decorrer dos anos e a grande demanda de vagas, o número de turmas subiu para cinquenta e um. Um prédio anexo está sendo construído para que a escola possa atender à demanda de alunos do Ensino Médio. Atualmente a equipe gestora desta escola é composta pela diretora Geral Professora Doutora Sirléa Silva Reis e pelos diretores adjuntos: João Djalma de Freitas, Rogério Tavares e Maria Júlia Ururahy Doga Kiuchi.

CAPÍTULO II: Referenciais teóricos e bibliográficos

Esta dissertação trata de uma questão que se beneficiou de trabalhos, pesquisas e reflexões anteriores. Os autores Pierre Bourdieu, Maria Alice Nogueira, Amartya Sen, Robert Castels, Gaudêncio Frigotto, Jorge Werthein e Antonio Carlos Gomes da Costa foram especialmente úteis para que eu orientasse a pesquisa, pensasse as trajetórias e formulasse as perguntas. Anthony Giddens e Zygmunt Bauman me ajudaram a refletir sobre os relatos das trajetórias de vida.

Meu interesse maior, a grande questão que deu origem a esta pesquisa foi tentar entender se e como moradores de um bairro que oferece uma estrutura deficitária de equipamentos culturais, alunos de escolas com poucos recursos e oriundos de famílias com baixo capital econômico e cultural conseguiram construir uma trajetória de sucesso. A definição de sucesso foi construída a partir da constatação de que o indivíduo conseguiu ascender em relação aos pais quanto à renda e à escolaridade e a partir de suas próprias apreensões sobre o que é ter sucesso.

Definido o tema *estratégias pessoais e trajetórias de sucesso nos meios populares*, senti a necessidade de focar em determinado período de tempo. Foi então que decidi, a partir de várias leituras sobre educação e trabalho, optar pela geração de estudantes que iniciaram seus estudos a partir do final da década de 1980. Data desta época a Constituição de 1988, também conhecida como Constituição Cidadã pela ênfase dada aos direitos humanos e civis, entre eles, o direito à educação pública e gratuita. A universalização do acesso à educação foi uma conquista do final da década de 1990, no primeiro governo Fernando Henrique Cardoso.

No entanto, deve-se salientar que sob o mesmo rótulo “universalização da educação para o desenvolvimento da pessoa humana” encontravam-se realidades sociais diversas, congruentes ao passado histórico de cada país, de cada região. Enquanto no Brasil havia um grande número de trabalhadores com pouca escolarização para uma apropriada leitura analítica das transformações em curso e das exigências de um mercado cada vez mais excludente, a Itália, por exemplo, conduzia a sua agenda de políticas para a educação visando levar os trabalhadores a adquirir elementos de flexibilidade e polivalência para enfrentar as transformações tecnológicas e os novos problemas postos pelo novo modelo econômico em desenvolvimento. (Frigotto, 2005:13)

Para me aproximar do tema que me mobilizava, foi preciso selecionar entrevistados que sempre moraram no bairro de Campo Grande e estudaram em escolas públicas do bairro entre os anos de 1989 e 2000. Após várias visitas a escolas públicas do bairro para conhecer um pouco os recursos oferecidos nessas escolas, conheci o grupo de professores da escola Doutor Albert Sabin que eram ex-alunos desta escola. Achei sociologicamente interessante estudar um grupo que retornou para trabalhar no lugar onde foi socializado. Fui instigada a saber se esse fato social configurava as estratégias pessoais que eu buscava.

Resolvi investigar um pouco mais sobre o grupo para saber se podia se constituir no universo da minha pesquisa.

Para grande satisfação o grupo tinha as características que eu precisava para tentar responder a minha questão e testar as minhas hipóteses. Os entrevistados sempre moraram no bairro de Campo Grande, estudaram em escolas públicas no período selecionado e a profissão de professor permitiu-lhes ascender em relação à profissão dos pais.

Muitos conceitos e categorias foram considerados durante esses meses de pesquisa de campo. Acredito que os conceitos de *habitus*, campo e capital cultural (e todas as categorias surgidas a partir deles como violência simbólica e excluídos do meio) de Bourdieu foram a sustentação das minhas questões, das minhas reflexões.

Fui a campo tentando entender como foi construído o *habitus* de cada ator. Por isso, investi em muitas perguntas sobre rotinas de práticas familiares. Era preciso entender se mesmo diante da carência de recursos materiais valores familiares foram incorporados e conduziram os entrevistados a buscar outros recursos para construir suas trajetórias.

Segundo Bourdieu,

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita, que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim. (Bourdieu, 1983:94)

O conceito de *habitus* satisfaz a necessidade que Bourdieu tinha de explicar como o indivíduo (agente) internaliza, no seu corpo, nos seus gestos, o grupo social do qual faz parte levando em conta a preocupação de não direcionar a sua análise para um reducionismo explicativo estruturalista ou individualista. Trabalhei com o conceito de *habitus*, tal como proposto por Bourdieu, e sua manipulação por parte do indivíduo que permite alguma margem de manobra na construção da sua trajetória de vida. A transformação intencional do *habitus* minimizaria os efeitos dos determinismos sociais.

Segundo uma visão estruturalista, o grupo social do qual o indivíduo faz parte desde o seu nascimento seria o responsável em direcionar todas as ações individuais sem a mínima possibilidade de escolha; a institucionalização de valores seria anterior e independente dos indivíduos. Numa visão individualista o indivíduo, racional e maximizador de seus interesses, seria o sujeito de suas ações, e desenvolveria atitudes que

estivessem mais de acordo com a satisfação das suas necessidades com vistas ao alcance de seus interesses.

O *habitus* agrega em si uma explicação que tangencia essas duas vertentes e que está mais de acordo com as minhas hipóteses: quanto maior o conhecimento que o indivíduo tem da sua situação de disputa dentro de um campo social, maiores serão suas chances de manipular o seu *habitus* e acumular capital específico. “O *habitus* (...) sendo produto da história, é um sistema de disposições abertas que não cessa de ser afrontado por experiências novas e, portanto, não cessa de ser afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável” (Bourdieu, 1992: 108-109). Assim, ele responde à grande questão das Ciências Sociais (a estrutura social forma os sujeitos ou os sujeitos criam ou recriam as estruturas?) e me permite acreditar que houve certa margem de liberdade para as escolhas que os depoentes fizeram.

Acredito que a sociedade está inscrita no indivíduo e se este tiver a oportunidade de socializar-se em inúmeros campos sociais, terá, provavelmente, maiores chances de se fazer reconhecer numa disputa. Assim, passaria a compreender que precisa manipular o seu *habitus* e acumular o capital necessário ao campo no qual quer ter liberdade de escolha. Nessa pesquisa o campo em questão é o da empregabilidade. O indivíduo começa a ter condições de concorrer num campo quando ele percebe como não-naturais as verdades (ortodoxia) produzidas pelo campo e reproduzidas pelos sistemas simbólicos:

O *habitus* também pode ser transformado através da sócio-análise, a tomada de consciência que permite ao indivíduo voltar-se sobre suas disposições. Mas a possibilidade e a eficácia deste tipo de auto-análise são elas mesmas determinadas em parte pela estrutura original do *habitus* em questão, e em parte pelas condições objetivas sob as quais se produz este tipo de consciência. (Bourdieu, 1992: 108).

Na concepção de Bourdieu, o campo é um espaço de jogo e de luta entre o novo (dominados, pretendentes) e o os dominantes. É um espaço estruturado de posições que são objetos de disputas. As posições independem de seus ocupantes para existir. Cada campo possui propriedades suas que as diferenciam dos outros campos apesar de possuírem leis que não variam. Cada campo possui uma doxa, ou seja, regras e verdades implícitas que são conhecidas pelos dominantes do campo e que ao serem desveladas pelos dominados garantem-lhes alguma possibilidade de impor uma nova doxa. As regras são objeto de luta.

Algumas perguntas das entrevistas foram feitas com o objetivo de levar os professores a falarem sobre suas apreensões a respeito dos requisitos essenciais para se tornar empregável. Dessa forma tentei entender como a escolha da carreira de professor aconteceu como uma estratégia diante da situação social em que se percebiam.

Uma das minhas preocupações, ao formular as questões das entrevistas foi conseguir saber se os depoentes fizeram escolhas fundamentadas para sua trajetória e quem foi responsável por essa orientação: Escola? Família? Amigos?

Bourdieu enfatiza o papel da família nesse tipo de orientação:

Os alunos bem-nascidos, que receberam da família um senso perspicaz do investimento, assim como os exemplos ou conselhos capazes de ampará-los em caso de incerteza, estão em condições de aplicar seus investimentos no bom momento e no lugar certo, ou seja, nos bons ramos de ensino, nos bons estabelecimentos [...] ao contrário, aqueles que são procedentes de famílias desprovidas [...] são obrigados a se submeter às injunções da instituição escolar ou ao acaso para encontrar o seu caminho. (Bourdieu, 1998:54)

Qual terá sido o papel da escola estadual Doutor Albert Sabin na trajetória desses ex-alunos? A escolha da profissão estaria vinculada à relação professor-aluno nesta instituição?

Acredito que uma pessoa que teve uma origem social com privação de recursos em vista de seu capital econômico e social deva ter possibilitado o acesso a uma educação que permita conhecer as regras do jogo social na qual está inserida e as ferramentas para tentar minimizar as diferenças reais de disputa no mercado de trabalho e para a ascensão social. Uma pessoa que teve uma vida privada de recursos materiais e simbólicos poderia compensar tal privação com a educação. As famílias orientam seus membros de acordo com o capital cultural e social que dispõem e que nem sempre é o requisitado pelo mercado de trabalho. Portanto, caberia à escola ser um lugar confiável e afetuoso que pudesse oferecer aos educandos maiores chances de compreensão da sua situação social, orientando-lhes em planejamentos a curto, médio e longo prazo.

A rotina da escola deveria estar voltada a práticas que contribuíssem para uma mudança no *habitus* dos alunos. O livro *Educação para o desenvolvimento humano* é sobre o trabalho desenvolvido pelo Instituto Ayrton Senna que atende crianças e jovens de baixa renda oferecendo-lhes uma educação de qualidade voltada para o desenvolvimento

humano¹⁴. O que mais me chamou atenção no projeto do instituto e que deu origem ao livro é como o trabalho pedagógico é adaptado individualmente. O aluno é pensado como ser único e toda a avaliação da sua aprendizagem tem como objetivo a etapa seguinte. É muito usada a expressão: “escolhas fundamentadas”. O aluno faz escolhas a partir de um projeto individual e é orientado a manter-se no caminho para atingir seus objetivos. O autor que colaborou com esse entendimento sobre escolhas fundamentadas foi Antonio Carlos Gomes da Costa autor do livro citado acima. O texto abaixo ilustra a filosofia que norteia o projeto:

O que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez. Nada adianta ter oportunidades e não saber fazer escolhas. Como tampouco, adianta saber fazer escolhas e não ter oportunidades. Além de ter oportunidades, as pessoas precisam ser preparadas para fazer escolhas. As escolhas são feitas com base nas crenças, valores, pontos de vista e interesses das pessoas. (Costa, 2004:26)

O livro citado foi importante para a minha pesquisa porque passei a desnaturalizar a palavra “escolha” percebendo-a como fundamental na trajetória de um indivíduo, principalmente se este for de origem social precária de recursos. Muitas perguntas foram formuladas com o intuito de saber se durante a experiência escolar houve pessoas que os ajudaram a fazer escolhas que foram cruciais na sua trajetória profissional num contexto em que os jovens vêm revelando dificuldades de desenvolver projetos de vida organizados e expressivos devido, muitas vezes, à desestruturação de suas condições familiares, de sua posição social, e das restrições impostas pela contrição e competitividade extrema no mercado de trabalho. Amartya Sen, no livro *Desigualdade Reexaminada*, enfatiza este ponto: “A liberdade substantiva de uma pessoa para buscar seus fins depende tanto de quais fins ela tem, como de qual poder ela tem para converter bens primários¹⁵ em satisfação desses fins” (Sen, 2001:140).

Alguns autores apontaram mudanças nos rumos da educação para se adequar ao novo mundo do trabalho. Robert Castel me ajudou a entender os imperativos do novo paradigma de competência das empresas e a conseqüente vulnerabilização/exclusão dos trabalhadores que não atendem a essas novas normas de excelência.

¹⁴ Duplo processo de gestação, biológico e social.

¹⁵ Meios para qualquer propósito ou recursos úteis para a busca de diferentes concepções do bem que os indivíduos podem ter. (SEN, 2001, p.136)

A flexibilidade não se reduz à necessidade de se ajustar mecanicamente a uma tarefa pontual. Mas exige que o operador esteja imediatamente disponível para adaptar-se às flutuações da demanda. Gestão de fluxo tenso, produção sob encomenda, resposta imediata aos acasos dos mercados tornaram-se os imperativos categóricos do funcionamento das empresas competitivas [...] a empresa funciona como uma máquina de vulnerabilizar, e até mesmo como uma máquina de excluir. A ‘administração participativa’ exige a mobilização de competências não apenas técnicas, mas também sociais e culturais que pegam no contrapé a cultura profissional tradicional de uma maioria de assalariados. [...] a exigência de qualificação não corresponde sempre a imperativos técnicos [...] Hoje, nem todo mundo é qualificado e competente, e a elevação do nível de formação continua sendo um objetivo social. Mas este imperativo democrático não deve dissimular um problema novo e grave: a possível não-empregabilidade dos qualificados. (Castel, 1998: 517)

No contexto da Constituição Cidadã, os indivíduos podem competir entre si com plena igualdade de direitos sendo a educação um dos primordiais. Sabe-se, entretanto que há uma concorrência desleal entre possibilidades reais de disputa entre indivíduos de origens sociais diferentes. Nesta abordagem, os “includos” socialmente deveriam a sua situação ao seu esforço e competência. Afasta-se desta maneira a reflexão sobre os grandes abismos sociais que existem no nosso país e ignora-se o fato de que milhares de pessoas frequentam a escola, mas nem por isso têm chances reais de disputar no mercado de trabalho com pessoas que desde a mais tenra idade foram socializadas em ambientes propícios ao acúmulo de capital social, cultural e escolar. Esses capitais são ingredientes fundamentais para um modelo de competência solicitado indiretamente ao trabalhador pelos empregadores e que constituem a ‘qualificação tácita’ tão importante quanto a qualificação dos diplomas e certificados. Os jovens seriam os mais vulneráveis, estando fadados a aceitarem contratos de curta duração, numa mobilidade que mesclaria períodos de alternância de atividades e inatividade. “Essa maneira de habitar o mundo social impõe estratégias de sobrevivência fundadas no presente”. (Castel, 1998:529)

O quanto dessas reflexões pesou na escolha da carreira de professor?

Através dos dados colhidos nas entrevistas pretendi identificar os empregos que foram ambicionados e todas as articulações que se travaram em torno da conquista do trabalho do momento. É nessas ‘articulações’ que pretendo colher as percepções que os entrevistados têm da família, da escola e do lugar onde viviam como facilitadores da construção do capital específico no campo da empregabilidade. A expectativa é que possa

ainda ter elementos para identificar as razões pelas quais escolheram a profissão de professor.

Quanto ao processo de “certificação” pelo qual todos os indivíduos necessitam passar na sociedade ocidental quando pretendem alocar-se no mercado de trabalho, dois autores me fizeram refletir : Amartya Sen e Pierre Bourdieu. Sen discorre sobre a igualdade utilizada para legitimar a desigualdade. “Faz-se a justificação da desigualdade em algumas características repousar na igualdade em alguma outra característica, como mais básica neste sistema ético.” (Sen, 2001:50). Imediatamente fiz uma conexão com a reflexão de Bourdieu a respeito do aumento do contingente de diplomados que desemboca num processo que ele denomina ‘eliminação branda’. Este processo estaria diretamente ligado ao fato da democratização do acesso à escolarização, inclusive ao ensino superior e que, conseqüentemente, geraria um número muito grande de pessoas com diploma com pouco valor. Este foi o contexto histórico-social em que viveram/vivem os jovens cuja trajetória está sendo estudada pelo menos no que diz respeito ao acesso à educação gratuita e extensiva a todos.

Qual seria a conexão entre as idéias dos dois autores?

O valor de cada diploma seria pesado diferentemente no campo da empregabilidade de acordo com a origem institucional do certificado, e, provavelmente, de acordo com o grupo social ao qual cada indivíduo pertence. Portanto, as relações sociais (essência para o acúmulo do capital social), na maioria das vezes, conquistadas através da família seria um dos diferenciais na hora de conseguir um emprego. A ‘igualdade’ de oportunidades de se ‘diplomar’ teria relação diretamente proporcional à desigualdade de chances de conseguir um emprego. Achei importante saber se esse tipo de reflexão havia sido feita pelos entrevistados antes da escolha da profissão de professor.

Argumenta Maria Alice Nogueira, a partir de uma análise bourdiesiana:

Esse efeito de depreciação relativa, oriundo da multiplicação do contingente de diplomados leva a uma intensificação da utilização da escola, por parte das categorias já – anteriormente – utilizadoras dela, e a uma desilusão, por parte dos novos utilizadores, no que se refere às aspirações que nutriam em relação às credenciais escolares obtidas. É no seio destes últimos que o processo de desvalorização faz suas maiores vítimas, pois que, em geral são privados de outras espécies de capital (em particular o capital social), capazes de rentabilizar seu certificado escolar. (Nogueira,1998:12)

Além de todas as reflexões feitas anteriormente, havia a necessidade de tentar entender um pouco sobre o último lado desse triângulo socializador aqui considerado: o bairro, ou melhor dizendo, o ethos comunitário. Alguns autores me ajudaram a refletir sobre as possíveis apreensões que os entrevistados poderiam ter do lugar onde sempre moraram. Tais apreensões poderiam ter influenciado na escolha da profissão do magistério? Haveria na fala dos entrevistados algo que indicasse ser a profissão docente viável frente às deficiências acumuladas no trajeto de formação, na experiência familiar e no convívio escolar?

Quanto à socialização permitida num lugar, eu pressuponho que quanto mais longe fisicamente os indivíduos estiverem da capital, dos centros do poder, menos chances eles têm de acumular capitais sociais e culturais importantes à sua ascensão social estando fadados a viverem no mesmo lugar e orientarem suas decisões somente para o que apreendem como real. Bourdieu corrobora esta idéia:

[...] os que não possuem capital são mantidos à distância, seja física seja simbolicamente, dos bens socialmente mais raros e condenados a estar ao lado das pessoas ou dos bens mais indesejáveis e menos raros. A falta de capital intensifica a experiência de finitude: ela prende a um lugar. (Bourdieu, 2003:164)

E ainda sob o mesmo enfoque:

A reunião num mesmo lugar de uma população homogênea na despossessão tem também como efeito redobrar a despossessão principalmente em matéria de cultura e de prática cultural: as pressões exercidas, em escala da classe ou do estabelecimento escolar ou em escala do conjunto habitacional pelos mais carentes ou os mais afastados das exigências constitutivas da existência “normal” produzem um efeito de atração, para baixo, portanto de nivelamento [...]. (Bourdieu, 2003:166)

Uma outra idéia é que o lugar físico também tem relação direta com a construção do *habitus* individual; as edificações também inspirariam a construção de um *habitus* de lugar, onde a história contada por elas alimentaria percepções de continuidade, naturalidade e, portanto, permanências sem questionamentos. Esta situação não favoreceria pessoas da periferia, pois, não criaria uma atmosfera propensa a mudanças, à construção de projetos pessoais, pois, teriam o lugar como referência e como coisa natural dada. Diferentemente, pessoas que moram em lugares centrais, cujo capital econômico se revela nas construções, no acesso a bens raros e a equipamentos culturais, o *habitus* do lugar tenderia a ser realimentar dessas transcendências do espaço físico. Nessa situação a união dos pares traria

como consequência maiores oportunidades de reforçar os laços sociais e de acumular mais capital social. Bourdieu enfatiza:

Não há espaço em uma sociedade hierarquizada que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (basta pensar na idéia de “fronteira natural”). (Bourdieu, 2003:160)

Uma outra pressuposição é que os lugares são vistos de forma preconceituosa por quem está de fora. Não se tem certeza de como é, mas, pelo fato de estar afastado do centro supõe-se que “naturalmente” os *habitus* individuais e coletivos foram construídos com recursos escassos (falta de acesso a equipamentos culturais, deficiência dos meios de transporte etc.) e que, portanto, possuem pouco capital. Os moradores da periferia seriam estigmatizados pelos das zonas centrais, abastadas, e criariam/reforçariam para si distâncias sociais que estariam além das distâncias no espaço físico. Acredito que se livrar desta auto-prisão seria o primeiro passo na construção de um *habitus* com maior plasticidade. Bourdieu reitera:

Sob pena de se sentirem deslocados, os que penetram num espaço devem cumprir as condições que ele exige tacitamente dos seus ocupantes. Pode ser a posse de um certo capital cultural, cuja ausência pode impedir a apropriação dos bens ditos públicos ou a própria intenção de se apropriar deles. [...] o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não têm em comum senão sua comum excomunhão.” (Bourdieu, 2003:165)

Zygmunt Bauman colabora com esse entendimento indo além de uma abordagem inter-relacional indivíduo-sociedade. Numa visão psicologizante, ele apregoa que se afastar do lugar de origem é afastar-se da segurança, da previsibilidade. Isso ajuda no confinamento das classes inferiores. Seria esse o motivo dos ex-alunos da escola Doutor Albert Sabin terem retornado a esse colégio para serem professores? Seria o motivo pelo qual não tenham se mudado para um bairro que oferecesse uma melhor infra-estrutura, inclusive de equipamentos culturais? Algumas questões foram formuladas com a intenção de saber se a afetividade nas relações pessoais estabelecidas tanto na escola quanto no

bairro reforçaram a idéia de permanecerem no mesmo lugar e trabalharem na escola na qual estudaram.

Devido a todos esses aspectos, a oposição longe-perto tem mais um dimensão crucial: aquela entre a certeza e a incerteza, a auto-confiança e a hesitação. Estar longe significa estar com problemas – o que exige esperteza, astúcia, manha ou coragem, o aprendizado de regras estranhas [...] A idéia de “perto”, por outro lado, representa o que não é problemático; hábitos adquiridos sem sofrimento darão conta do recado [...] Seja o que for que se conheça como “comunidade local”, foi algo que surgiu dessa oposição entre “aqui” e “acolá”, “longe” e “perto”. (Bauman, 1999:20-21)

Resumidamente, Bauman atenta para o mais alto grau de desintegração das relações sociais no espaço da cidade:

Algumas coisas, porém estão fadadas a saírem vitoriosas, seja qual for a estratégia escolhida: a nova fragmentação do espaço da cidade, o encolhimento e desaparecimento do espaço público, a desintegração da comunidade urbana, a separação e a segregação e acima de tudo, a extraterritorialidade da nova elite e a territorialidade forçada do resto.(Bauman,1999: 30-31)

CAPÍTULO III: Disposições sociais e a profissão de professor

3.1 Considerações iniciais

Neste capítulo trabalharei com as apreensões que os entrevistados têm sobre a profissão de professor para tentar entender como aconteceu a escolha da profissão. Organizei o capítulo de forma a agregar os assuntos mais recorrentes na fala dos entrevistados e aqueles destacados por estes como sendo de grande importância para a

escolha da profissão de professor. Além das apreensões que os depoentes têm de sua própria trajetória, uma reflexão sociológica se fez necessária para que se pudesse entender como disposições sociais relacionadas à socialização primária foram consideradas pelos entrevistados na escolha da profissão e encontraram nesta um encaixe satisfatório.

As categorias “longe” e “perto” foram utilizadas recorrentemente pelos depoentes e nos permitem perceber o quanto de familiar havia na relação com o ambiente escolar e com a profissão de professor. Acredito que a palavra “perto” foi o termômetro que indicou o quanto havia de previsibilidade e segurança e que, portanto, os depoentes tinham interesse em manter. O “longe” representava além da distância física, o desconhecido, o imprevisível, o incontrolável.

Combinaram em suas trajetórias disposições sociais ascéticas às experiências escolares interessantes despertadas por algum professor que até hoje permanece na memória. Percebe-se então que os depoentes criam um sentido para suas trajetórias a partir do contato com um determinado professor. O “professor da memória” está sendo considerado aqui como uma referência de vida para os entrevistados que os considera o incentivador de cursos de ação diferentes daqueles que estruturalmente estariam destinados a eles. Embora, essas orientações tenham encontrado limites nas disposições sociais dos depoentes estes professores os incentivaram a mobilizar outros recursos como o capital escolar. Teria então a profissão de professor surgido dessa combinação? É sobre isso que tratarei nesse capítulo.

3.2 O professor construído na memória

Início com a reflexão sobre o ‘professor da memória’ dos entrevistados. A partir das entrevistas percebo que há um ‘lugar comum’ na fala dos depoentes quando trazem à memória certos professores. Não houve o interesse de quantificar os dados recolhidos pelas entrevistas, mas, se percebe que os entrevistados trazem à memória um professor tipo-

ideal¹⁶ que acaba sendo recorrente em muitas falas. Como se trata de uma pesquisa qualitativa e que têm como foco a memória dos depoentes foi interessante estudar esse modelo de professor que os entrevistados têm na memória e a conexão que fazem consigo mesmos no presente.

Na apreensão dos entrevistados, ser professor (ontem ou hoje) é ser possuidor de um habitus¹⁷, de uma práxis¹⁸, ambos ligados à dotação de conhecimentos. O ‘professor da memória’ conteria essa bagagem de conhecimentos que os depoentes têm como objetivo pessoal e profissional. Em algumas passagens percebo que os entrevistados consideram alguns professores como o mais importante acesso ao conhecimento que experimentaram, não conseguido através de outros meios durante a infância e adolescência.

Mas, ao mesmo tempo em que enaltecem esse conhecimento personificado na figura do professor, eles acreditam que o mais importante oferecido por estes não foi a transmissão de conteúdos propedêuticos, mas, o conhecimento sobre as suas condições de vida e sobre que possíveis caminhos poderiam seguir. Tudo leva a crer que o ‘professor da memória’ o é porque se constitui como ponto fixo nas trajetórias, alguém que estava perto compartilhando as experiências do cotidiano apontando caminhos. Talvez esse seja o ponto crucial nessa pesquisa: o quanto as experiências proporcionadas por algum professor encontram ressonância nas experiências dos depoentes como professores, criando uma conexão entre passado e presente, produzindo uma trajetória com alta significância para os entrevistados. O ‘professor da memória’ é o ponto fixo na constituição de suas identidades profissionais e pessoais. A seguir selecionei alguns trechos das entrevistas de forma a trazer à reflexão o que foi comentado anteriormente.

Tudo foi identificação dentro da escola. Eu me identificava com os meus professores, com a visão inteligente que eles demonstravam ter assim da vida, com a

¹⁶ Conceito utilizado por Max Weber Assim, “o tipo ideal não descreveria um curso concreto de ação, mas um desenvolvimento normativamente ideal, isto é, um curso de ação ‘objetivamente possível’. O tipo ideal é um conceito vazio de conteúdo real: ele depura as propriedades dos fenômenos reais desencarnando-os pela análise, para depois reconstruí-los.” Fonte: Site <http://www.culturabrasil.pro.br/weber.htm>, acessado em 10 de fevereiro de 2009.

¹⁷ “O habitus, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita, que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim”. (BOURDIEU, 1983)

¹⁸ “Na Sociologia pode ser resumida como as atividades materiais e intelectuais exercidas pelo homem que contribuem à transformação da realidade social”. Fonte: Site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Práxis>, acessado em 10 de fevereiro de 2009.

reflexão. Assim, eu não, eu percebo que muita gente quer ser professor assim no começo pela questão de gostar de mandar, gostar de liderar, eu não tinha esse perfil. Era realmente assim a questão do conhecimento. Aí fui pra faculdade de Letras com essa identificação. E daí fluiu normalmente.

Indagado sobre a socialização com livros, o entrevistado não traz à memória experiências familiares para dar sentido à sua fascinação atual por livros, mas, lembra-se de que o desejo surgiu a partir do que observava do habitus dos seus professores:

Eu vou te dizer que eu não tinha acesso fácil não. Eu tinha um livro ou outro que eu não guardava não sei onde. Mas, tudo partiu da escola. Eu via os professores com os livros nas mãos então eu achava que dava status. Então, eu juntava dinheiro, eu já fazia meus bicos com catorze, quinze anos. Eu juntava dinheiro pra comprar livros, por exemplo, do Globo que era três reais, essas coleções de clássicos baratos e não era nem por causa da história. Só que eu lembro que o primeiro livro que eu comprei e li foi o Dom Casmurro de Machado de Assis e daí eu não parei mais. Que bom: eu só queria segurar o livro e quando eu resolvi abri-lo, eu percebi que o professor não só segurava o livro, mas, abria o livro pra ler. Eu abri também e me dei bem até hoje.

Outro entrevistado também traz à memória os seus ex-professores cujas orientações considera fundamentais e com quem compartilha seus cotidiano até hoje.

Eu gostaria até de citar isso. Realmente um professor influencia muito na sua... talvez não exatamente no caminho que você vai seguir, mas, pelo menos a sua abertura para aquele tipo de conhecimento. Tive uma professora, professora Arilda, que inclusive ela trabalha comigo na escola. Ela vai se aposentar esse ano e tudo. Que se não fosse ela eu acho que eu não teria feito Matemática. Ela foi uma professora que percebeu que eu me destacava um pouquinho em Matemática e falou assim: - Fábio suas provas vão ser diferenciadas, vamos dizer assim. Eu fazia as provas como todo mundo normal, mas ela me dava aula-extra. Não que eu fosse fraco, mas porque ela queria que eu me desenvolvesse mais vamos dizer assim, entendeu? E aquilo pra mim foi muito bom, entendeu? Não, que eu não tivesse chance de sair dali e passar pra prova do CTUR¹⁹, não é? Mas ela me deu uma força muito grande. Outro professor foi o professor Paulo Vicente que trabalha

¹⁹ Colégio Técnico da Universidade Rural, localizado no município de Seropédica, estado do Rio de Janeiro.

comigo agora no Bahiense²⁰. Fiz o meu pré-vestibular no MVI²¹ e ele foi meu professor. Até enquanto ele foi meu professor eu tinha dúvida se eu devia fazer Veterinária ou Matemática. E ele sempre falou pra mim: Pô cara faz Matemática. Tu é bom, não sei o que. Veterinária tu vai ganhar dinheiro, mas, não é a tua aptidão. E hoje eu trabalho com ele no colégio. E assim, eu acho que eles fizeram o papel de educador mesmo. De professor mesmo. Me mostraram não só aquela coisa de escrever: o quadrado da hipotenusa ... eles saíam disso. Acabava a aula e eles vinham conversar comigo e com outros alunos também: Pô cara faz isso, faz aquilo.

Também a identificação com a literatura o entrevistado atribui à influência de uma professora.

A minha identificação com Literatura, depois com Inglês e em definitivo eu fui mais tendendo para a área de Português, Língua Portuguesa. Tinha uma professora Maria Célia aqui no Albert Sabin que discutia os textos com a gente, que não dava aula nesse formato tradicional. A cada dia a gente estava sentada num formato diferente de sala de aula, cada dia a gente estava assistindo um vídeo diferente. Ela sempre conversava de igual pra igual. Era uma professora que eu queria ser como ela porque ela não gritava. Ela olhava no olho do aluno e perguntava: Por quê? Aí se a gente tivesse bagunçando a aula ela perguntava: Por que você quer estragar esse momento? Aí, às vezes a gente não tinha um porquê e a gente acabava mudando a nossa postura. Então, Literatura partiu dela. Depois com os cursos de Inglês que eu tinha feito no SENAC²² eu passei pra Letras Português-Inglês e em definitivo por conta do mercado de trabalho, como eu ia bem em Língua Portuguesa, acabei vindo pra essa área de curso preparatório.

Outro professor também considera importante a orientação que recebeu de um professor:

Vários [professores da escola Dr. Albert Sabin] de hoje aqui foram meus professores, quando eu fiz o estágio na faculdade eu fiz com um professor daqui e o professor de Matemática que não está mais aqui, coincidentemente eu estou no lugar dele, foi meu coordenador na graduação. Quando eu terminei meu Ensino Médio: -Bem eu vou fazer a graduação. Aí pensei em fazer, conversei com ele, aí ele: - Faz na universidade tal.

²⁰ Instituição privada de ensino localizada no bairro de Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro.

²¹ Instituição privada de ensino localizada no bairro de Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro.

²² Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

Aí começou aquela história de curso em três anos. Aí ele coordenador: - Não faz isso. Infelizmente vai ser uma tendência. Eu tinha acabado de começar em dois mil e dois. Aí ele: - Faz aonde tem ainda em quatro anos. Você não sabe muita coisa, foi bem real, você não tem o estudo de geometria plana, por exemplo, geometria plana e geometria analítica e na graduação você já deve chegar sabendo. E agora? Faz lá, se você quer se dedicar, não quer perder muito pros federais você vai ter que correr atrás. Então, ele deixou as coisas bem claras. E era professor daqui. Mas, não era aquele professor que eu olhava... eu respeito ele como um pai, mas, não foi aquele professor que deu aquela aula que eu quando crescer quero dar aula igual a ele. Não foi esse. Mas, o respeito acadêmico, intelectual por ele é imenso. Ele me incentivou nessa etapa.

Um outro entrevistado confirmou as indicações do anterior. Atribuiu aos bons professores o exemplo para atitudes que mantém em sala de aula.

(...) E se eu não conseguir oferecer nada além do que eu vivi pelo menos oferecer aquilo que eu vivenciei que era uma experiência sempre agradável, sempre lúdica, sempre tentando ter essa relação de afetividade. Eu sempre tive uma relação muito boa com os meus professores. Tanto é que hoje é estranho, mas, os meus professores hoje são os meus colegas de trabalho, muitos deles são meus amigos íntimos. Eu tive uma professora, o nome dela é Regina Reis, professora de Ciências. E o colégio do município não tinha um laboratório de Ciências e ela em momento algum ela se conformou com o não ter ou com a dificuldade do colégio montar um laboratório de Ciências. Então, a gente fazia o laboratório de Ciências em sala de aula. Então, nós fazíamos experiências com aquilo que nós tínhamos em mão. Então, montávamos instrumentos de medição climática, de observação climática, como biruta, barômetro, pluviômetro. Tudo isso com garrafa pet²³ e bola de encher, com saquinhos com... enfim com o material que a gente tinha disponível a gente conseguia fazer essas experiências em sala de aula. No final, é claro, a gente ia fazendo relatórios. Eu achava aquilo mágico. A gente levava tudo pra casa e montava um cantinho onde eu dizia que era meu laboratório. Eu tinha lá todos aqueles aparelhos que eu tinha que tomar nota. Então, aquilo pra mim era genial. Eu me sentia um cientista, me sentia um cientista. Porque eu estava vivenciando aquilo que o livro, aquilo que estava no livro. Então, era dar vida, fazer aquele conteúdo saltar da folha.

²³ Garrafa plástica não retornável utilizada para acondicionar produtos.

Os depoentes sempre trazem à memória exemplos de como seus professores lhes ajudaram num entendimento que ia muito além dos conteúdos e que lhes possibilitava enxergar e não ficar indiferente aos problemas sociais. É uma prova de que os entrevistados herdaram essa postura dos seus professores está no fato de que antes mesmo de concluírem a graduação, lecionavam em organizações não-governamentais e em cursos comunitários preparatórios para o vestibular. Pode-se perceber que uma das disposições sociais que teve continuidade e reforço após a escolha da profissão de professor foi aquela voltada para trabalhos comunitários. Por isso, creio que além da questão de se sentirem seguros numa profissão com a qual estiveram sempre muito envolvidos percebo que essa identificação está relacionada também ao papel que consideram que o professor tem na sociedade: um papel altruísta, engajado nas causas comunitárias, ou melhor, dizendo, nos trabalhos que possam favorecer diretamente a quem está numa situação social precária de recursos materiais e de perspectivas de futuro.

Disposições humanistas podem ser percebidas na fala dos entrevistados seja através do relato de suas trajetórias envolvidas com alguma atividade social seja pela sua prática profissional no ambiente escolar onde buscam fazer um trabalho que esteja além do repasse de conteúdos. As falas indicam que há disposição para “fazer o que tem que ser feito” como um hábito incorporado e como a escolha em servir como um valor moral consciente e refletido enquanto tal. Eles denotam um compromisso com os alunos que está além do ensino de conteúdos. Os professores aqui entrevistados acreditam que viver em comunidade é ter compromissos e relações duradouras e estar consciente dos efeitos das suas ações sobre a vida dos outros.

Uma das professoras entrevistadas disse o quanto se sente desprestigiada na sua profissão por causa do baixo salário. Mas, considera a sua participação importante na vida dos seus alunos, pois avalia o quanto eles estão sozinhos nas suas escolhas. Esse sentimento a ajuda a se conformar com a baixa remuneração e o baixo status social que a profissão lhe confere. E quem a ajuda a perceber isso é uma professora que lhe indica um vídeo sobre motivação.

A professora Luciete passou um vídeo. Nossa, muito bom sobre motivação. Inclusive ela me deu esse vídeo e toda vez que eu estou meio assim, meio pra baixo com

eles mesmos, com os alunos eu assisto esse vídeo. Nossa, ele é muito bom! É do Daniel, acho que é do Daniel Goldrim, alguma coisa assim. Muito bom.

Uma das perguntas feitas aos entrevistados dizia respeito à vocação docente. Com ela eu pretendia entrar em contato com a percepção dos depoentes a respeito de sua própria profissão. Uma escolha? Uma possibilidade? O que foi possível no mercado? O que levaria um professor à carreira? As falas nos ilustram sobre os caminhos da vocação.

O sentido de vocação para o magistério é lido pelos depoentes como uma consciência de responsabilidade social com aqueles estudantes, com aquele ambiente de privação, com o despreparo para a competição futura.

(...)É aquela coisa de você estar em contato com as pessoas, estar em contato com os adolescentes, com o mundo deles. É muito bom. Eu estava muito desmotivada há um tempo atrás. Mas, aí eu vi que a gente que é professor qualquer coisa que a gente faça e fale a gente consegue fazer a diferença na vida deles. Principalmente aqui. Aqui nós temos áreas muito carentes e alunos muito carentes.

Os professores avaliam suas atitudes com relação aos alunos como um desdobramento de suas próprias trajetórias de dificuldades e de falta de esclarecimentos. É como se eles quisessem evitar que os estudantes passassem pelos mesmos desafios e ou fracassos pelos quais os próprios professores passaram. Uma das depoentes deixa esse sentimento muito claro:

Olha, eu tive uma experiência que me assustou um pouco numa turma. A turma era 2012, turno da noite. E eu perguntava para eles o que eles pensavam sobre o que aconteceria quando saíssem daqui. O que farão da vida? Já ouviram falar em vestibular? Muitos nunca haviam escutado falar sobre o vestibular; muitos não conheciam o processo do vestibular. Não conhecem as universidades que tem. Sabem por exemplo, que tem a Rural. Lembro de uma menina, a Luciene que chegou para mim e disse assim: Eu quero ser assistente de juiz. Aí eu falei: Você quer fazer Direito? Ela disse: Não, não, eu quero estudar aqueles casos... E eu fui descobrir depois que ela queria ser assistente social. Aí eu expliquei para ela. Eu sempre procuro levá-los a pensar o que farão depois do Albert Sabin. O que vocês pretendem fazer lá fora? Muitos alunos eu incentivo a tentarem... muitos eu incentivo a irem lá no pré-vestibular comunitário. Quando eles não têm condições de pagar eu falo: Vai lá, se inscreve, estuda, faz um preparatório... Têm muitos

pré-vestibulares comunitários espalhados pela Zona Oeste. (...) é muito pelo o que eu passei na minha trajetória. Muito por ter vindo de família humilde e ter pensado para além daquilo que deveria estar imposto. Quando eu olho para eles, parece que para a classe mais pobre está reservado ser mão-de-obra . E que mão-de-obra? Pedreiro, faxineiro ... Tem que pelo menos pensar em ser mais do que isso. Então, é muito pelo que eu passei, pelo que eu vivi. Eu quero que eles vejam para além daquilo que está imposto para eles.

Mas, essa “vocação para ajudar” não os faz perder o foco das outras responsabilidades que têm em relação ao futuro dos seus alunos:

Eu acredito sim, acredito que sim. A vocação de ajudar o outro dessa forma né, de ajudar. Agora uma boa aula, uma boa transmissão de conteúdo não se resume à vocação e ao dom. Se você tiver vocação, mas, por exemplo, não freqüentar congresso, se você não ler, se você não se atualizar, a sua vocação não vai ser tão útil. Acho assim que a excelência profissional no magistério não se resume à vocação. Não se resume. Na sala de aula, eu discuto muito a identidade do meu aluno, a realidade dele. Sabe eu desafio muito o meu aluno com as questões tal, tal só que eu também tenho uma grade curricular pra dar conta. Então, não adianta ser aquele professor que discute muito a realidade tal,tal,tal que promove o espírito do aluno se eu também eu esqueço que ele tem que fazer infelizmente ainda um vestibular pra entrar na universidade pública e também não dou conteúdo. Então, eu preciso atuar nas duas partes. Eu preciso usar da vocação, do dom, do incentivo, agora eu também tenho que ter consciência da realidade escolar na qual eu estou vivendo.

O contato com os alunos, segundo os entrevistados, seria a oportunidade de não esquecerem suas origens sociais e de construírem sua auto-identidade a partir de valores onde buscam conhecer “o outro”. No contato com a alteridade reafirmam quem são e isso envolve comprometimento social. Trabalharei sobre essa questão no próximo capítulo, pois, ela está muito ligada aos valores considerados pelos depoentes como intrínsecos à comunidade escolar Albert Sabin.

Por se considerarem não alheios ao que se passa com os seus alunos apontam a falta de valorização como a maior decepção da sua profissão. Como foram fundamentais as experiências com os professores que tiveram para a construção das suas trajetórias, por que hoje os seus alunos também não os tomam como orientadores? Por que não valorizam a profissão que tem esse engajamento social, se o que mais admiravam nos seus professores

era a capacidade de observarem o tempo e o mundo, não estando alheios ao que estava acontecendo em suas vidas, levando-os a crer que haveria um espaço no campo social para eles também?

Mas as falas parecem confirmar um dos argumentos desenvolvidos por Zygmunt Bauman a respeito da conexão rarefeita na sociedade contemporânea entre atores sociais. Prevalecendo a lógica do hedonismo, parece preponderar no ambiente das interações sociais a busca pela satisfação de seus próprios desejos: “Para criar valor, basta criar, por qualquer meio, uma intensidade suficiente de desejo”. (Bauman, 2003:117) Uma das depoentes menciona a dificuldade de se manter um encantamento dos alunos pelos professores pelos mesmos motivos de antes. Constatando que os alunos valorizam o “agora” - a busca incessante dos seus desejos nunca satisfeitos por mais que consumam - como poderiam valorizar um profissional com baixo status social, baixo salário e conseqüentemente baixo poder de consumo? Hoje, os jovens encerrados no hedonismo encontram poucos pontos de conexão com o que os professores têm a oferecer:

Em relação ao ambiente de trabalho a relação aluno-professor está muito difícil e a cada ano que passa está piorando. Toda essa crise que a gente vive em termos sociais, de valores, moral sei lá... isso se reflete na sala de aula na relação entre aluno-aluno e aluno-professor. O professor não é mais aquela figura extremamente respeitada. Acho que antigamente até exagerava. Mas, hoje se perdeu o limite de aluno-professor. Então essa relação professor-aluno está num processo de deterioração. É complicado. Mas, mesmo assim eu não me sinto desmotivada. Eu acho que eu ainda tenho com o que contribuir.

A alteração da relação docente/discente, no entanto, não foi percebida como resultado de uma escolha equivocada da profissão:

Eu estou satisfeito com a minha profissão que eu escolhi, mas, não estou satisfeito com a maneira que nós somos tratados.

E outro entrevistado complementa:

Muitas vezes eles[alunos] não têm o apoio da família, não têm o apoio do Estado, não têm o apoio do governo. É pouco o incentivo à cultura, o incentivo à Educação, então, são algumas dificuldades que a gente tem enquanto professor. É o que eu sinto. Mas, eu acho que nada disso ainda me faz desistir de ser professor. Não penso em mudar de profissão.

Um tratamento que indica a desvalorização da profissão. Ainda que considerem que a “vocação” permaneça, o reconhecimento da desvalorização foi apontado como um dos problemas mais agudos no exercício do magistério:

(...) acredito mais na valorização. Eu acho que o cara pode ter assim a pior profissão, vamos dizer. Mas, se todo mundo valorizasse aquela profissão o cara ia se sentir bem, se sentir importante. Não quero ser um pop star, não quero flashes, mas eu quero ser valorizado pelo o que eu fiz. Eu estudei no mínimo doze anos. Fiz meu Ensino Fundamental, fiz meu Ensino Médio, fiz a minha faculdade como qualquer outra. Por que é que quando eu falo que eu fiz licenciatura em Matemática e o cara fez Medicina, o cara é mais importante? Não estou falando como recalcado não. Mas, é diferente. E por que o professor é desvalorizado? Tudo bem o médico no Estado também ganha quinhentos e poucos reais. Mas, é diferente: o status.

Ou, como nos revelou outro entrevistado:

(...) há um pouquinho a falta do respeito acadêmico. Professor não é um... não sei, eu sempre gostei de respeito acadêmico. Eu já tive muitos professores, o cara não sabe dar aula, não sabe... mas, eu respeitava a capacidade intelectual daquele cidadão. Você tentava dali. Lembro muito disso. Tinha um amigo que falava assim: - Cada professor a gente tem que assistir aula diferente. Ele quis dizer assim, cada um tem o seu jeito. Com esse professor eu posso sentar atrás e conversar um pouquinho que eu vou entender apesar de tudo; pra o outro tem que sentar na frente. Eu entendia um pouco de sociedade; eles eu não sei, não sei como eles vão ficar daqui a cinco anos não. Mas, falta família. Família é que é o fator.(...) É muito ruim dar aula pro Ensino Médio público hoje. Você chega pra dar uma aula pra pessoas que não querem te ouvir. Então você está estudando, eu ainda estou muito na ativa estudando, eu tenho que dormir quase todo dia de madrugada porque eu estou estudando. Então, você está lá cheio de boa intenção pra passar pras pessoas e as pessoas não querem. Por isso, a vontade de dar aula no nível universitário público federal. O cara vai ter que querer senão, 'sinto muito, você vai ficar'.

O depoimento de outro entrevistado confirma o diagnóstico dos outros:

A sociedade não valoriza mais o professor, a ponto de qualquer um dar aula. O engenheiro dá aula de Matemática, o médico dá aula de Biologia. Qualquer um dá aula,

em vários cursos aí. Qualquer um dá aula. Virou uma sub-profissão. O cara se forma: - Ah dá aula lá, num sei quê. O cara é administrador, dá aula de Economia.

3.3 Disposições sociais para agir e identificação com uma carreira ascética

O quanto há de real nesse professor que habita a memória não há como mensurar. Mas, quando se reflete sobre esse tipo ideal e as disposições sociais iniciais de cada entrevistado pode-se chegar a interessantes conexões entre o passado dos depoentes e seus objetivos a partir do que apreendiam como real. Se ser professor é suplantar a baixa remuneração e a falta de status social, pode-se pensar que estas posturas são congruentes com disposições de superação. Acredito que as diferentes disposições determináveis constituídas como, por exemplo, a disposição à renúncia de si, à superação de si e o engajamento humanista formaram um sistema de disposições configurando-se como uma fórmula geradora de comportamentos. Acredito que ao observarem seus professores dessa forma podem ter se identificado com essas disposições: superaram a falta de recursos oferecidos pela família e pelo bairro e conseguiram ascender socialmente em relação aos pais.

Mas, por que escolheriam uma profissão onde a superação deve acontecer diariamente? Acredito que entre tantos motivos, as disposições ascéticas das suas trajetórias combinam também com essa profissão onde a resiliência não é algo incongruente com o passado dos depoentes. O ascetismo é reativado principalmente na vida profissional. Talvez essa atitude ascética possa estar relacionada a uma trajetória onde não havia possibilidades de distrações fora da escola e do ambiente doméstico, e onde a moral do esforço e do trabalho foram sempre reforçados. Os entrevistados consideram que a facilidade de acesso à Internet e ao mundo do consumo, afasta o aluno da escola:

Eles[alunos] têm tudo pra tirar a atenção deles da aula, da escola. Hoje a escola tem que trazer o aluno pra ela. É isso que a gente não tá vendo muito isso. É o contrário, eles estão se afastando cada vez mais da escola. Porque foi o que eu te falei: tem o shopping, tem a Internet, tem o passeio, o colega, o namorado, coisas que antigamente não tinha. Eu não tinha essas coisas entendeu? É, o vídeo game das crianças, das crianças menores, isso tudo.

Ao que parece, realmente foram estimulados a um ascetismo escolar onde a responsabilidade, desde a mais tenra idade, foi direcionada ao indivíduo. Acredito que seus pais e responsáveis não tiveram estabilidade em seus trabalhos e por isso viviam de forma bem regrada em relação às despesas. Os entrevistados relatam que tiveram uma vida controlada financeiramente com pouco entretenimento fora de casa e com pouco acesso aos bens culturais que julgavam ser importantes na sua formação. Por isso também dão muita importância ao fato de poderem ter se empregado com estabilidade rapidamente. A estabilidade financeira permite que hoje os depoentes possam realizar sonhos familiares inclusive aqueles ligados a um certo hedonismo como, por exemplo, lancha no shopping nas lanchonetes conhecidas como *fast food*, ir a teatros na Zona Sul e centro do Rio de Janeiro, fazer passeios em automóvel próprio ou utilizando um serviço de táxi. Os próprios pais dos depoentes, apesar de considerarem a profissão mal remunerada, valorizam diante dos filhos, o fato de terem uma profissão estável talvez em memória de suas próprias trajetórias sem estabilidade de emprego.

De Piedade de trem ao Centro da Cidade [Rio de Janeiro] eu gasto vinte minutos. De táxi eu gasto meia hora e eu pago vinte, vinte e cinco reais. Eu me dou o direito às vezes de fazer uma programação e posso voltar de certa forma mais seguro pra casa porque eu vou ter dinheiro pra financiar um táxi ou pra pegar uma van. Entende?

Outra entrevistada também relata a estrutura que havia em Campo Grande na sua infância e adolescência e as limitações materiais que encontrou:

Antigamente as coisas eram muito difíceis. Não é igual a hoje que a gente pode ir no Mac Donald's né, levar a criança para ir no Bob's, no shopping, não tinha essas coisas. Então, os nossos passeios eram assim, mais casa de parentes mesmo. (...) Antigamente não tinha o teatro, hoje é que a gente tem o Teatro de Arena²⁴. Na minha época nós não tínhamos teatro. Eu vim a conhecer o teatro acho que aos vinte e cinco anos. Entendeu? Porque aqui em Campo Grande não tinha. Nós não tínhamos carro. Eu vim a conseguir depois que eu entrei pro Estado. E aí é que eu fui conhecer o teatro. Aqui realmente... aqui em Campo Grande... realmente nós somos... como é que se fala? Desprovidos.

²⁴ A senhora Elza Osborne cedeu sua propriedade para a construção de um teatro em forma Arena ao ar livre. Após várias décadas de existência e muito tempo sem utilização, o espaço ganha da prefeitura do Rio de Janeiro uma lona que havia sido utilizada na ECO-92. Nasce assim o projeto das lonas culturais do Rio de Janeiro. E hoje este espaço cultural é chamado Lona Cultural Elza Osborne.

Experiências relatadas durante as entrevistas ajudaram a entender certas disposições para agir consolidadas no patrimônio dos entrevistados, construídas no âmbito familiar e escolar e em harmonia com a práxis do professor. Não foram disposições conflitantes, pelo contrário se somavam disposições culturais legítimas (como por exemplo, a reverência à leitura e à escrita) e disposições utilitárias que se orientaram no sentido da escolha da profissão.

A importância das matrizes de socialização familiar e escolar na constituição das disposições sociais, especialmente para as mães grávidas (e transferíveis), dentre elas [...] que se beneficiaram da precocidade, da permanência e da sistematicidade do ambiente socializador familiar. (Lahire, 2004:173)

Nota-se que os agentes sentem que houve essa harmonia das disposições. A escolha da profissão se deu em conectividade com os valores defendidos pela família. Sejam quais forem esses valores, os depoentes sempre os chamam ao presente para embasar os argumentos em torno da questão da escolha da profissão. Mais uma vez pode-se pensar no quanto o familiar, o perto está intimamente ligado à profissão.

Saber que não estamos sós e que nossas aspirações pessoais são compartilhadas por outros pode conferir segurança. As pessoas que tropeçam entre uma escolha arriscada e outra e que nunca têm certeza de que a escolha feita resultará na bem-aventurança que esperam, aceitam qualquer tipo de conforto. (Bauman, 2003:60)

Na percepção dos professores entrevistados, a profissão docente não envolvia o risco que se tem ao lidar com o novo, ou seja, era 'previsível' porque os professores sempre pertenceram a esse campo e dominavam a sua rotina, conheciam as regras. Estavam fortemente ligados ao campo escolar e não se dispuseram a contemplar novos cursos de ação. Demonstram que a tomada de decisão pela profissão de professor esteve sempre pautada em argumentos ligados à previsibilidade e à segurança mesmo que houvesse um forte apelo sentimental à figura do professor ideal mantida/construída na memória. Visavam estabilidade e segurança material antes arriscarem-se por caminhos profissionais não conhecidos. Além de trazer um retorno financeiro rápido, a profissão de professor congregava em si a possibilidade de trabalhar com os recursos com os quais estavam acostumados, num ambiente familiar. Os entrevistados ratificam a importância de uma profissão que confere estabilidade financeira.

Olha, estabilidade... Dá estabilidade você saber que você não vai ser mandado embora. Você precisa fazer uma besteira muito grande pra ser exonerado. É um ponto. Isso já me agradava porque eu dava aula em casa particular, e se não pintar aula particular na outra semana como é que você vai fazer? Então, eu passei um pouquinho por esse trauma. Então, quando eu peguei as minhas duas matrículas quando eu saí da universidade eu conseguia respirar. Beleza. Não preciso do particular, fome ninguém vai passar. Professor ganha mal, ganha mal em vários estados. Professor municipal hoje ganha um pouquinho melhor, mas, acredito que as coisas vão melhorar. A parte do dinheiro não me incomodava tanto. Não achava que, eu não ganho bem, mas, não achava que eu ia ganhar o que eu ganho hoje. Quando você não tem então é lucro. Quem já tinha uma renda, amigos da faculdade, da universidade particular, tinham uma renda boa. Quem tinha renda de seis ou sete mil familiar quando se formou ganhando dois é prejuízo, é derrota na vida né? Só que eu não tinha.

Outra entrevistada também segue a mesma linha de pensamento:

E os meus pais sempre conversavam muito comigo: 'A mulher tem que ser independente. Você tem que ter a sua vida, você tem que ter o seu dinheiro, você tem que ter a sua casa, o seu carro. Sempre conversavam muito. Meu pai bateu muito nessa tecla, sempre. Você vai ser independente, você vai ser profissional e a minha mãe junto. (...) É hoje em dia é complicado, mas eu ... É primeiro pensar naquilo que gosta, mas, nem sempre aquilo que gosta vai poder trazer um retorno financeiro mais rápido. Porque nós não somos ricos. Então, tem que ser um retorno rápido. Não fácil, porque fácil não tem nada pra ninguém né? Mas tem que ser mais rápido. Eu acho assim: a pessoa, vamos supor, mora aqui em Campo Grande tá? Eu não quero assim botar limites nas coisas, mas, eu penso dessa forma. Como que você vai fazer uma faculdade, você pode até fazer mais vai ser muito mais difícil você arrumar emprego. Por exemplo, de jornalismo. Entendeu? É muito mais difícil. Porque você mora numa comunidade, vamos supor, você mora numa comunidade aqui em Campo Grande, tudo é difícil aqui. O seu conhecimento²⁵ não é tão amplo a ponto de você conseguir um trabalho tão rápido quando você terminar a faculdade. Tem profissões que eles hoje em dia falam e tudo que não condiz com a realidade deles entendeu? Então, eu acho que eles deveriam pensar mais claro no que vai

²⁵ Acredito que queira referir-se ao Capital Social.

fazer, mas, algo que traga um retorno mais rápido. E ler, ler muito, ler os jornais porque hoje em dia se você ver a estatísticas, o pessoal precisando de técnicos. Faz um pós-técnico. Não têm técnicos. Hoje em dia a Petrobrás paga para você aprender uma profissão. Não sei se você já viu isso também. Tem cursos me parece de novecentos reais que eles pagam por mês pra você aprender porque não têm técnicos lá dentro. Então há uma necessidade muito grande desses técnicos. Então, um pós-médio eu aconselharia eles: - Ó, saiu do ensino médio científico, o antigo científico, básico, vai pra um pós-técnico pra você pelo menos começar a trabalhar. Isso é aquele aluno que não tem aquela estrutura. Agora se você tem uma estrutura vai direto pra faculdade né. Presta um vestibular ou então vai pra uma faculdade particular que é um meio mais... e fazer essas profissões que hoje em dia estão dando dinheiro, um retorno e um retorno rápido. E sempre pensando no emprego público. Isso aí eu falo muito pra eles. Sempre pensando na carreira pública. Assim, de você ser um funcionário público. Porque você ser um funcionário de uma empresa privada hoje em dia também...

A entrevistada considera que seria mais adequado então para as pessoas que moram em Campo Grande que concentrassem a sua atenção para conseguir um emprego público:

É, ficar tentando essa coisa do emprego público. No caso é difícil porque tem que estudar né? Não é tão fácil, mas, eu acho que seria o mais adequado de repente pra eles. Muitos não vão pra esse lado né? Isso aí a gente sabe.

Todos os entrevistados fizeram concurso público para o magistério ainda quando cursavam a licenciatura. Quando já estavam empregados consideraram que podiam voltar a estudar, fazendo cursos de pós-graduação, mestrado e o doutorado, mas, com a tranqüilidade reconfortante da garantia do emprego.

Eu quando estava no terceiro ano do Segundo Grau eu trabalhava não com o intuito de ficar com aquele emprego ali. Eu trabalhava para juntar um dinheiro pra se caso eu não passasse no vestibular, eu pagaria a faculdade particular. Aprendi isso com os meus pais, com o meu irmão mais velho. Meu irmão é muito mais centrado que eu. Não sei se é pelo fato dele ser militar desde os catorze... Aquela coisa: vamos em frente, vamos em frente. Meu irmão mais velho é: Vambora, tá ruim, mas, tá bom. Vambora. Meu irmão mais velho sempre foi assim.

Ou, por um outro depoente: , *hoje é muito... acho que por ele [aluno] ter aqui em Campo Grande o Sabin uma escola... o poder aquisitivo deles, a renda familiar não é muito ruim desses alunos. Muito diferente acho que da minha geração que estudou na década de 90 e terminou o Ensino Médio em pleno ano 2000. É diferente. Eu vinha aqui, eu dava aula aqui no Sabin, “dava aula aqui no Sabin ,[o professor se corrige] estudava aqui no Sabin daqui eu saía direto pra casa pra dar aula particular. Ou então, dava aula particular de manhã, vinha à tarde pro Sabin e à noite dava aula em casa. Eu dava aula porque o livro era pago. A gente não tinha livro. Então, você tinha que comprar. Meu pai, eu tinha certos problemas em casa, eu tinha que comprar o livro. Aí hoje eles ganham o livro e eles reclamam que o livro é pesado, reclamam que têm que carregar o livro, reclamam de tanta coisa. Eu sou contra. Eu acho que o governo não deveria dar. Comida na escola? As pessoas ficam quatro horas aqui. Por quê? Se fosse escola no formato americano ou alemão tudo bem. Mas, não. Precisa de uma instituição que dê comida pra o povo? Faz a instituição. Chega de brincar de Educação. Eles entram pra escola já querendo sair. Esse clima meio estranho. Eles já chegam tendo muitas coisas fora da realidade. Eles têm um celular caro, mas, não sabe como aquilo ali foi difícil pro pai ter. Então, estudar não tem sentido. Muitas vezes o pai ou a mãe não são educadores e tão próximos. Então, a família é mais distante do que a da minha geração.*

O mesmo sentimento reaparece na fala de uma professora:

Então, assim, era uma vida difícil porque eles [pais] tinham que sair... não estudavam... estudavam até um certo período ... mas, por exemplo, não conseguiram cursar um ensino fundamental completo... que eram tirados por conta de trabalhar na roça... A história de vida da minha mãe e do meu pai foi uma história de vida de trabalho...uma história de vida de retirantes do nordeste ...

Os entrevistados não tiveram a necessidade de parar seus estudos para trabalhar, mas, pelo contrário têm em comum o fato de que sua rotina diária era totalmente ligada à escola. A escola era centralizadora do tempo. Todas as atividades diárias eram planejadas a partir do tempo que sobrava da rotina escolar. Isso denota que a prioridade era a vida escolar. Todos os entrevistados relatam que foram bons alunos e se sentiam responsáveis por sua realidade segundo orientações de suas famílias.

Até a oitava série eu digo que eu estudei muito. Porque antigamente nós não tínhamos shopping, eu sempre falo isso. Shopping, computador, não tinha nada disso. Pra você ter um rádio, uma vitrola, sei lá, um toca-discos, um toca-fitas era muito difícil. O que nós tínhamos mesmo era a televisão. E a maior parte do tempo que eu tinha sem fazer nada, ou eu brincava ou eu estava estudando. E na maioria das vezes eu estava estudando. Aí se você pegar as minhas notas assim eu sempre fui a melhor aluna.

Os momentos de folga, os passeios eram modestos:

Era mais assim, casa de parentes. Em Nilópolis, sempre em Nilópolis. A gente sempre ia pra Nilópolis, onde o pessoal, a família do meu pai morava lá. Agora que eles vieram pra Campo Grande. Mas, eles moravam lá, minhas tias. Nós íamos muito pra Niterói também. E viajava assim, a gente sempre viajava em fevereiro, nas férias. Eu sempre passei carnaval em Minas onde a minha avó mora que é a mãe da minha mãe. Aí ia sempre pra lá fevereiro, carnaval. Era mais assim. A gente não passeava muito. Antigamente as coisas eram muito difíceis. Não é igual a hoje que a gente pode ir no Mac Donald's, levar a criança para ir no Bob's, no shopping, não tinha essas coisas. Então, os nossos passeios eram assim, mais casa de parentes mesmo.

A rotina de estudo e a responsabilidade da vida estudantil é também lembrada em depoimento de outro professor: *Eu sempre fui aquele cara quase nerd, entendeu. Eu era aquele que o pai falava você tem hora para estudar, você tem hora para lanchar, você tem hora para brincar, você tem hora para ir no parque, entendeu? Dia... não sei cara... Talvez tenha juntado o fato de eu ter feito matemática com o fato da minha criação, eu sou um cara muito programado. Eu gosto muito das coisas assim... tudo bem aconteceu um imprevisto, mas eu gosto de tudo programado. Dia tal... Fez sol, então vamos à praia, não tem que programar também eu também não sou um robô. Mas, eu nunca fui como os alunos que eu vejo aqui. Eu sempre tive objetivo, acho que a palavra certa é essa, entendeu? Eu sempre fui um cara centrado. Antes quando eu era aluno, quando eu estava lá do outro lado do banco, tinha cinco ou seis alunos que não queriam nada. Entre aspas porque a gente ouve aquela coisa de não querer nada, você é que tem que forçar o aluno a querer alguma coisa com estratégias novas. A realidade é um pouco diferente. Tinha cinco ou seis alunos que não queriam nada e agora é raro você ter cinco ou seis alunos que querem alguma coisa. É difícil acontecer. Eu já andei acompanhando algumas pesquisas e você vê*

que talvez seja a transformação da família, a transformação da sociedade, que os valores mudaram e agora o cara não tem uma figura paterna ou materna. Ele não tem em quem se apoiar então ele não constrói sei lá o cognitivo dele lá, e aí fica essa esculhambação toda que você tem que dar um jeito. Você que ganha quinhentos e vinte reais por mês. Entendeu?

Os professores consideram que o comportamento de aluno bem adaptado ao ambiente escolar era natural e o remete a evidências compartilhadas por todos. Todos os alunos seriam assim, às vezes surgia um desviante. “Essa imperceptibilidade de ascense doméstica traduz a adequação da disposição incorporada e do modelo de comportamento parental interiorizado.” (Lahire,2004: 246)

A associação entre hábitos escolares e participação da família no trajeto dos depoentes foi um dos temas recorrentes nas entrevistas. Tão forte que uma das causas mais freqüentemente lembradas das dificuldades que os professores enfrentam no exercício do magistério acaba tocando na alteração da rotina familiar e da integração, ou melhor, da falta de integração entre projeto familiar e projeto escolar. Um dos depoentes deixa esse ponto muito claro:

Bom, pelo fato da minha mãe ser professora e ter sido a minha professora, eu sempre tive aquele hábito assim de acordar, tomar banho, tomar café, pegar a mochila que estava arrumada desde o dia anterior por nós. A gente sempre teve aquela coisa assim... vou chegar na parte da noite... Continuando, a mochila arrumada por nós e saía. Pegava um ônibus que passava em frente à minha casa e ia para a escola. Tinha aula normal, como eu disse a educação ainda era boa. Voltava pra casa correndo pra ver Chaves²⁶. Chegava em casa almoçava, via Chaves, adorava, todo mundo gostava. Acho que até hoje o pessoal ainda vê. Aí, no início, no primário, dormia de tarde aí acordava fazia os trabalhos antes da hora do lanche. Sempre tinha essa rotina. Fazia o trabalho de escola do dia, lanchava aí ia pra rua, podia. Minha mãe ou meu pai, dependendo do dia e do horário, já tivesse visto que os trabalhos já estavam ali, porque eles acompanhavam entendeu? Visto que estava tudo ali, e já tinha lanchado, você podia ir pra rua. Podia brincar, podia jogar bola, podia soltar pipa, o que você quisesse. Jogar vídeo game. Aí depois: jantar. Aí você voltava pra casa arrumava a mochila, o caderno do dia e ia dormir. Ela ficava

²⁶ El chavo Del Ocho (Chaves no Brasil) é uma comédia da televisão mexicana com aproximadamente mil e quatrocentos episódios criada por Roberto Gómez Bolaños e exibida originalmente entre 20/06/1971 e janeiro de 1992.

preparada antes. Essa era a rotina, ou seja, meus pais acompanhavam a minha educação, viam o que eu estava fazendo, ou não fazia, o que eu estava deixando de fazer, via o que o professor passava ou não, tudo sob controle. E eu como bom garotinho achava aquilo um saco, porque queria brincar mais, estudar menos, mas vejo que foi importante. Fui sendo construído entendeu? Quando eu já estava no ginásio não precisava falar mais nada, já tinha aquela coisa construída. Você foi adestrado? Sei lá, eu fui educado. Se ter educação é ser adestrado... Eu sei que eu tenho que tomar banho todo dia. É ser adestrado tomar banho todo dia? Tá entendendo o que eu quero dizer? Acho que eu fui educado pela cultura que eu recebi. É diferente nesse ponto.

3.4 Família e perspectivas de vida

A família segundo os entrevistados ainda tem um grande peso na trajetória dos indivíduos. Se antes ela os incentivava a um ascetismo escolar que culminaria na graduação e num emprego estável, hoje ela tem incentivado e “permitido” o consumo desenfreado. Ela estaria dando autonomia cedo demais aos jovens sem muni-los com valores básicos essenciais à vida social e à construção de projetos de vida.

Um depoente ao comparar a sua trajetória a de seu aluno aponta a seguinte diferença:

Perspectiva de vida. O que aparecer para eles está bom. Pra mim expectativa é diferente de objetivo. Por exemplo, eu sempre tive um objetivo, sempre fui criado para fazer uma faculdade. Eles não. Alguns sim, a maioria não. Isso é objetivo. Eles não têm objetivo. Qual o objetivo deles? Nenhum. Qual a expectativa, o que eles esperam no terceiro ano[série final do Ensino Médio]? Nada. Vai perguntar prum cara que tá no terceiro ano (ele já não tem mais aula, ele está saindo da escola, a última prova dele é quarta-feira, menos de uma semana para ele ser ex-aluno do Sabin), o que ele espera na quinta-feira: nada. Tá entendendo? Ele não começou a agir a vida dele. Eu quando estava no terceiro ano do segundo grau eu trabalhava não com o intuito de ficar com aquele emprego ali. Eu trabalhava para juntar um dinheiro pra se caso eu não passasse no vestibular, eu pagaria a faculdade particular.

E outro entrevistado daria o seguinte conselho para alguém que tivesse que se inserir no mercado de trabalho:

Eu diria para ele olhar pra si, ver aquilo que ele quer fazer e ir atrás. Se aquilo vai dar certo, se vai ser exatamente como ele planejou provavelmente não. Por exemplo, eu entrei na faculdade de Letras pensando no curso de Literatura e hoje eu sou conhecido por ser professor de Língua Portuguesa. Mas, a própria vida nos ajuda a entender a realidade e da mesma forma que ela fecha algumas portas ela vai abrindo outras. Agora se você estiver parado não adianta ter porta fechada ou porta aberta. Você não vai a lugar nenhum. Então é: Não pare. Não pare, arrisque. Sabe, entra numa faculdade. “Não sei se eu vou ter dinheiro para pagar o ano todo...” Você tem dinheiro para pagar um semestre? Entra que dali vai você vai ou vai aparecer uma oportunidade de bolsa ou você vai como eu trabalhei como monitor lá na minha faculdade particular, ou você vai passar num vestibular e vai pra uma universidade pública como eu acabei me graduando nas duas: Português-Inglês em uma e depois Clássicas e por aí vai. Não pare. Não pare. Porque quanto mais você, quanto mais tempo você perde às vezes mais difícil fica de recuperar.

E ao comparar a sua trajetória a de seus alunos aponta a seguinte diferença:

Olha, a principal diferença está em alguns pais que não se interessam pelo o que está acontecendo com o filho fora de casa. Como eu tinha uma mãe que me cobrava muito então quando eu deixava de me cobrar ela estava me cobrando. E os alunos... Eu sempre sonhava em ter uma realidade diferente e alguns não, estão satisfeitos com a realidade que estão. Os próprios pais são assim também. Então assim, uma das principais diferenças entre mim e o meu aluno são os pais.

Os entrevistados ao criticarem severamente a conduta das famílias dos seus alunos em relação ao incentivo ao consumismo e ao não interesse por projetos de vida, na verdade o que os professores querem é reafirmar os valores nos quais foram socializados.

A família é considerada pelos depoentes como possuidora de um grande poder de influência sobre os seus entes: permitiriam ou não que os valores atomizados e ligados ao consumismo fossem absorvidos pelo indivíduo. Portanto mais uma vez é possível perceber o quanto consideram fundamental a orientação da família. Inclusive a participação da família nas atividades escolares é considerada fundamental para que o aluno consiga se adequar ao ambiente escolar e produzir projetos de vida. Se esses valores são tão valorizados pelos professores chega-se à conclusão de que estes lhes são familiares ou pelo menos muito desejados. E se estes são tão claramente super-estimados levam a crer que

foram suporte para as suas ações, inclusive na escolha da profissão. Opinando ou não sobre qual profissão escolher esta não foi selecionada sem levar em consideração os postulados básicos familiares.

E a postura da família fazia diferença no quadro geral de avaliação dos entrevistados:

A minha mãe também me cobrava muito. Eu sempre cresci com essa consciência de que eu era responsável pela minha realidade também. Então, a escola participou como o lugar que eu tinha pra planejar uma realidade diferente. (...) a minha mãe era severa demais. Ela dizia o seguinte, todos os livros eu tinha, porque ela dizia você pode até repetir a roupa, mas, você vai ter o livro. Vou fazer isso, mas, você vai ter o livro. A minha mãe teve uma participação muito ativa na escola. Ela ia à escola pra saber porque não tinha aula, ela ia à escola saber porque a minha nota estava mais baixa e ela sempre ouvia primeiro o professor pra depois ouvir a mim. Pelo menos ela demonstrava isso pra mim. Eu não sei se era verdade, mas, era uma estratégia dela que eu tinha que me preocupar com a minha postura diante do professor porque ela levaria o professor em consideração. Então assim, ela me cobrava e participava da minha vida escolar. Não é como algumas mães que, infelizmente existem, que querem que o filho eduque pra ela. E orientação é uma coisa que eu trago assim... a orientação dos pais é essencial no projeto de vida, no projeto escolar do aluno. É essencial.

3.5 Reforço positivo ao acúmulo de capital escolar

Como já foi apontado, os entrevistado sempre foram bons alunos e sempre estiveram submersos no universo escolar. A prática da profissão era conhecida por eles seja porque tinham pais professores ou porque a escrita e a leitura eram valorizadas e consideradas pela família como um capital escolar. Segundo as orientações da família, ler e escrever eram habilidades que deviam ser desenvolvidas para conseguirem boas notas, para estarem de acordo com o capital escolar esperado dando seqüência ao projeto de vida familiar que era a diplomação no Ensino Superior. Os saberes escolares valiam muito. Eles foram alunos aplicados tanto em matéria de método de trabalho quanto de regularidade de esforço realizado. Possuíam uma rotina que se organizava em torno das atividades escolares

e tinham por obrigação se interarem nos conteúdos propedêuticos através da ajuda dos professores ou por esforço próprio.

Sendo as atividades diárias ligadas à conquista do capital escolar, a profissão de professor lhes era familiar. Os entrevistados possuíam os capitais simbólicos do campo²⁷ pois, sempre estiveram muito afinados com o capital escolar e eram reconhecidos nos estabelecimentos escolares por seus méritos ligados à leitura, à escrita, aos cálculos. “A grande transferência das disposições ascéticas e planificadoras de um universo de práticas a outro (escolar, profissional, familiar, cultural, esportivo)”. (Lahire, 2004:139).

Havia um reforço positivo às boas notas conseguidas com as práticas de leitura e escrita na escola. Uma das entrevistadas mesmo não tendo condições de comprar livros foi considerada uma leitora exímia:

Olha, a gente pouco comprava livros. Mas eu tinha uma amiga, que morava do lado da minha casa e a mãe dela era professora de Inglês. Então, por ser professora ela tinha muitos livros, a minha amiga estudava em colégio particular, então eles tinham muitos livros. E ela muito minha amiga, me emprestava. Hoje, eu sou madrinha do filho dela e a mãe dela é minha madrinha de Crisma. E aí, eu sempre ia para casa dela e ela me emprestava os livros. Eu diria que ela foi a minha grande fornecedora. O contato com os livros durante o ensino fundamental foi com essa minha amiga. Ela me emprestava muito. Eu fiz uma espécie de meta que eu colocava assim: por ano eu leria um livro de cada autor. ... eu queria conhecer um pouco de cada autor... Eu lia Machado... acabava lendo mais um pouco... lia Raquel de Queiroz, Jorge Amado... eu coloquei isso como meta. Por ano eu lia muitos autores. De onde vinham essas idéias, inquiri:

Minha, eu não sei. Realmente eu não sei. Foi uma coisa muito minha mesmo de querer conhecer e fiz. (...) Eu imaginava: Eu vou falar muito bem, eu vou escrever muito bem. E quando eu estudava lá na terceira ou quarta série, eu era a melhor aluna que lia na minha turma. Como eu fui muito elogiada por causa disso, houve uma ênfase muito grande nessa parte. Então, eu que me coloquei essa meta.

²⁷ Na concepção de Bourdieu, o campo social é um espaço de jogo e de luta entre o novo (dominados, pretendentes) e o os dominantes. É um espaço estruturado de posições que são objetos de disputas. As posições independem de seus ocupantes para existir. Cada campo possui propriedades suas que as diferenciam dos outros campos apesar de possuírem leis que não variam. Cada campo possui uma doxa, ou seja, regras e verdades implícitas que são conhecidas pelos dominantes do campo e que ao serem desveladas pelos dominados garantem-lhes alguma possibilidade de impor uma nova doxa. As regras são objeto de luta.

Depoimento semelhante recolhemos de outro professor:

Eu tenho um encantamento muito grande pela Literatura, pelas artes em geral. Eu tenho uma fascinação muito grande pela palavra, sempre tive desde criança. O tratamento da minha letra, os alunos mesmo elogiam muito a minha letra. Quando eu era criança tinha... eu faço aniversário no final do ano, então os seis anos completos que eles exigiam pra entrar no Ensino Fundamental, eu só tinha no final do ano. Por isso, a escola onde eu esperava ser matriculado me rejeitou: Não, se ele só faz seis anos no final do ano ele não pode, só no ano que vem, quando ele já tiver seis anos completos. E a minha avó na época me disse o seguinte: Olha, só entra no colégio que sabe... quem tem letra bonita. Eu fiquei com aquela obsessão na minha cabeça: Então, se é pra ter letra bonita eu vou fazer letra bonita porque eu quero entrar na escola. E foi quando eu comecei a ter um cuidado muito grande com aquilo que eu escrevia e obviamente também com aquilo que eu lia. Aí eu disse: É Letras que eu quero fazer. Aí o vestibular eu prestei pra Letras e pra Direito, passei pra Direito, mas, Letras pesou mais forte.

Outro professor também recebeu reforço positivo às suas práticas valorizadas em um capital escolar:

Houve influência da escola. Porque quando eu tava na oitava série, naquela época a professora diretora Zélia, naquela época era DEC²⁸ não era nem CRE²⁹, o DEC estava fazendo um concurso entre os alunos, os que se destacavam nas escolas, e eu ganhei o primeiro lugar na parte de Matemática. O prêmio era uma viagem pro México. Só que eu só tinha catorze anos e tinha que ter no mínimo dezesseis, entendeu? Aí eu não pude ir e tal, tal, tal. Mas, a professora começou a me incentivar a fazer Matemática.

Outra depoente confirma a excelência de sua trajetória como estudante:

Eu tinha explicadora sem precisar mesmo eu tinha. Era a minha vizinha. E teve um ano, na segunda série, ela que lembra bem, a minha explicadora, que eu tirei dez em todos os bimestres. É eu sempre fui assim. Eu já ganhei medalhas. Eu sempre fui a melhor aluna.

3.6 Práticas diárias condizentes com a prática docente

²⁸ Departamento de Educação e Cultura do Município do Rio de Janeiro.

²⁹ Coordenadoria Geral de Educação do Município do Rio de Janeiro.

Além do interesse demonstrado pelas atividades consideradas mais importantes para o mérito escolar havia também aquelas que condiziam com a práxis docente. Uma das entrevistadas relatou que a prática da sala de aula sempre foi reforçada nas suas brincadeiras domésticas. Brincava de escolinha com as amigas do bairro. Um outro entrevistado desde a adolescência contribuiu com seu trabalho nas despesas da casa dando aulas de matemática pois a mãe era explicadora e a parte de Matemática ela o incumbia de explicar aos alunos, já que ela havia cursado só até a sexta série e não possuía tais conhecimentos. Esse mesmo professor antes de fazer licenciatura também se ofereceu para trabalhar num curso de pré-vestibular comunitário. Os outros professores também lecionavam de alguma forma antes de completarem a licenciatura ministrando aulas como assistentes de professor, por exemplo. Dessa forma pode-se perceber que os entrevistados desde a infância estiveram muito envolvidos com a prática da profissão mesmo que em graus de comprometimento diferentes: da brincadeira ao exercício da profissão como meio de se sustentar. Assim, pode-se perceber que os entrevistados tomam a escolha da profissão como uma conseqüência natural de experimentos de infância e adolescência:

Olha, eu sempre gostei, é engraçado todo mundo fala isso, sempre gostei de brincar de ser professora. Eu tinha um quadro-negro, minha mãe me deu, giz, apagador, e eu brincava muito com as meninas lá do meu bairro. Elas iam lá pra minha casa. Eu sempre era a professora e elas sempre ficavam escrevendo.

Na voz de outro professor:

Meus pais se separaram quando eu tinha quinze anos. O meu pai era motorista de ônibus, se aposentou como motorista de ônibus e a minha mãe era explicadora em casa. Minha mãe tem só até a sexta série, mas, sempre deu aula em casa. Aí eu dava aula em casa. Quando chegava em Matemática minha mãe “Ah, não dá não.” E aí pedia pra eu fazer. Foi aqui que nasci como professor. Aí comecei a trabalhar no pré-vestibular. Por isso que eu fiz graduação em Matemática. Não morria de amores por Matemática: tinha emprego, tinha já a profissão ali. (...) Houve o divórcio dos meus pais, eu estava fazendo pré-vestibular pra entrar pra Universidade Rural. Eu morava a vinte minutos da Universidade Rural. Ai minha mãe falou: - Olha, com a separação eu consegui que seu pai vai ter que pagar uma faculdade. Aí eu fiquei com aquela: Já tá paga né. O juiz decretou, o que é que eu vou fazer? Minha mãe não opinou, minha mãe falou: - Você já dá aula no pré

vestibular. Eu já dava aula no pré-vestibular comunitário. Poxa, minha mãe falou, você já dá aula de Matemática em casa há algum tempo, dá aula no pré-vestibular há um tempo, por que não profissionalizar isso pra ganhar igual um professor ganha? Aí eu fui ponderar as coisas. Já me incomodava muito ter que ir num emprego cinco dias por semana e professor vai um ou dois e isso já me agradava. Aí nesse ponto influenciou. Mas já estavam as coisas por si só né? Acho que não tinha muito caminho, não tinha muito o que fazer. As coisas estavam... ou faz aquilo ou não sei. Foram sozinhas. Então a minha mãe só incentivou nessa parte:- A faculdade tá aqui, eu consegui. Eu acredito que se você fizer na área que você já está trabalhando vai ser bom. Você está se dando bem nessa parte. Não vai querer viajar e querer fazer outra coisa. Porque eu queria fazer jornalismo. Estudo música desde os dez anos e queria fazer jornalismo. Aí, jornalismo era longe e eu já dava aula de Matemática. Por que não? Tanto que eu fui começar no estágio de Matemática no quinto período, Matemática Superior. É o que eu gosto de estudar. Então é por isso. Abandonei muito emprego pra estar na UFRJ ainda estudando. Eu gosto da Matemática Superior. Eu acho que a Matemática Média e a do Ensino Fundamental vai muito mal das pernas. Então, poxa eu vou estudar a superior e vou voltar para saber o que dá pra fazer na média. O curso do Fundão calhou né. Se você não tem nenhum objetivo de mudar alguma coisa no ensino hoje, você não é pré-selecionado.

Uma das oportunidades de experimentar a carreira docente veio com o trabalho do pré-vestibular comunitário. A iniciativa ou a experiência, embora distintas em um ou outro depoente, resguarda um sentido comum – de voluntariamente contribuir para a melhoria das condições educacionais de um grupo desprovido de condições para estudar.

Por ser músico, músico da igreja católica. Não sou, mas, há mais tempo eu estava sempre lá. Uma amiga de Literatura, aí ela: - Vamos abrir um pré-vestibular. Como você dá aula em casa e tal você pega a parte de Geometria. Eu nem tive Geometria na escola, mas, diziam que eu dava aula de Geometria. Aí eu peguei ao mesmo tempo que fazia a universidade. Enquanto eu fazia a universidade a gente tocou o projeto do pré-vestibular comunitário. E eles não pagavam nada, funcionava no salão da igreja. A gente só cobrava xerox³⁰. Pedimos a uma xerox pra deixar uma certa conta e os alunos pagavam

³⁰ Xerox corporation é uma empresa estado-unidense localizada em Stanford (Connecticut) que atua no setor de tecnologia e informação e documentação. É mundialmente conhecida como inventora da fotocopiadora.

mensalmente. Tinha todas as facilidades foi onde a gente achou que foi um problema. Não deveria ter tantas facilidades. Um pouquinho de caminho das pedras não é tão ruim. Tem uma música do Humberto Gesinger que ele fala isso: o caminho não é tão ruim não. Dali a gente andou com o pré-vestibular três anos. Chegava o começo do ano você tinha quase duzentos alunos. Era complicado pra dar aula. Terminava com sete, oito. Sete, oito. A gente desanimou. Você acaba dando tudo... os alunos queriam sair cedo. Não tinham que sair cedo. Você vem de um ensino público defasado em um monte de coisas, ou você corre atrás pra tentar se igualar ao pessoal do colégio particular que ta se preparando desde os cinco anos de idade ou você, sinto muito, você não vai passar. Não tem que passar. Então a gente bateu muito de frente com o público lá nosso. Funcionamos durante três anos, dei aula dois anos e coordenei o terceiro ano. Terminavam sete, oito, e desses sete, oito todos passavam. Pelo menos tínhamos essa alegria, quem terminava passava. Normalmente pra UFRJ³¹...UFRJ não, Universidade Rural³² e UERJ³³. A maioria seguiu esse caminho. Aí depois do pré-vestibular acabou. Aí eu trabalhei num pré-militar que era meio-comunitário. O valor era irrisório, a mensalidade. A hora-aula do professor em Campo Grande eu acho que era sessenta lá eles pagavam dez. Era só... era quase um trabalho social. A coordenadora é professora da UFF³⁴ se eu não me engano, não sei em que, não me lembro, ela fez também nesse lado social. Eu fiquei quatro anos nesse lado social depois abandonei.

3.7 ‘Bom aluno’, bom professor?

Todos os entrevistados sentindo-se ou não livres para escolherem a profissão de professor relatam que tiveram professores que os estimularam nesse sentido. Observa-se a nítida preferência pelos saberes adquiridos sob as formas escolares mediadas por determinado professor que de certa forma os encaminha diante de tantas possibilidades apresentadas, mas, que na verdade são cerceadas pelos ambientes sociais e pela ausência de capitais simbólicos a esse campo. Um dos entrevistados relatou que um de seus professores expôs claramente a ele a respeito da sua situação social e que haveria poucas oportunidades

Usualmente utiliza-se uma metonímia chamando o produto (cópia reproduzida) pelo nome da marca da fotocopadora: Xerox.

³¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

³³ Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

³⁴ Universidade Federal Fluminense.

seguras de profissão para quem havia tido uma origem social precária de capitais econômicos e sociais. A tomada de consciência da sua situação social fez com que o professor cursasse licenciatura para legitimar a profissão que já era exercida desde a adolescência: professor de Matemática.

Outros entrevistados também relatam que receberam incentivo para cursar a licenciatura pois foram percebidos pelos seus ex-professores como bons alunos em determinada disciplina. Percebe-se então, que seus ex-professores tomaram o habitus do “bom aluno” como sinal de inclinação para a profissão. E essa atitude também é tomada pelos entrevistados em relação aos seus alunos mais afinados com o capital escolar. Os depoentes ao reconhecerem semelhanças de comportamento entre si mesmos e seus alunos, os tomam como “bons alunos”. Portanto, muitas constatações podem ser feitas a partir dessas falas. O ‘bom aluno’ têm atitudes de uma pessoa ‘genérica’ bem-educada, ou seja, com aquelas atitudes que convencionalmente se chama boa educação. E o bom comportamento é notado principalmente em relação ao professor. Além disso, conseguem fazer uma relação de causa e efeito entre o ‘o bom comportamento’ e os alunos com boas notas. Isso corrobora a idéia de que a escolha da profissão está ligada ao habitus de bom aluno. Um entrevistado relata a conversa que teve com um professor que lhe deu orientação sobre a profissão a seguir:

Outro professor foi o professor Paulo Vicente que trabalha comigo agora no Bahiense. Fiz o meu pré-vestibular no MVI e ele foi meu professor. Até enquanto ele foi meu professor eu tinha dúvida se eu devia fazer Veterinária ou Matemática. E ele sempre falou pra mim: Pô cara faz Matemática. Tu é bom, não sei o que. Veterinária tu vai ganhar dinheiro, mas, não é a tua aptidão. E hoje eu trabalho com ele no colégio.

“Tu é bom em Matemática...” permitiu que o professor somasse a esse conselho as evidências, as disposições do passado quando chegou a ganhar uma viagem para o México como prêmio por ter tirado o primeiro lugar numa olimpíada. E se refletirmos sobre cada depoimento encontraremos essas conexões que os entrevistados fazem entre as suas disposições iniciais para agir e as decisões que foram firmadas na fase adulta. Por isso não acreditam que a vocação seja algo inato:

Eu não acredito que você nasça vocacionado para fazer Engenharia, mas, a sua trajetória escolar, a sua trajetória de vida te leva àquilo. Porque a minha trajetória

escolar e a minha trajetória de vida me levaram para área de Humanas. Eu acredito exatamente nisso. Não dá para esquecer a minha paixão pela leitura. Tendo essa paixão, eu não me vejo fazendo Matemática. Eu não acredito que ela nasça com a pessoa. Eu acredito que ela vá se desenvolvendo, que você vá mostrando inclinações para determinadas coisas do que para outras. Eu acho que a escola tem que intervir nisso. Como intervir? Não dizendo o que ele tem que fazer, mas, ajudando, dando um suporte para que ele perceba que é aquilo. Eu tive um aluno à noite, o nome dele é Douglas, um dos meus melhores alunos (extremamente educado, estudioso, bom aluno nas notas). Um dia desses ele veio falar comigo: “- Eu não sei, eu tô pensando, eu não sei se eu faço Letras ou de repente eu vá para área médica... Mas eu gosto muito de escrever, gosto muito de ler.” Aí eu virei pra ele e disse exatamente isso: segue seu coração. Eu sei que ele tem total inclinação para a área de Letras, não é a área médica. Ele já trabalha na área médica, num papel burocrático. Mas ele tem total inclinação para Letras. E vi que é a vocação dele. Então, eu acho que a escola, o professor, enfim, deve ajudar para que ele tenha essa certeza mais na frente. Instrumentalizá-lo sabe? Dar suporte porque ele precisa.

Um bom aluno é identificado pelo comportamento, pela forma como se relaciona socialmente na escola:

A maneira de se portar, a maneira como olha pra você [como olha para o professor], a maneira como aperta a sua mão, como te cumprimenta, tudo isso é percebido. Tem aluno que “- Qualé professor”. Eles não: - Professor boa noite , como vai, não sei o quê. É educação. Postura.

3.8 Falta de direcionamento familiar na escolha da profissão

Sem uma orientação familiar que inclinasse os depoentes a outras profissões a escolha da profissão docente, com o passar do tempo, foi sendo absorvida como “natural”, o que significaria dizer que os entrevistados não escolheram a profissão, pois, segundo suas apreensões o conjunto de habilidades e experiências que tinham os encaminharam na tomada dessa decisão. As outras profissões ficariam longe desse círculo conhecido, familiar.

Para complementar o raciocínio uma reflexão de Richard Hoggart :

Quando um indivíduo sente que há poucas chances de melhorar sua condição e que este sentimento não comporta nem desespero nem ressentimento, ele é levado queira ou não, a adotar as atitudes que tornam suportável uma vida

paralela escamoteando a consciência demasiadamente viva das possibilidades interditas: ele tende a representar as regras sociais como leis da natureza e faz como se fossem dados originais e universais da 'vida' ³⁵

Pierre Bourdieu corrobora este pensamento:

Não há espaço em uma sociedade hierarquizada que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (basta pensar na idéia de "fronteira natural"). (Bourdieu, 2003:160)

Um dos entrevistados relata que a orientação dada pelos seus pais foi no sentido de que ele deveria cursar o Ensino Superior, mas, não o conduziram ou o levaram a conhecer possíveis rotinas profissionais. Por isso ele considera que foi na escola que ele se decidiu pela profissão de professor:

Mas eu sinto que eu fui muito influenciado pela escola. Nesse ponto não pelos meus pais.(...) Tinha que ter uma faculdade. Mas, nunca falaram assim: - Você vai fazer Direito, você vai fazer Medicina. Não. Eles queriam que eu fizesse alguma coisa E nesse ponto quem me fez optar realmente pela Matemática foi a escola mesmo, sem sombra de dúvida. (...). Acabava a aula e eles [professores] vinham conversar comigo e com outros alunos também: Pô cara faz isso, faz aquilo.

Outro entrevistado também não confere à sua família a orientação para a sua escolha profissional:

Meu pai não esquentava muito, né. Meu pai num... até na graduação assim não ligava muito não. Essa carga sempre ficou com a minha mãe. Minha mãe não ficou: - Ó você vai fazer Matemática, você vai dar aula.

3.9 Diploma do Ensino Superior: objetivo central construído em família

Os entrevistados relatam que se planejaram para cursar uma faculdade com a finalidade de obter o título e, também, uma mudança de vida rompendo com as condições iniciais e com o que achavam que estaria reservado para eles, caso se acomodassem no

³⁵ LAHIRE, Retratos sociológicos, p.235, citando Hoggart, 1970, p.137.

Ensino Médio. Nunca pensaram em cursar apenas o Ensino Médio. A influência da família foi marcante nesse aspecto. O objetivo dos pais para a trajetória dos filhos era que obtivessem o diploma do curso superior em qualquer área. Mesmo os pais que possuíam poucos anos de escolaridade planejaram que seus filhos cursariam a faculdade, mas, não os orientaram a seguir determinada carreira.

Este é o tom de um dos depoentes:

(...)Eles [pais] só falavam assim: Quem só tem segundo grau não consegue nada. Tem que ter uma faculdade. Você só vai trabalhar legal tipo assim comprometer o estudo para trabalhar quando você tiver uma faculdade, não o contrário. Eu podia trabalhar desde que não atrapalhasse o estudo.

Ou, segundo uma professora também entrevistada:

Eu tinha certo desde muito nova que eu ia fazer uma faculdade. Eu vou seguir toda essa linha. Agora, se eu vou conseguir viver bem é uma outra coisa... eu realmente não tinha muita noção. Fazer faculdade era algo que eu tinha ... tanto é que ao escolher o Albert Sabin eu escolhi porque eu sabia. Eu fiz prova para entrar ... foi no último ano que teve prova, foi em 96. Então, eu ficava pensando assim, eu tinha algumas opções de colégio: Sarah³⁶ (formação de professores e eu não pensava em ser professora), tinha o Miécimo³⁷ que é uma formação técnica). Então, eu pensava assim, eu escolhi o Sabin porque me deu essa opção mais globalizada com uma ênfase numa prova de vestibular. Eu queria fazer vestibular, eu queria fazer faculdade. Eu almejava o melhor.

Mais um entrevistado corrobora a idéia de que a escolha da carreira não foi planejada e o objetivo central era cursar a faculdade para obter o título. Não houve alguma intenção de se preparar para a carreira docente ou uma perspectiva de vida orientada nessa direção. As escolhas foram ao acaso, foram encadeadas por acontecimentos não planejados. A avaliação de um dos professores fortalece a tese de certa casualidade no ingresso na profissão e marca o quanto a certificação escolar era a prioridade e não a orientação para o mercado de trabalho.

Olha mais uma vez entra a minha bisavó. Mas, ela dizia: Você vai ser doutor. Eu sempre fiquei com aquilo na cabeça: Vou ser doutor. Então, durante toda a minha

³⁶ Instituto de Educação Sarah Kubitscheck localizado em Campo Grande, bairro da cidade do Rio de Janeiro.

³⁷ Colégio Estadual de Ensino Médio e pós-Médio Miécimo da Silva localizado no bairro de Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro.

formação, eu sempre me encaminhei pra isso: eu quero chegar o máximo aonde eu posso alcançar. Se eu comecei estudar e se é difícil chegar até aqui... Quando eu entrei pra faculdade: poxa foi muito difícil chegar até aqui, mas, se eu cheguei até aqui agora eu vou até o fim. Então, foi uma etapa após a outra. Eu passei pra graduação na UFRJ, então fiz mestrado na UFRJ e o doutorado da UFRJ. Não teve uma pausa, foi em seqüência. Porque desde quando eu era criança e das conversas com a minha bisavó eu tinha essa intenção de ser doutor embora não soubesse o que era ser doutor. Eu sabia que era o ponto máximo de uma titulação hoje no Brasil que é ser doutor. Hoje nós temos pós-doutorado, mas, enfim também está nos meus planos, nos meus objetivos.

A escolha da carreira foi exclusivamente dos depoentes embora reconheçam que a sua trajetória escolar e seu curso de vida tenham o encaminhado para a profissão de professor. Alguns consideram essa tomada de decisão “natural” ou porque já trabalhavam como professor informalmente ou porque as outras carreiras estavam afastadas da sua realidade social ou suas rotinas eram incompatíveis com seus projetos pessoais. A escolha da profissão não foi planejada objetivamente.

Em alguns casos a família opinou desfavoravelmente à profissão de professor devido ao baixo salário e ao pouco reconhecimento social, mas, em contrapartida não ofereceu instrumentos que os levassem a conhecer outras possíveis carreiras.

Os meus pais queriam que eu fosse médico. Eu mesmo dizia que seria obstetra e tal, que eu gostava de criança. Eu pensava em ser médico. Mas, aí eu vi que médico ia ter que estudar muita matemática, muita Química, muita Física. E a minha identificação maior era com a área de Humanas. E, eu não sei se convém aqui citar isso, mas, os meus pais não me apoiavam para ser professor porque eles achavam que professor nascia pobre e morria pobre como se pobre não fosse feliz, como se fosse uma falta de caráter ser pobre. Mas, enfim na mente dos meus pais seria mau me incentivar a ser professor. Então, na minha primeira graduação que foi numa faculdade particular eu meio que driblei. Eu falei pro meu pai: - Eu quero fazer jornalismo. Aí meu pai: - Que bom... –Me ajuda? Eu tô fazendo aqui um bico, me ajuda a pagar a faculdade de Letras que é mais barato e depois que eu me formar em Letras eu elimino algumas matérias e entro no jornalismo. Aí, ele entendendo que eu seria jornalista algum dia, me ajudou a fazer Letras.

Outro entrevistado também comenta que a sua família também não o orientou a seguir nenhuma carreira, mas, não opinam favoravelmente à profissão exceto no quesito estabilidade empregatícia:

Eles [pais] acham que eu deveria ter feito uma outra coisa, a nível financeiro e tal. Gostam do fato de eu ter estabilidade. Mas, pensam a mesma coisa que eu: Se eu tivesse um filho que tivesse toda a condição de fazer uma coisa mais rentável tentaria que o filho fizesse aquilo. Mas, como foi a minha escolha fazer Matemática eles não falam nada. Fica implícito assim: Pô, (...) você devia ter feito Engenharia. Eu penso em terminar o mestrado, pedir reingresso e faço mais dois anos de Engenharia.

Os entrevistados decidiram-se pela licenciatura no Ensino Médio, após terem sido reconhecidos como bons alunos pelos seus professores que os incentivaram a escolher o curso mais relacionado com as habilidades e competências demonstradas. Os entrevistados ao falar deste assunto fazem pontes com o passado trazendo à tona todas as experiências satisfatórias na vida escolar. Portanto, para eles o fato de terem sido bons alunos durante toda a sua trajetória escolar os encaminhou ‘naturalmente’ para essa escolha. Num primeiro momento, sob a orientação da família, o diploma do Ensino Superior era o objetivo principal. A orientação sobre a escolha da profissão foi posta em segundo plano, sendo suscetível ao ambiente escolar que envolvia os entrevistados.

3.10 Falta de conhecimento sobre possíveis carreiras e naturalização da profissão de professor

E quando sentiram a necessidade de escolher a profissão ponderaram sobre possíveis carreiras que ofereciam status: Direito, Medicina e Engenharia. Essas profissões entram no discurso com certa obrigatoriedade. Acredito que pelo fato de as considerarem com grande status social. Profissões valorizadas que compõem o conjunto de cursos profissionais tradicionalmente prestigiados no Brasil. Reconhecendo-se ou não nessa ‘violência simbólica’³⁸, os entrevistados consideram que essas profissões eram muito

³⁸ A violência simbólica é uma expressão utilizada por Pierre Bourdieu quando pretende explicar como acontecem as relações de dominância dentro de determinado campo social. As situações de violência simbólica seriam reforçadas na medida em que os dominados naturalizam as razões da sua não-dominância. Os sistemas simbólicos produzem um “conformismo lógico”.

diferentes da rotina com a qual teriam chances de se enquadrar. O que conheciam dessas profissões era uma práxis estereotipada, desconhecendo empiricamente a rotina dos profissionais. Mesmo quando alguns entrevistados cogitaram de procurar outras profissões, todos chegaram à mesma conclusão: a rotina das outras possíveis profissões (rotinas que não foram vivenciadas por eles de nenhuma forma visto que tais profissões estavam afastadas de seu ambiente socializador) não estaria de acordo com o que queriam para a vida deles. Medicina, Direito e Engenharia foram consideradas profissões que dão status, mas, longe do que esperavam para as suas vidas; ou, quem sabe, do que poderiam aspirar pelo percurso de suas próprias vidas. Um dos professores utiliza a palavra ‘longe’ para enfatizar o quanto essa profissão não convinha com a sua realidade. Giddens nos ajuda nessa reflexão:

Mas, por definição, a tradição, ou os hábitos estabelecidos, ordena a vida dentro de canais relativamente fixos. A modernidade confronta um indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sob as opções que devem ser selecionadas. (Giddens, 2002:79)

Um dos entrevistados toma como natural o fato de hoje ser professor de Matemática, disciplina que lecionava desde a adolescência. Outras carreiras como Direito, Medicina e Jornalismo estariam distante da realidade dele:

Minha primeira opção era ser professor de História. Eu sempre gostei de escrever e de ler. Adoro uma prosa escrita. Eu acho até que poesia ter cor. É azul. Vamos pensar uma cor pra poesia? Ela é azul. Sempre gostei muito de escrever, muito de ler. As Exatas... a minha namorada é da área de Humanas, um dia desses numa conversa bem corriqueira eu falei pra ela se for parar pra pensar, as Ciências Exatas são muito mais humanas que a própria Humanas porque são tantas variáveis que fazem um cara entender alguma coisa. Por que separar assim ‘exatas’ ‘humanas’? A parte de Exatas eu já trabalhava. Não me via fazendo Medicina, não me via fazendo advocacia. Advocacia eu acho que era muito distante. Eu não ia alcançar, eu não ia ser feliz, não sei. Era meio... fazer Direito, estudar leis, isso me incomodava um pouco. Porque eu gostava muito de ler e até hoje eu sou assim eu gosto, mas, o texto tem que me favorecer. Então por ano são três, quatro livros, fora os de Matemática. Só que tem que me agradar, se eu olhei o título me despertou: “Esse livro deve ser interessante” aí eu leio. E não ler um texto. Eu tenho muita dificuldade de ler um texto. Literatura, eu gostava de Literatura, mas não gostava de estudar Literatura na

escola. Porque eu era obrigado naquele momento a estudar Romantismo e eu não queria estudar Romantismo. Eu queria estudar outra coisa. Eu obedecia: Levanta e faz como a minha mãe dizia. Se tem que ler, lê. Poxa, eu pensava: se tiver que estudar advocacia não vai dar certo. Não vou conseguir. Medicina é a realidade social mais os problemas sobre cortes e áreas do gênero também não ia dar muito certo. Pensei Geografia, pensei História, pensei Matemática que foi a última opção. Foi a última opção Matemática porque todo mundo reclama. Pesava chegar e ninguém vai querer que eu fale. Até hoje me incomoda.

A apreensão de outra entrevistada ao ser indagada se imaginava que conseguiria um bom emprego tendo em vista que era uma estudante que sempre tirava boas notas ratifica a idéia de quão longe as outras profissões eram consideradas afastadas da realidade dos depoentes:

Olha, sinceramente eu não pensava, mas sonhava com isso. Confesso que me faltava um pouco de auto-estima. Será que eu vou conseguir? Eu mais sonhava, imaginava, do que tinha certeza.

E essa postura está de acordo com a reflexão de Zygmunt Bauman:

A oposição 'longe-perto' tem mais uma dimensão crucial: aquela entre a certeza e a incerteza, a auto-confiança e a hesitação. Estar 'longe' significa (...) o aprendizado de regras estranhas (...). A idéia de 'perto' representa (...) hábitos adquiridos sem sofrimento darão conta do recado e, uma vez que são hábitos, parecem não pesar, não exigir qualquer esforço, não dar margem à ansiosa hesitação. Seja o que for que se conheça como 'comunidade local', foi algo que surgiu dessa oposição entre 'aqui' e 'acolá', 'longe' e perto. (Bauman, 1999:20)

O fato de desconhecerem realmente a rotina de tais profissões e mesmo assim terem optado por não se interessarem em conhecê-las, reforça ainda mais a idéia de escolheram a profissão de professor por se sentirem mais seguros quanto à sua práxis e quanto às etapas de todo processo de seleção. Apresentam certo conformismo quando indagados sobre a profissão que escolheram apresentando reflexões que denotam o quanto a consideram como uma escolha natural dadas as disposições para agir que possuíam.

E para respaldar a escolha trazem à memória experiências vividas na escola, com seus ex-professores que dão todo um sentido às suas trajetórias. Todos os professores falaram da práxis de seus ex-professores, elogiando-os como fonte de inspiração, como motivo para a escolha da profissão, como alguém que os fez enxergar a situação social em que se encontravam e que, portanto, não lhes cabia muitas opções.

Acredito que os indivíduos não se deslocam ao acaso no espaço social, mas, ajustam as suas aspirações às suas oportunidades objetivas. A vocação seria esta adesão antecipada ao destino objetivo que se impõe pelo habitus, pela estrutura e pelo volume de capital herdado e pelo “campo dos possíveis” objetivamente ofertado a um indivíduo determinado. Assim, vocação seria a combinação do capital herdado, do habitus e das possibilidades do campo. O acaso dependeria da posição no campo, bem como os gostos.

O trabalho condiciona fortemente as oportunidades de vida no sentido de Weber, e oportunidade de vida por sua vez é um conceito que deve ser entendido em termos da disponibilidade de estilos de vida potenciais. Mas o trabalho não está de nenhuma maneira completamente separado da arena das escolhas plurais, e a escolha de trabalho e do ambiente de trabalho constitui um elemento básico das orientações de estilos de vida na extremamente complexa divisão moderna do trabalho. (Giddens, 2002:80)

Os entrevistados não acreditavam que possuísem habilidades e competências para se inserirem em outro campo mesmo reconhecendo que eram bons alunos.

Eu fiz vestibular para Matemática, mas, até o meio do cursinho, que eu fiz MV1, eu estava tendendo a fazer pra Veterinária. Ainda bem que eu não fiz porque eu não tenho a menor aptidão com animal. Eu gosto de ver, mas não aplicar injeção, essas coisas todas. Mas, eu sinto que eu fui muito influenciado pela escola.

Outro entrevistado seguiu a mesma tendência em descartar dos seus projetos as profissões cujas rotinas seriam incompatíveis com as disposições que considerava ter:

No início quando a gente descobre que um dia a gente vai ter que ter uma profissão você sempre sonha com profissões assim, que dão status: médico, advogado, engenheiro. Então, no princípio eu pensei: Bem se é pra ter uma profissão eu quero que ela seja boa, que eu ganhe dinheiro, que eu tenha uma satisfação pessoal muito grande. Então, eu pensei em Direito porque eu gostava muito de ler, gosto ainda muito de ler, tenho uma boa relação com a escrita, consigo dialogar e apresentar argumentos. Na época eu achei que a carreira da minha vida era Direito. Só que por ter um bom desempenho nas outras disciplinas como Química, Biologia e Física eu podia fazer alguma coisa relacionada também. Então, no primeiro vestibular eu fiz pra cinco carreiras diferentes. Foi Engenharia Química, Enfermagem, História, Direito... a quinta eu não estou lembrando mas, Letras não foi na primeira opção. Então, depois pensei comigo, eu falei assim: Quero ser inteligente como o meu professor de Física foi, como a minha professora

de História era. Só que eu pensei: Bem, o que eu mais gosto, eu vou me sentir realizado trabalhando com o que? Foi quando eu pensei: advogado eu não quero, eu não... analisando a rotina de um advogado, um profissional formado na área de Direito, isso vão me causar um certo incômodo, toda aquela rotina burocrática. Então, dessa rotina burocrática, eu tô fora. Não quero ser também enfermeiro porque essa rotina hospitalar também não me agrada. Então, eu fiquei mais com a rotina mesmo da sala de aula, da escola. Então, foi quando eu disse: eu quero ser professor.

3.11 Hedonismo e ascetismo: flexibilização de horário oportuniza o seguimento dos planos de estudo e de acesso à cultura

Muitos entrevistados consideram que a rotina de professor lhes possibilitaria não estar nos mesmos lugares todos os dias e permitia um horário adaptável aos seus outros interesses ligados à cultura. A vida profissional agregou duas disposições que parecem antagônicas: a rejeição à rotina, mas, a opção pela estabilidade empregatícia. Lahire corrobora a idéia:

Em outras palavras, a adequação de uma parte de suas disposições às características de sua situação profissional (as propriedades culturais do seu trabalho, o estabelecimento onde leciona, as relações com os colegas, a direção e os alunos) ajuda-a a suportar (...) e a deixar suspensa a sua propensão a romper com a rotina. (Lahire, 2004:300)

A profissão de professor é menos tolhida em consequência de uma maior flexibilização de horários e ambientes. A escolha foi feita de acordo com o patrimônio disposicional de cada um: as disposições oriundas do ascetismo familiar contribuíram para que não encarassem a profissão como uma mudança brusca de orientações e de forma não contrastante com as expectativas de cunho hedonista relacionadas à busca por sensações novas no acesso a ambientes novos.

Não tanto a avidez de adquirir, de possuir, não o acúmulo de riquezas no seu mundo material palpável, mas a hesitação de uma sensação nova, ainda não experimentada – este é o jogo do consumidor. Os consumidores são primeiro e acima de tudo acumuladores de sensações: são colecionadores de coisas apenas num sentido secundário e derivativo. (Bauman, 1999:91)

Acredito que um dos recursos utilizados pelos professores para que pudessem ser consumidores também, mas, de uma maneira diferente, foi buscar sensações novas a partir do conhecimento, seja através de um livro, seja pelo contato com a heterogeneidade, seja pelas novas possibilidades de frequentar diversos ambientes. A partir das entrevistas não há indícios de defasagem entre as crenças (modelos de comportamento, valores, normas) e as disposições para agir dos entrevistados. Acredito que a acomodação dos horários nessa profissão pôde contribuir para que pudessem fazer atividades que sempre julgaram importantes em termos de obter conhecimento. O fato de não terem que trabalhar todos os dias é apontado como um dos principais motivos da escolha e permanência na profissão. Assim podem estar a cada dia em um lugar diferente e essa flexibilidade é altamente valorizada.

Agora a coisa que mais me agrada e isso eu não abro mão da profissão é o fato de você estar, não estar no mesmo lugar todo dia durante a semana. ... segunda-feira na escola, terça eu estou na outra... só. Os outros dias eu estou na UFRJ. Eu posso tocar meus planos. Minha meta é terminar o mestrado, fazer doutorado e ser professor federal, universidade federal. Eu trabalho com universidade particular e em alguns cursos. Poucos. É bom e tal mas, eu quero o clima da federal. Eu gosto daquela praia lá. É um sonho, quem sabe né?(...)A estabilidade é legal? É, mas, o jeito que você pode montar a sua carga horária isso é o fator que não me faz abrir mão.

3.12 A escolha da profissão ligada à possibilidade de estar sempre aprendendo

Muitos citam um interesse grande pelas artes e por outras áreas que lhes possibilitem aprender. Aliás, a possibilidade de ‘continuar aprendendo sempre’ foi a justificativa que os entrevistados deram para a decisão pela profissão e pelo interesse maior em continuar nela, seja pelo contato com a heterogeneidade social a qual estão imersos, seja pelo horário flexível. Tudo indica que é no contexto profissional que eles encontraram condições favoráveis à atualização das suas disposições culturais. O entendimento das relações sociais desperta o interesse dos entrevistados e a sala de aula é o laboratório onde visam aprender sobre a heterogeneidade social à qual estão em contato. A rotina da sala de aula nunca é a mesma.

Até porque são pessoas diferentes, são turmas diferentes, eu tenho quarenta cabeças pensando diferente dentro de uma turma. Então quer dizer, são histórias diferentes, são idéias diferentes, são opiniões, pontos de vista, comportamentos, modo de se vestir, é... formas de lazer. E pra mim, eu aprendo muito. Isso pra mim é um enriquecimento enquanto ser humano muito grande. Isso pra mim é o que eu acho mais gratificante na minha profissão. Esse enriquecimento não só cultural, mas, esse enriquecimento humano. Você passa a observar o lado humano das pessoas. E quanto e como esse lado humano é diversificado. A gratificação do professor eu acho que está aí. Nesse enriquecimento da humanidade. (...)Acho que o meu objetivo, os meus objetivos... Se você me perguntasse por que você veio a esse mundo eu diria que foi pra conhecer. Tenho uma sede muito grande de conhecer, não importa o quê.

Além do interesse por esse conhecimento mais empírico ligado à prática profissional há aquele pelas ditas artes cênicas e plásticas que foram inacessíveis durante a infância e adolescência e que hoje vêm com entusiasmo a possibilidade de poder incluí-las na sua agenda. O meio ascético em que viveram na casa de seus pais (que valorizavam o êxito escolar) não encerrava práticas culturais ligadas às artes e eles demonstram que têm apetências culturais nesse sentido talvez por considerarem esse conhecimento um diferencial no meio em que atuam; um capital cultural que geraria um capital social.

Durante a infância e adolescência “estar fora de casa” significava estar na escola ou na igreja. A escassez de equipamentos culturais no bairro de Campo Grande e a rotina familiar ascética fizeram com que a aquisição de conhecimentos acontecesse a partir das experiências na escola. Por isso, os entrevistados ao falarem de suas trajetórias escolares as consideraram deficientes comparadas às trajetórias de pessoas com maior poder aquisitivo pertencentes a uma estrutura com maiores oportunidades de acesso ao conhecimento e à cultura acumulada³⁹. E percebo que há uma tensão em relação a ter legitimidade cultural para “falar sobre”. Os entrevistados valorizam tudo o que tem conotação cultural e, acreditam que há de se correr atrás do “tempo perdido”, do tempo em que não tinham oportunidade de procurar outros meios para aprender, outros lugares para conhecer, pois, sempre estiveram longe. O longe se referia a muito mais que uma grande distância física, mas, ao não conhecer, ao não ser iniciado. E sente que precisam compensar de alguma

³⁹ Saber histórico acumulado.

forma essa diferenciação. O centro da cidade e a zona sul estão na memória como o longe onde as oportunidades são maiores para quem quer aprender, conhecer arte etc.

Este foi um fenômeno também verificado por Bernard Lahire em seu campo de pesquisa sobre trajetórias populares. “Movida por uma injunção tácita a romper com a rotina (associada a seu universo familiar de origem), desejo de ruptura que se traduz por uma forma de apetência pela descoberta permanente de novas experiências.” (Lahire, 2004:303)

Por isso são os entrevistados unanimemente afirmam que necessitam de um tempo para se dedicarem a pesquisar, a ler, a frequentar espaços ligados à cultura. As atividades culturais os fazem sair do encerramento sentido na rotina familiar e a profissão de professor lhes permite agir nesse sentido. A autonomia possibilitada por uma rotina profissional com horários flexíveis se traduz por uma organização das relações entre trabalho e “tempo livre” para fazer atividades que os permitam se considerar pesquisadores.

O bairro de Campo Grande é apontado como diferencial negativo na vida dos entrevistados por não oferecer o acesso a equipamentos culturais. Os moradores dos bairros mais próximos ao Centro e Zona Sul seriam privilegiados por terem acesso aos bens culturais e conseqüentemente adquiririam um capital social mais abrangente.

Na verdade eu queria ter feito faculdade na UFRJ. Eu acho que lá também as oportunidades são melhores. Eu gostaria de ter feito lá. Aí também fica muito distante, ficava muito distante pra mim não podia. Então, a opção foi a Rural mesmo. Mas, não é ... é muita coisa. De repente se eu tivesse estudado lá embaixo, convivido com as pessoas de lá, acho que hoje em dia as coisas estariam um pouco diferentes. (...) eu trabalhei dois anos no Pedro II⁴⁰, colégio Pedro II e em São Cristóvão. Então, o contato que eu tive lá com as pessoas com os professores de lá. Nossa é uma experiência que dinheiro nenhum paga. Foi muito bom ter esse contato lá. E lá eu vi assim que os professores efetivos de lá são professores que estudaram na UFRJ, na UERJ, entendeu? E são pessoas que convivem, que moram ‘lá em baixo’⁴¹, que têm uma outra realidade da gente que mora aqui. Conhecem coisas que eu acredito que até hoje eu não fui pra conhecer. O museu lá de Niterói, eu não conheço o museu lá de Niterói, entendeu? O Cristo, pra você ver eu nunca

⁴⁰ Colégio Federal Pedro II, cujas unidades estão localizadas na cidade do Rio de Janeiro.

⁴¹ Expressão utilizada pelos moradores dos bairros afastados quando querem referir-se ao Centro da Cidade do Rio de Janeiro.

fui ao Cristo. A minha família foi agora deve ter um mês. Eles foram em novembro, meu pai, minha mãe e o meu irmão. Só que eu estava trabalhando no dia e não pude ir. Mas eles falaram: -Vamos levar você agora em janeiro. Tudo bem. Mas, são coisas que eu não conheço lá. O museu histórico que tá com a exposição sobre o corpo humano, essa exposição do corpo humano, que vai até acabar, não tive a oportunidade de ir, entendeu? Por ser longe. A gente tem que ter um tempo pra ir pra lá. Nossa, tudo. Aqui é longe de tudo na verdade.

O ganho com as saídas de Campo Grande é lembrado por outros entrevistados também:

Eu dou aula na Tijuca⁴² até. Eu acho o seguinte, quanto mais coisa você conhecer melhor. Quanto mais, não vou dizer cultura que é um pouquinho de exagero, dizer ‘culturas diferentes’, é um exagero isso, mas você conhecer mentalidades diferentes, entendeu? Você vê que o foco daquelas pessoas que estão ali é outro, sempre voltado para outra coisa. (...) O poder aquisitivo do pessoal é completamente diferente. Então, eles têm uma outra realidade. Eles saem da escola, eles vão fazer balé, eles vão fazer curso de inglês, é ... eles estão planejando a viagem deles pra Bonito⁴³, pra Porto de Galinhas⁴⁴. (...) Chego no município e qual é a realidade do carinha ali? (...) não sair daquele mundinho. O máximo que ele faz é sair da escola, atravessa a rua e está em casa. A vida dele é aquela ali. Ou domingo quando ele vai pra igreja, ou uma vez por mês quando ele vai ao shopping. Tá entendendo, o mundo dele é muito limitado. Não tenho nada contra Campo Grande. Eu adoro Campo Grande. Fui criado aqui e vou continuar morando aqui.

Mais um depoimento confirma a sensação de distância e isolamento do bairro onde foram criados:

A gente passeava muito pouco. Os meus finais de semana era ir para igreja, até os meus dezoito anos. Hoje, eu não frequento mais. Mas a vida toda eu passei dentro da igreja. Quase não parava em casa. No grupo de adolescentes, tinha acampamento que a gente fazia. Então era muito isso. Cinema, teatro, não tinha nada disso. Tudo isso: teatro

⁴² Bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

⁴³ Cidade do estado de Mato-Grosso do Sul que fica a 330 Km da capital e cuja uma das principais atividades econômicas é o turismo ecológico.

⁴⁴ Cidade de Pernambuco conhecida por suas praias e pelo eco-turismo desenvolvido no local.

ou qualquer outro evento que tinha, ou era pela escola ou era pela igreja. Minha família não ia a teatros... até pelo histórico deles eles não iam.

E, finalmente, mais um professor:

Meu pai tem um irmão que mora na Tijuca. O irmão mais novo dele. A gente sempre ia pra lá, tipo assim, sempre que eu digo de quinze em quinze dias, vamos dizer assim. E lá a gente fazia festa vamos dizer assim. Ia pra teatro, ia em museu. Aqui, infelizmente, como é que eu posso dizer, é fora da realidade da região de Campo Grande. É uma coisa tão perto, mas, ao mesmo tempo parece que não é do cotidiano do pessoal. Eu acho que o problema aqui é mais cultural mesmo. Cinema aqui só no West Shopping⁴⁵ e mesmo assim, só aqueles filmes “arrasa quarteirão”, passa só “Retorno da múmia dez”, entendeu? Não uma coisa ... mas, também, se passasse, não é nem culpa deles, se passasse não teria público. Entendeu? Eu acho que o que falta aqui é um programa.

3.13 Ser professor: estratégia para a realização de sonhos considerados inoportunos tendo em vista a origem social?

Todos os entrevistados falaram sobre seus sonhos de infância realizados ou não, considerados incabíveis ou possíveis em suas trajetórias. Eu apreendo a partir das entrevistas que a profissão de professor apesar de não ter sido propriamente considerada a primeira opção ela se encaixou nas condições sociais em que os depoentes se encontravam e o mais interessante de tudo foi que ela permitiu que os depoentes pudessem dar seguimento aos seus sonhos. A limitação material sentida na infância e adolescência é de certa forma diminuída a partir de então e o que antes era considerado um sonho impossível de acontecer como ‘pisar na UFRJ’, ‘sair de Campo Grande’, ‘frequentar teatros na Zona Sul’ aos poucos vai se tornando realidade nessas trajetórias. Não acredito que isso aconteceu por acaso porque em muitas entrevistas os depoentes relatam os conselhos que dão aos seus alunos em relação ao mercado de trabalho onde o principal objetivo deveria ser o retorno financeiro rápido em meio as disposições sociais para que mais tarde pudessem realizar os seus sonhos:

⁴⁵ Shopping Center construído em 1998 no bairro de Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro.

Eles não sonham. Quando o ser humano já não tem mais o sonho como é que pode? O sonho pra mim era bem distante pra ter uma idéia eu nunca pensei que eu ia pisar no Fundão. Pra você fazer alguma coisa em Matemática e ser respeitado aqui no Rio ou você faz no IMPA ou você faz na UFRJ. Você não tem outro local. Você tem na UERJ? Tem, não tô dizendo que lá não tem um respeito e tal. Mas, as principais pessoas que produziram Matemática no Rio, estão nesses dois lugares. O IMPA eu já freqüentava, mas, no IMPA lá o mestrado é impossível financeiramente, nem com bolsa dava. Eu fazia cursos de extensão. Todas as férias eu fazia curso de extensão no IMPA pro currículo melhorar. Eu sabia que a particular... o cara pode ser muito bom, eu tive aula de nivelamento no mestrado com um rapaz que se formou na UNIG de Nova Iguaçu, que todo mundo fala bem mal do curso. O cara é espetacular dando aula de análise de cálculo, matéria difícil de dar na graduação. Ele é espetacular, mas, ele é uma exceção. Eu dou aula em algumas universidades particulares o pessoal chega muito complicado, nível muito baixo. Eu tinha consciência disso enquanto aluno né. Ou tu segue legal, carrega a cruz e sai andando... E hoje eles não têm muito isso. Eu passo trabalho às vezes, tenho que pesquisar no livro. O aluno não quer abrir o livro. Eles ganham livro do governo, mas, eles não querem ler o livro. Pra que tu vai gastar o dinheiro com isso? Talvez se o pai tivesse comprado, o aluno desse mais valor. Se o uniforme fosse pago o filho dava mais valor. O aluno pichou a sala. Se o pai pagasse a pintura daquela sala o filho não ia mais pichar a sala. Essas coisinhas é que atrapalham muito. E a falta de sonhos deles é o que mais incomoda. E sobre a profissão:

Começou como necessário. Naquela época era necessário, não tinha o que pensar. Eu só tinha uma porta aberta. Um grande professor que eu tive na sexta-série, ele é professor de História, até hoje é meu amigo, até hoje freqüento a casa dele. Ele também tinha uma frases excelentes. Ele dizia que a oportunidade nunca bate numa porta dizendo: “Ei, tô batendo. Por favor daqui a uma semana você esteja pronto”. Vai bater e você mora mal, você não tem renda familiar, tudo vai ser mais complicado. Isso ele me falou eu estava na sexta série. Então dá aquele impacto. Então, na sexta série você já tinha noção que morava num lugar ruim e que tudo ia ser mais difícil. Pra você chegar na UFRJ você tinha que acordar às cinco da manhã pra ta lá às nove se bobear. Mas é uma etapa ué. Não tem muito passar a mão pela cabeça. Hoje a Educação passa muito a mão pela

cabeça. Tudo o que você faz incomoda. Aluno já quer te processar se você falou alguma coisinha diferente. A clássica da universidade é aquela: Quantas horas você dorme por noite? É clássico. Se você falar isso pra um aluno o pai vai reclamar: Que isso? Você não quer que o meu filho durma? Eles não entendem metáfora então não vai adiantar nada. É complicado, é muito complicado. Pra encerrar a nossa entrevista, o que o senhor falaria para um jovem, se fosse possível acatar o que o senhor falaria, um conselho a respeito de trajetória profissional. Como escolher a profissão, como se inserir no mercado de trabalho...

Nas aulas costumo, peço a eles que eles pensem né. Acaba o Ensino Médio... a adolescência é complicada... acaba o Ensino Médio praticamente tem que tá já inserido no mercado. Tá inserido na sociedade, tá inserido no mercado, tá com o capitalismo ali. Enquanto terceiro ano fazendo o Ensino ainda é um aluno. Num mês estão te olhando como adolescentes no outro você é um adulto. Então, peço muito a eles pra entender como a sociedade funciona. Tenta entender o que é um salário mínimo, como é difícil ter as coisas, tenta entender que você como adulto você vai ter que se sustentar, ter sua casa.(...) Porque a realidade de cada um é muito complicada, muito difícil. Mas, você deve. Tudo são sonhos. E aí, o que é que eu vou fazer, eu quero ser isso? Acredita. Se você não acreditar que é que vai acreditar em você? Vai, tenta. É porque já desistem antes de tentar. Isso é que incomoda.(...) “Que que cê acha, a gente vai fazer o vestibular e é melhor ir pra particular ou ir pra pública?”. Isso. Se faça essa pergunta. A sua vida hoje permite? A minha vida não permitia pisar na federal[UFRJ]. Não tinha como. Eu me sustentava. Morei sozinho com dezessete. Eu tive que me sustentar pra poder realizar essa parte. Tentei o mais rápido possível ser funcionário público, graças a Deus chegou rápido, pra poder depois ter renda pra me sustentar dentro da universidade. Eu pude conversar com eles sobre isso. Então bateu essa... Eu até perguntei pra eles: - Por que nós tivemos nove universidades particulares oferecendo coisas e não tivemos uma universidade pública. Se perguntem: O governo federal não quer que vocês pisem na universidade deles? Deixe que eles decidam: “Eu vou fazer a particular porque é a linha que eu vou seguir. Vou fazer a pública porque eu quero essa linha. Com total consciência, desde que eles decidam tudo bem. Tem que ter. Talvez, se não existisse a faculdade particular não tivesse feito na época. Foi muita coisa, muita pressão junto. Eu no Ensino Médio, tinha que entrar pra faculdade,

tinha que trabalhar, meus pais já tinham ido cada um pro seu canto, então é complicado né? Eu não agüentaria, eu não agüentaria estudar na Rural, por exemplo, apesar de ser próximo. Eu não agüentaria a pressão por ser forte demais. Aí eu achei que esse ia ser o caminho. Foi mais longo.

E outra professora segue o mesmo raciocínio sobre a escolha da profissão:

É hoje em dia é complicado, mas eu ... É primeiro pensar naquilo que gosta, mas, nem sempre aquilo que gosta vai poder trazer um retorno financeiro mais rápido. Porque nós não somos ricos. Então, tem que ser um retorno rápido. Não fácil, porque fácil não tem nada pra ninguém né? Mas tem que ser mais rápido. Eu acho assim: a pessoa, vamos supor, mora aqui em Campo Grande tá? Eu não quero assim botar limites nas coisas, mas, eu penso dessa forma. Como que você vai fazer uma faculdade, você pode até fazer mais vai ser muito mais difícil você arrumar emprego. Por exemplo, de jornalismo. Entendeu? É muito mais difícil. Porque você mora numa comunidade, vamos supor, você mora numa comunidade aqui em Campo Grande, tudo é difícil aqui. O seu conhecimento não é tão amplo a ponto de você conseguir um trabalho tão rápido quando você terminar a faculdade. Tem profissões que eles hoje em dia falam e tudo que não condiz com a realidade deles entendeu? Então, eu acho que eles deveriam pensar mais claro no que vai fazer, mas, algo que traga um retorno mais rápido. E ler, ler muito, ler os jornais porque hoje em dia se você ver a estatísticas, o pessoal precisando de técnicos. Faz um pós-técnico. Não têm técnicos. Hoje em dia a Petrobrás paga para você aprender uma profissão. Não sei se você já viu isso também. Tem cursos me parece de novecentos reais que eles pagam por mês pra você aprender porque não têm técnicos lá dentro. Então há uma necessidade muito grande desses técnicos. Então, um pós-médio eu aconselharia eles: - Ó, saiu do ensino médio científico, o antigo científico, básico, vai pra um pós-técnico pra você pelo menos começar a trabalhar. Isso é aquele aluno que na tem aquela estrutura. Agora se você tem uma estrutura vai direto pra faculdade né. Presta um vestibular ou então vai pra uma faculdade particular que é um meio mais... e fazer essas profissões que hoje em dia estão dando dinheiro, um retorno e um retorno rápido. E sempre pensando no emprego público. Isso aí eu falo muito pra eles. Sempre pensando na carreira pública. Assim, de você ser um funcionário público. Porque você ser um funcionário de uma empresa privada hoje em dia também...(...) É, ficar tentando essa coisa do emprego público. No caso é

difícil porque tem que estudar né? Não é tão fácil, mas, eu acho que seria o mais adequado de repente pra eles. Muitos não vão pra esse lado né? Isso aí a gente sabe.

CAPÍTULO IV

4.1 Considerações iniciais

Nesse capítulo pretendo complementar o que foi abordado no capítulo anterior, referente à relação entre as disposições iniciais de cada entrevistado e a escolha da profissão de professor. Trabalharei as disposições sociais para agir dos entrevistados para tentar entender o cenário social em que estavam inseridos e assim refletir sobre a significância do ambiente da escola Albert Sabin. Considerei importante trabalhar com este aspecto, pois na própria fala dos entrevistados ele é considerado essencial na escolha da profissão e na permanência nesta.

Considerei importante entender por que os entrevistados decidiram escolher a escola Doutor Albert Sabin, onde cursaram o Ensino Médio, para trabalhar como professores. Se só tivessem voltado casualmente à escola, uma escolha, entre algumas opções, já poderia ser considerado um dado interessante por se tratar de ex-alunos. Mas, a partir das entrevistas pude perceber o grau de significância dessa escolha para os depoentes. Voltar para trabalhar nessa escola era o objetivo profissional dos entrevistados e procuro aqui trabalhar com os motivos que os levaram a traçar esse curso de ação. Constatou-se a partir dos depoimentos a importância da comunidade para a ação significativa.

Quando digo que este capítulo complementa o anterior é porque não poderíamos entender o que significa ser professor para os entrevistados sem se pensar na comunidade Albert Sabin, assim tomada por eles. A escolha da profissão de professor foi por eles justificada como estando vinculada à escolha do ambiente de trabalho e isso eu considero muito interessante. A escolha da profissão não se deu fora deste objetivo que era voltar àquele ambiente socializador deles já conhecido.

A escola Albert Sabin faz parte da memória dos entrevistados, mas, está presente também nos planos para o futuro. Essas ‘amarrasções passado-presente-futuro’ denotam a estabilidade sentida pelos depoentes que fazem planos a longo prazo tomando a escola como matriz geradora de cursos de ação. Zygmunt Bauman pode nos ajudar na reflexão sobre como os depoentes se sentem num ambiente acolhedor, numa comunidade, enquanto professores na escola Albert Sabin, da mesma forma em que sentiam no passado enquanto estudantes do Ensino Médio.

Próximo, acessível é, primariamente, o que é usual, familiar, conhecido até a obviedade, algo ou alguém que se vê, que se encontra, com quem se lida ou

interage diariamente, entrelaçado à rotina e atividades cotidianas. ‘Próximo’ é um espaço dentro do qual a pessoa pode-se sentir *chez soi*, à vontade, um espaço no qual raramente, se é que alguma vez, a gente se sente perdido, sem saber o que dizer, o que fazer. ‘Longe’ por outro lado, é um espaço que se penetra ocasionalmente ou nunca, no qual as coisas que acontecem não podem ser previstas ou compreendidas e diante das quais não se saberia como reagir: um espaço [...] que não nos sentimos obrigados a cuidar. (Bauman, 1999:20)

Trabalharei prioritariamente com o conceito “comunidade ética” para embasar a reflexão:

Teria que ser tecida de compromissos de longo prazo, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis, que, graças à sua durabilidade prevista (melhor ainda, institucionalmente garantida), pudesse ser tratada como variável dada no planejamento e nos projetos de futuro. E os compromissos que tornariam ética a comunidade seriam do tipo do “compartilhamento fraterno”, reafirmando o direito de todos a um seguro comunitário contra os erros e desventuras que são os riscos inseparáveis da vida individual. (Bauman,2003:68).

Oposto a esse conceito está o de “comunidade estética” que também será trabalhado neste capítulo principalmente para serem feitas reflexões sobre as críticas dos professores a certos valores observados na sua prática profissional como, por exemplo, aqueles relacionados ao individualismo e à fugacidade nas relações entre os indivíduos:

Quaisquer que sejam os laços estabelecidos na explosiva e breve vida da comunidade estética, eles não vinculam verdadeiramente: eles são literalmente “vínculos sem conseqüências”. Tendem a evaporar-se quando os laços humanos realmente importam – no momento em que são necessários para compensar a falta de recursos ou a impotência do indivíduo. Como as atrações disponíveis nos parques temáticos, os laços das comunidades estéticas devem ser “experimentados”, e experimentados no ato – não levados para casa e consumidos na rotina diária. São, pode-se dizer, “laços carnavalescos” e as comunidades que os emolduram são “comunidades carnavalescas”. (Bauman,2003:67-68)

4.2 Os valores agregadores e os valores individualizantes

Acredito que a primeira consideração a ser feita neste capítulo é sobre os valores defendidos pelos entrevistados, e que estão ligados à família e à comunidade em contraposição aos valores da sociedade de consumo. Essa relação de contraste pode ser percebida quando os entrevistados ao discorrerem sobre as suas trajetórias buscam opor a socialização que receberam na família com a de seus alunos em cujas famílias as relações entre os membros são muito individualizadas e filtradas por uma nova forma de socialização que é através de uma mercantilização do afeto.

Eu costumo falar pra os meus alunos aqui do Sabin que a qualidade que eu tive na minha formação eles não estão tendo. Claro, não é por incompetência do professor, até porque muitos professores com quem eu tive aula hoje continuam trabalhando aqui. Então, não é por incompetência dos profissionais, mas, é porque houve toda uma mudança de contexto. Então, quando eu estudei e havia reunião de pais, quando a minha avó ou a minha tia não podiam comparecer eu ficava preocupado, ficava nervoso, ficava aflito: o que será que vai acontecer comigo? Será que eu vou ser expulso? Será que eu vou sofrer alguma penalidade? Será que eu vou ser chamado na secretaria? Aquele ali os pais não têm nenhuma responsabilidade. Então, quer dizer ficava com aquilo. Havia uma maior participação da família, uma cobrança. Eu me lembro que meus colegas falavam assim: - Não, eu tenho que... minha mãe pediu pra eu vir aqui na sua casa pedir o seu caderno... Então, havia uma preocupação, um respaldo da família muito maior do que têm hoje. Eu tenho alunos que quando a gente percebe que tem o poder aquisitivo um pouco diferenciado em relação aos outros, em relação a ser mais abastado, ter uma situação financeira melhor, e a gente ameaça: Eu vou chamar o seu responsável aqui no colégio pra perguntar pra ele se ele sabe dessas suas atitudes fora de casa eles se espantam. Por que? Porque geralmente o pai ou a mãe não sabe do comportamento do aluno fora de casa. A gente vive hoje numa sociedade muito consumista que parece que educar o filho é dar aquilo que ele quer. Cuidar de uma criança é dar aquilo que ela vê na televisão, aquilo que ela pede. Parece que se substituiu a idéia de carinho pela idéia da... o carinho passou a não ser medido pela qualidade mas, sim pela quantidade de objetos. Passou a ser algo muito mais material do que sentimental esse carinho familiar. Então, um dos fatores eu vejo como esse, o respaldo da família. A gente sabe que hoje a cara da família brasileira é outra de quando eu me formei. Eu já tenho dez anos de formado no Ensino Médio, então...

Recorrentemente percebo que ao compararem os valores familiares aos de seus alunos a maior crítica está no fato de que as famílias não se envolvem com seus membros a fim de lhes dar orientações e conseqüentemente esses jovens se formam com valores desagregados. Em contraposição, os sonhos dos depoentes, de melhoria de vida, de estabilidade e segurança foram construídos e respaldados a partir de modelos interiorizados, onde as orientações da família tiveram um peso maior e os levaram a tomar decisões que

organizassem a situação de forma a acomodar perspectivas fundamentais e valores numa base humanista.

Se você considerar que o cara realmente não tem mais a família né (...) porque a primeira parte é a família né? Se você pegar um pai aí, uma mãe aí, eles não sabem nem, por exemplo: - De que que o teu filho teve aula segunda-feira mãe? Não sei não. [seria a resposta da mãe] - E quarta-feira? Quais são as matérias que o seu filho estuda aqui? Você sabia que o seu filho estuda Sociologia? – Sociologia? Filosofia? [seria a resposta da mãe] Aqui tem Sociologia e Filosofia, mas, eles não sabem... Não sabem, não sabem. Não tem um acompanhamento. – Mas eles trabalham muito Fábio. [o professor fala para ele mesmo] Então têm filho pra quê? Aí empurram o cara pra cá. Sei lá cara. Eles não têm orientação de ninguém.

Segundo os entrevistados, os jovens teriam seus valores conseguidos através da socialização, de forma atomizada, em inúmeros ambientes sobre os quais as famílias não têm controle. Os entrevistados assim, demonstram que defendem valores adquiridos de forma mais convencional através das relações face a face com os seus familiares ou professores.

Eu costumo falar pra uns amigos professores que o problema, a escola poderia dar certo seja qual for a metodologia que você fosse pensar, sabe? Vou ensinar Matemática através de ensino-aprendizado de questões, só com desafios. Vou ensinar Matemática de uma maneira mais tradicional. A família é o fator. Se não fosse a minha mãe acho olhar meu caderno e o olhar dela dizia: - Pô você... Minha mãe nunca...Minha mãe sempre teve umas frases muito curiosas né? Então na hora que tinha que fazer uma coisa ela primeiro olhava diferente então: - Puxa você tem que aprender aquilo ali pra dar uma aula amanhã.Tem que resolver essas questões, esses exercícios comigo. Ela meio que levanta e faz. Era essa frase. Então, fui crescendo com essa coisa. Eu tinha responsabilidades. (...) Ela falava, ela deixava bem claro: -Você vai ter que estudar sozinho, você vai ter que desenvolver algumas coisas. Então, deixava as coisas bem claras. Às vezes coisas bem simples né? Mas eu reclamava: Puxa mãe, eu tenho que pegar no livro... o professor deu a matéria de qualquer jeito. “Sabe o que você tem que fazer? Você levanta e vai fazer”.

Isso denota o quanto consideram fundamentais os ambientes socializadores mais fechados e com menor interferência dos valores individualistas que circulam em outros

ambientes como os virtuais. Fazem relação entre esses valores e a sociedade de consumo, talvez pela via do hedonismo que causa a fragilidade das relações sociais e comunitárias. Assim, para que esta pesquisa completasse seu sentido era necessário estudar a relação que os entrevistados demonstram ter com os valores comunitários a partir das apreensões sobre o lugar onde sempre moraram e da escola onde construíram a sua auto-identidade. Os entrevistados não dissociam seus valores daqueles que consideram próprios do ambiente da escola doutor Albert Sabin. Os entrevistados associam com frequência a globalização das idéias, cujo suporte é a Internet, com uma socialização construída a partir de valores desagregadores.

4.2.1 Valores Tradicionais

O fato de que os entrevistados procuram “reproduzir” na sua prática profissional os valores da comunidade da qual sempre fizeram parte está intimamente ligado à necessidade de firmar valores que prezam o comunitário, o tradicional, o respeito à família, a aversão à cultura consumista que esfacela, deixa sem prumos, sem orientação os indivíduos. “O gosto pessoal é elevado a um ethos completo; você é aquilo que gosta e, portanto, aquilo que você compra.” (Bauman, 2003:51). Os valores individualizantes estão sempre relacionados a uma cultura consumista segundo os entrevistados. Essas considerações permeiam todas as entrevistas.

Se eu fosse comparar... voltei no tempo... Eu com meus catorze anos, que foi quando eu entrei pro segundo-grau (...) a conversa era outra. A conversa era outra. Era muito mais inocente. Era época de... em si a sociedade também contribui muito. O que que era o papo ali? Cavaleiro do Zodíaco, futebol, a garotinha mais bonita. A garotinha mais bonita. Só isso. E agora, o papo deles? Senta, senta, senta, funk brabíssimo, uma letra deprimente.

Campo Grande é um bairro relativamente bom. Se você for comparar com outros né... até porque tem que ter um parâmetro. Mas, é claro que existem lugares melhores. Mas, eu, eu sou muito suspeito pra falar porque eu gosto muito de Campo Grande, mas eu acho Campo Grande um bom lugar. Ainda tem muita coisa bem, bem família. Ainda tem lugares bem tranquilos. Tem o bairro São Cláudio, ali onde era a Casa e Vídeo, ali é excelente. Tem o Rio da Prata, eu adoro o Rio da Prata. Tem vários lugares que eu poderia citar que

são bons lugares. (...) Meus pais adotaram uma menina tem quatro anos: Kelly. Ela tem onze anos e estuda em escola pública do município. As coisas que ela fala, as coisas que ela age, o jeito como ela anda, o que ela canta... É como se você tivesse avançado assim, sei lá, avançado muito rápido. Ela, tá muito mais, ela é muito mais, sei lá... devido a vários fatores: tecnologia, acesso à Internet, à informação toda muito rápido. Eu acho ela muito criança para as coisas que ela fala. Coisas que na minha época não eram assim. Claro que sempre teve menino. Qual era o ápice? Era conseguir comprar uma revista da Playboy escondido e no intervalo a gente olhava e tal. Agora o cara vai na lan house e aparece tudo inclusive a mulher falando. Você vai ali naquela passarela da rodoviária e aquilo ali é ridículo: o cara tem uma galeria de mulheres de tudo o quanto é tipo, de homens pras meninas de tudo o quanto é tipo, entendeu? Os anúncios no jornal, na televisão sei lá. (...) sempre foi assim, mas era mais enrustido... [o professor conversa consigo] Não sei mas eu acho que tinha uma certa castidade, uma coisa mais 'não é o momento'. E você tinha essa noção. Sei lá, acho que não é só o aluno e a família não ter mais preparo, tudo está contribuindo para, inclusive os desenhos[animados].

Outro professor:

Eu sempre fui muito CDF como eles diziam né? Ficavam na biblioteca lendo direto mas, jogava no time de futsal da escola. Tinha vários amigos: - Pô o Alan tá estudando. Não iam incomodar. Tinham um certo respeito, uma certa admiração. Agora não. Se o camarada estuda só mais um pouquinho ele tá errado, olha torto. Um coisinha que eu não sei como que a família no Brasil está crescendo e não ensina essas coisas. Acho que o problema é bem familiar.(...) O ensino parece que está muito distante. Você pega o livro didático totalmente fora da realidade de hoje. Por ter estudado música desde os dez anos eu estou sempre vinculado a uma música, tenho sempre uma música no ouvido, a música da semana, a música do ano... às vezes eles estão cantando funk e não sabem o que estão cantando. Puxa, cadê aquelas meninas cantando e querendo ouvir o Leoni⁴⁶, querendo que o seu namorado pegasse o violão e tocasse alguma música do Leoni? Ou a molecada querendo formar uma bandinha de rock pra falar sobre a política no Brasil? Não tem. Parece assim, que o Presidente Lula ele é o presidente lá e não influencia a minha vida. O

⁴⁶ Cantor nascido em 8 de abril de 1961 no Rio de Janeiro e que fez parte de duas bandas famosas na década de 1980: Kid Abelha e os Abóboras Selvagens e Heróis da Resistência.

*governador que vai ganhar daqui a uma semana não vai influenciar a minha vida. Como assim? Aí é que é chato né? Daqui a alguns anos eles estão votando. Então eles não entendem: a escola é a sociedade deles nesse momento. Eles não entendem muito bem como ela funciona e pra quê ela serve. Eu começo a minha primeira aula, só a primeira eu faço indiferente da matéria. Então, a primeira aula eu comecei com uma frase de Newton⁴⁷ falando sobre ciências exatas e da importância dela pra tecnologia. Botei um verso do Humberto Gesinger⁴⁸ que falava de seiscentos anos de estudo pra seis segundos de atenção. Eu queria saber se ofendia eles isso. Me ofende saber que eu fiquei seiscentos anos estudando pra seis segundos de atenção. Não, eu tive mais do que seis segundos. E um verso do Renato Russo⁴⁹ sobre juventude do CD *Tempestade*. Coloquei e pedi que eles só falassem. A primeira pergunta foi: - Tu dá aula de quê? Aí eu falei: - Agora não vem ao caso. Eu quero compreender as pessoas que eu tenho em torno de mim pra eu saber como aula deve ser moldada, a que público eu tenho que atender. Ninguém nunca ouviu falar dos três apesar dos nomes. Ninguém conheceu Isaac Newton, Ninguém conheceu Humberto Gesinger, ninguém conheceu Renato Russo. Tá bom. Pedi pra cada um dissertar um pouco sobre cada texto e escrever não quiseram. Então vamos argumentar mesmo. Poucos deram a opinião. “Por que eu tenho que dar a minha opinião?” Às vezes o que falta é isso. Não sei se tivesse uma ciência, um sociólogo, um psicólogo talvez, alguém que pudesse humanizar mais o povo, Filosofia... Quantos alunos se formam em Filosofia hoje? Está em crise a Filosofia. Na universidade se formam poucos sempre. Agora a procura por Ciências Exatas é baixa, muito baixa. Agora a procura por Filosofia é complicado. Você tem poucas pessoas estudando.*

Outro motivo apontado pelos entrevistados para que quisessem trabalhar no Albert Sabin é porque consideram a postura da direção do colégio nos moldes mais tradicionais em relação à disciplina e à forma de organização da instituição. Além disso, a direção cobra a participação da família nas atividades escolares, pois, esta é considerada imprescindível na vida dos alunos. Todos os entrevistados relatam que há um regimento a ser seguido na

⁴⁷ Cientista inglês nascido em 4 de janeiro de 1643 foi o primeiro a demonstrar que o movimento de objetos, tanto na Terra como em outros corpos celestes, são governados pelo mesmo conjunto de leis naturais.

⁴⁸ Cantor brasileiro nascido em 24 de dezembro de 1963 é vocalista da banda Engenheiros do Havaí criada na década de 1980.

⁴⁹ Renato Manfredini Júnior, conhecido com Renato Russo, nasceu em 27 de março de 1960 e foi o vocalista da banda Legião Urbana, que se tornou um símbolo a partir da década de 1980.

rotina escolar e esta postura da direção está em consonância com os seus próprios valores. Cada aluno ao ser matriculado recebe uma cartilha contendo os direitos e deveres do aluno e da família. Portanto, o colégio combinava a possibilidade de estar num ambiente que não ia de encontro aos valores prezados pelos entrevistados.

Aqui tem reunião de pais. Os pais vieram. Você vê: escola de Ensino Médio onde você vê reunião de pais? É difícil. E aqui nós tivemos reunião de pais.

Outro entrevistado contribui com a reflexão: (...) *Enfim, a diretora, sempre muito atenciosa, muito cobradora, mas, não aquele diretor que cobra só dos alunos, cobra dos professores, cobra do professor que falta, cobra do professor que sai mais cedo, cobra do professor que chega atrasado, cobra do aluno que não se veste devidamente para estar num ambiente de escola. Enfim, isso tudo fez com que eu acreditasse um pouco mais em mim e é isso que eu tento falar para os meus alunos hoje.*

Mesmo que os métodos utilizados pelos professores entrevistados sejam considerados por eles mesmos não-tradicionais, o pano de fundo dos seus planos de ação é reproduzir valores agregadores ligados à família, à escola e à comunidade. Os professores falam da importância em reconhecer as experiências que os alunos trazem da sua trajetória de vida e que devem adequar a sua prática aos novos modos de observação dos alunos. Mas, o que embasa esse pensamento ainda são as condutas que consideram essenciais num aluno: respeito ao professor, interesse pelo conhecimento formal, portar-se de maneira adequada, ler o que lhe é oferecido. O aluno pode ter a origem social que for, mas, tem que admirar o professor, reconhecer o quanto estudou e o quanto tem autoridade sobre o que fala.

4.2.2 Recepção difusa das idéias globalizantes

Acredito que por terem nascido nas décadas de 1970 e 1980, e por terem morado sempre no bairro de Campo Grande, afastado do centro da cidade, os depoentes constituíram-se como seres sociais a partir de valores mais voltados às relações face a face no ambiente familiar e na comunidade. Tudo isso é ratificado nas suas falas.

Os entrevistados não acessaram a Internet antes do ano 2000 e muitos relatam que atualmente não a utilizam frequentemente. Portanto pode-se supor que a “globalização das idéias” via Internet não chegou a todos os lugares de maneira uniforme e sem resistências aos novos valores.

A interface dos terminais de computadores teve impacto variado nas situações angustiosas de diferentes tipos de pessoas. E algumas [...] ainda podem, como antes, ser 'separadas por obstáculos físicos e distâncias temporais, separação que agora é mais impiedosa e tem efeitos psicológicos mais profundos do que nunca. (Bauman, 1999:25)

Não acredito que ficaram imunes a esses valores, mas, tiveram a oportunidade de ter os valores familiares e comunitários como amortecedores coletivos. Não havia um acesso fácil à Internet e, portanto, esta não se configurou como um instrumento formador. Os depoentes relatam que só a utilizaram tardiamente. Consegui perceber que estas atitudes são congruentes com as que foram refletidas até o momento: uma combinação de ascetismo e valores tradicionais se configura numa ilha de solidez, onde as idéias comunitárias procuram ser preservadas.

A partir das apreensões de um dos entrevistados é possível constar o quanto ele considera a Internet como apenas mais um instrumento de acesso à informação e critica a forma como ela está sendo utilizada pelos alunos:

Eu acho que eles subutilizam digamos o potencial de um computador e desses aparelhos eletro-eletrônicos que poderiam ajudar muito na realização de atividades tanto escolar quanto fora em outras atividades, eles subutilizam isso. Existe uma democratização da chamada informação e do acesso aos meios de comunicação como a Internet, o celular, os aparelhos que viabilizam essa informação, mas, não existe uma qualidade, não existe uma preparação pra essa democratização. A Internet hoje virou um espaço democrático. Mas, houve um trabalho, houve um apoio, auxílio, orientação nessa democratização? Não. Então quer dizer, então esses alunos que têm essa facilidade de acesso a essas tecnologias eles acabam subutilizando. Então o computador muitas vezes é pra, a Internet é pra acessar Orkut⁵⁰ e MSN⁵¹. A gente passa um trabalho de pesquisa e eles não sabem pesquisar. A primeira coisa que eles vêem na frente eles imprimem e nos manda pra avaliação. Enquanto muitas das vezes aquele que depende de ter acesso à Internet dentro do colégio ou pagando nessas lan-houses⁵² e por aí a fora, muitas vezes têm uma preocupação maior do que aquele que tem Internet à disposição em casa. Acho que justamente por saber valorizar: Eu sei que isso não está disponível então eu tenho que tirar

⁵⁰ Comunidade virtual criada em 24 de janeiro de 2004.

⁵¹ Sigla de Microsoft Network é um portal que envolve tecnologias da Internet e que permite comunicação em tempo real entre os usuários através de mensagens escritas.

⁵² Ambientes servidos de computadores com acesso à Internet onde as pessoas pagam para utilizá-los.

o máximo proveito pra que tudo dê certo. É porque eu não vou ter oportunidade de ficar vindo aqui toda hora. Então existe uma diferença nessa qualidade. Muitas vezes você tem trabalhos até mais volumosos desses alunos que têm maior facilidade. São trabalhos volumosos com a capa bem mais elaborada mas a qualidade do material que eles entregam pra avaliação fica às vezes a desejar.

Campo Grande passou por uma grande aceleração de investimentos na última década principalmente em termos de empreendimentos imobiliários e o setor de serviços. E isso me faz pensar se as idéias atomizantes trazidas com a globalização chegaram aqui também de forma mais lenta.

Nas falas dos professores não existe nenhuma passagem que denote que estiveram ou estão voltados a obter posses ou que necessitem consumir muito de forma a atender seus desejos numa insatisfação compulsiva. Em oposição a isso, mostram-se bem ascéticos e críticos em relação ao consumismo não demonstrando vontade de desempenhar esse papel. Portanto, suponho que os entrevistados constituíram seus valores em oposição à mercantilização do eu e em consonância com um lócus que pode servir de filtro moderador.

Com efeito, longe de ser um dado objetivo, impessoal, físico, a 'distância' é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida (e, numa economia monetária, do custo envolvido na produção dessa velocidade). Todos os outros fatores socialmente produzidos de constituição, separação e manutenção de identidades coletivas – como fronteiras estatais ou barreiras culturais – parecem em retrospectiva, meros efeitos secundários dessa velocidade. (Bauman, 1999)

E continuando o raciocínio, também raramente utilizam a Internet, inclusive aplicam trabalhos aos seus alunos de forma que não copiem respostas prontas da Internet. Alguns trabalhos não permitem que sejam digitalizados.

Todo bimestre eu passo uma pesquisa valendo três pontos. Todo bimestre. E que eu obrigo que seja feita à mão.

Quando permitem o uso da Internet verificam que os melhores trabalhos são dos alunos que não têm acesso ilimitado à rede internacional de computadores justamente porque precisam aproveitar melhor o tempo e assim o gastam com o que realmente é necessário à pesquisa. Não são avessos à Internet, mas, também não demonstram entusiasmo em relação a ela para a prática docente, por exemplo. Percebo claramente que a Internet tão tem uma significância grande para os professores quando se trata de diminuir as

distâncias de oportunidade de acesso ao conhecimento. É apenas mais uma ferramenta. E quando perguntados sobre quando a Internet passou a fazer parte de suas vidas respondem:

Bem tarde. A minha família não tinha dinheiro. Eu não tinha computador meu. Eu tinha acesso. Eu consegui comprar um quando eu estava terminando a faculdade. Então a Internet veio já eu diria que faz uns dez anos que eu passei a ter contato freqüente com a Internet. Eu fiz um curso de informática para aprender a lidar, mexer.

E outro professor: *Aprendi aos trancos e barrancos dentro da própria faculdade. Eu tinha computador, mas, ele era um monstro, uma coisa assim, muito precária, sabe aquela máquina quase à manivela? É importante pra mim, como é importante pra minha irmã, como é importante para todos os alunos daqui. Mas, a utilização que eles fazem da Internet é que me chateia, entendeu?*

O colégio estadual Doutor Albert Sabin seria o espaço do familiar, uma ilha de segurança que permitiria que os valores tradicionais fossem repassados e os novos filtrados. Enquanto o mundo tem as suas dimensões políticas, econômicas e pessoais transformadas de acordo com o mercado de consumo numa velocidade cada vez maior, essas ilhas de segurança permitem que os indivíduos possam ter alguma sinalização fixa para construir seus projetos e suas trajetórias. Estar em meio à segurança é confortante quando nos deparamos com a liquidez de tudo o que se está à volta. Nesses momentos a criação de auto-identidades acontece de forma a trazer um ponto fixo para o indivíduo.

4.3 Volta ao Albert Sabin: construção da auto-identidade?

Indagados sobre o motivo que os fizeram retornar à escola Albert Sabin, percebo que essa decisão está ligada à compatibilidade entre seus valores e disposições e os que prevalecem como orientação pedagógica na escola. Tal sintonia permitiria que sua auto-identidade fosse sempre reforçada conferindo segurança nos seus cursos de ação.

É primeiro não foi ganhar dinheiro porque ganhar dinheiro eu ganho dando aula em cursos preparatórios que pagam bem. Foi transformar a realidade daqueles que são como eu fui. Ajudar os alunos a sonhar e ouvir, ouvir também deles, estar... não me afastar da minha realidade. É retomar a minha realidade, modificar a realidade deles e modificar a minha. Por que às vezes, você vê muitos políticos de origem humilde, mas, quando chegam lá em cima as próprias circunstâncias os ajudam a passar uma borracha no

passado. Então, estar aqui é uma maneira de eu não esquecer que eu já precisei, que os alunos alguns não estudam porque não querem, mas porque não podem sabe? Então, foi por isso para modificar a realidade.

Em várias ocasiões disseram que mesmo que se decidam por uma profissão melhor remunerada e mais valorizada socialmente não pretendem deixar de dar aulas no Albert Sabin apontando motivos geradores de engajamento e construção de sua auto-identidade.

Para lembrar quem são:

Num mundo de livre-escolha é preciso que os pertencentes a uma comunidade acreditem que todas as suas atitudes não são forçadas, impostas por sua situação social. Necessitam acreditar, e por isso acreditam, que puderam exercer a sua autonomia e escolher. Justamente por isso, a idéia dessa escolha é leve: a qualquer momento pode-se escolher outra profissão, mas, ‘escolhem’ permanecer onde sempre estiveram. “Homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo onde tudo se move e se desloca, em que nada é certo. (Bauman, 2003:20 cita Hobsbawn)

Nota-se a auto-afirmação do “eu” a partir da comunidade Albert Sabin. Seria o mesmo que dizer que ‘num mundo onde há tantos valores eu faço opção pelos daqui. E eu continuarei trabalhando aqui para sempre reafirmá-los de modo a me sentir inteiro, seguro. Sou fruto dessa interação e quero preservar seus valores.’ E a reflexão de Bauman ratifica o raciocínio: “Nosso próprio eu (...) ponto fixo num mundo volátil.” (Bauman, 2003:130)

Os depoentes demonstram não serem indiferentes ao seu passado, pelo contrário, utilizam a escola como ponto de contato. Ela é símbolo de engajamento, de afetividade, de segurança. Portanto, serve de base para construírem a sua auto-identidade. A escola está na memória, mas, também está no presente permitindo que se estabeleça uma conexão entre memória e identidade. A memória das pessoas de uma comunidade não é construída fora de um contexto social significativo. Nas “idas” ao passado e nas percepções do presente, a memória vai se construindo de forma a criar um sentido para as pessoas a partir de uma identidade coletiva. Ao se tomar as representações temos a oportunidade de entender o grupo social e como são tecidas as redes de símbolos e de significados que mantêm a coesão social. Memória, identidade são, portanto, elementos indissociáveis e nos permitem entender como os laços sociais são construídos e ressignificados ao longo do tempo para a reprodução social. A escola que está na memória é o ponto de segurança em meio a tantas informações. Os entrevistados não se mostram indiferentes a ela, ao contrário são gratos.

Além dos amigos que fizeram na escola, os professores que os auxiliaram estão na memória e no convívio diário. Relatam que as amizades que fizeram na escola permanecem até hoje e os professores que lhes deram aulas são seus amigos íntimos, freqüentam as suas casas.

A tomada de decisão pela profissão se deu em meio a isso tudo. Da mesma forma que consideram seus professores altamente engajados na questão social que permeia a profissão também procuram empenhar-se nesse projeto interessando-se pelos dilemas enfrentados pelos alunos, enfim não se acomodando numa posição de indiferença. Militam contra uma atitude *blasé*. Teria o magistério uma função social?

Tem a ver com uma função social ... Eu nunca pensei nisso, mas, eu vou sem pensar muito eu vou dizer que tem essa função social sim. Eu diria mais pessoal que social, mas, acaba tendo. A motivação é pessoal e a consequência é social.

4.3.1 Uma experiência relativizadora

A partir das entrevistas constatei que todos consideram o colégio Albert Sabin como a possibilidade de contato com a alteridade, seja através dos professores ou através dos próprios alunos. Os entrevistados relatam que experimentaram intimamente um relativismo cultural-social que lhes permitiu e permite hoje comparar modos de vida e idéias. Existiram personagens-chave nas suas trajetórias pelos quais tiveram muito interesse e que serviram de modelo de outras maneiras de existir, ou seja, permitiram-lhes uma experiência relativizadora. Ser professor no Albert Sabin seria ter, segundo os entrevistados, a oportunidade de estar sempre em contato com a alteridade a partir das relações com os alunos que esse ambiente promove. Dar aulas no Albert Sabin significa não afastar-se desse contato com o novo, com o diferente. Esse é o motivo de maior satisfação.

A heterogeneidade, inclusive do corpo docente, permitiu que os entrevistados pudessem contrastar a percepção que tinham de si mesmos com a figura do professor que chegava à sala de aula contando histórias de lugares que freqüentavam levando os alunos a produzirem sonhos, a perceberem sua situação. Os professores segundo os depoentes foram os responsáveis em levar os alunos a verem possibilidades de cursos de ação. Um dos

entrevistados sempre morou em Campo Grande e relata que teve a oportunidade de estar em contato com pessoas com estilo de vida diferente na escola Albert Sabin:

Eu tinha contato não só pelos professores que alguns não moravam aqui contavam suas histórias de teatro, contavam suas histórias de viagem, contavam traziam vivências como alguns parentes que moravam em outros lugares. Eu não cheguei a visitar não. Era só a questão de ouvir as histórias e também querer ser diferente. Eu não moro em Campo Grande hoje. Mas, eu gosto muito de Campo Grande. Eu não moro aqui porque infelizmente nós não temos acesso à cultura tanto quanto gostaríamos de ter. Por exemplo, eu também estudei pra Teatro, eu sou roteirista de teatro. Aqui é longe pra tudo. E também como a minha empresa fica lá no Recreio convém morar pra lá. Mas, eu estou sempre aqui.

Outro entrevistado também chamou a atenção para as conseqüências sofridas pela distância do bairro dos centros de cultura e para esse sentimento de estar em contato com o novo:

Era muito difícil sair pra qualquer lugar até pra Campo Grande. Eu morava a quinze minutos do centro de Campo Grande, isso de ônibus. Até os eventos que tinha aqui na escola na época da adolescência “garoto e garota Sabin” sempre teve essa coisa muito bem feita, mas, não dava pra vir. Não dava. A adolescência foi complicadíssima. Não dava. Financeiramente não dava. Se era férias eu tinha que arrumar alguma aula particular pra dar. A renda era essa durante o ano todo. Então, quando eu vinha a Campo Grande era rápido e eu não conhecia muita coisa não. Por isso que eu pensava que eu nunca ia pisar na UFRJ porque nunca tinha ido, ‘um sonho distante’, ‘quem sabe um dia’. Ficava nessa politicagem.

E conclui dizendo que foi nesta escola que esta oportunidade se concretizou:

Ah, sem dúvida, sem dúvida. O bairro onde eu morei e moro até hoje é pequeno, perspectiva de vida é pequena. As pessoas têm perspectiva de vida pequena. Minha geração naquela época era complicada. O Sabin [escola] tinha, ainda tinha aquele estilo dos anos oitenta. Não sei se era porque nos corredores tinha muita gente cantando Legião Urbana⁵³, isso em noventa e oito. Então, era outro mundo. Conhecia muita gente, escola

⁵³ Banda brasileira famosa desde a década de 1980.

muito grande, oito mil alunos⁵⁴, não sei. Uma coisa absurda a quantidade de alunos. Conhecia gente de tudo o que é lado, gente de outros estados. Então, foi assim um mundo novo pra mim. Talvez por isso a paixão de querer voltar, meio querer retribuir, vestir a camisa mesmo. Aconteceu comigo, quero que aconteça com todos. E Zygmunt Bauman corrobora: “O encontro da alteridade é uma experiência que nos coloca em teste: dele nasce a tentação de reduzir a diferença à força, podendo também gerar o desafio da comunicação como um empenho constantemente renovado.” (Bauman, 2003:17)

Por terem tido a oportunidade de não considerarem evidente o que vivenciaram em sua socialização familiar puderam no contato com novas situações criar uma trajetória que combina disposições iniciais ascéticas a novas possibilidades de perceber o mundo.

Acredito que por ser um ambiente que possibilita o contato com o novo seja como aluno, seja como professor, que surgem inúmeras possibilidades de trabalhar o capital herdado e construir uma trajetória profissional ancorada no desejo de se tornar uma referência de conhecimento assim como foram seus professores dos quais lembram até hoje. Ainda hoje eles consideram importante esse contato com os professores que lhes inspiraram e com os adolescentes que advindos de localidades diferentes podem lhe possibilitar conhecimento a partir da heterogeneidade. Ser professor no colégio estadual Albert Sabin significa entre outras coisas estar imerso numa heterogeneidade de situações trazidas pelas pessoas de várias origens sociais que confrontam os professores e toda a sua formação, mas que são utilizadas como enriquecimento pessoal. Essas relações com diferentes maneiras de ser, de sentir, de agir e de pensar foram acolhidas como fonte de conhecimento pessoal e matéria-prima para os planejamentos de cursos de ação que torne a aula mais agradável aos alunos sem perder o foco no repasse de conteúdos.

4.3.2 Ruptura biográfica

O relato dos professores indica uma espécie de “ruptura biográfica” a partir de suas inserções como professores na escola Albert Sabin. Na percepção dos entrevistados, houve uma mudança de status, de posicionamento social com a profissão agora exercida. A ruptura não se deu no nível dos valores primários, básicos. Nas suas apreensões percebe-se que tinham uma

⁵⁴ O colégio recebe em média 1000 alunos por turno. É interessante o entrevistado estimar em 8000 alunos circulando pelo colégio, pois, denota o quão grande ele considerava o espaço seja do ponto de vista físico, seja do ponto de vista das possibilidades de interação social.

trajetória de vida pré-destinada socialmente, mas, no contato com as pessoas desta escola puderam conciliar seus valores familiares a uma trajetória de ascensão social.

Acontece o seguinte: eu sempre estudei em instituição pública. Meus pais nunca tiveram condição de me colocar pra estudar num colégio particular. Não que eles não quisessem; eles não podiam. Estudei na Cesário Alvim aqui em Campo Grande, depois estudei numa escola municipal cujo nome eu esqueci agora e por último eu estudei aqui no Albert Sabin que foi um divisor de águas na minha vida. Eu tive professores aqui que eu gosto muito de salientar, que eram aquilo que nós chamamos de loucos. Enquanto alguns reclamavam que não dava tempo dar, por exemplo, a professora de Francês, Neide, enquanto os outros reclamavam que não dava tempo de dar Francês, ela dava aula de Francês, ajudava a gente no Português e ainda dava aula de Latim. Onde é que a gente podia sonhar que existia Latim? Fiquei sabendo que existia Latim através dela. Enfim, a Aparecida, a Sirléa como diretora, sempre muito atenciosa, muito cobradora, mas, não aquele diretor que cobra só dos alunos, cobra dos professores, cobra do professor que falta, cobra do professor que sai mais cedo, cobra do professor que chega atrasado, cobra do aluno que não se veste devidamente para estar num ambiente de escola. Enfim, isso tudo fez com que eu acreditasse um pouco mais em mim e é isso que eu tento falar para os meus alunos hoje. Eu saí do Albert Sabin e primeiro eu fiz uma primeira graduação em Letras Português-Inglês numa instituição particular e depois eu me apaixonei durante a faculdade de Letras por latim, porque eu me lembrei daquilo que eu tinha aprendido aqui. Aí eu fui e fiz vestibular pra UERJ e enfim passei pra UERJ sem precisar fazer pré-vestibular e quando eu vim aqui pegar a minha documentação e fui pra UERJ, quando eu olhei pra trás assim, eu prometi que eu voltaria aqui como professor para fazer pelos meus alunos o que aqui eles fizeram por mim. Eu não sei dizer se fizeram muito ou se fizeram pouco. O que eles fizeram foi acreditar e isso faz toda a diferença. Nós temos um grupo muito grande de professores que só estudaram a vida toda em colégios particulares e que por sua própria vivência alguns acreditam que não se pode exigir ensino de qualidade dentro da instituição pública. Então, eu sempre parti do princípio de que sim e tento convencer alguns colegas meus aqui no Sabin a Direção cobra mais, mas, eu já dei aula em outros, em CIEP e tal e você vê que são professores que não acreditam nos alunos. Qualquer coisa serve porque é público, qualquer coisa serve porque é à noite, qualquer coisa serve porque eles [alunos] não querem nada. Na verdade eles não sabem nem o que querer. Alguns querem

estudar para ter um bom patrão. Eles não sonham nem em ser patrão um dia. Assim, hoje graças a Deus, assim, eu tenho uma condição de vida, não sou rico mas tenho uma condição de vida já estável com vinte e seis anos. Eu morava na Barra agora moro no Recreio porque eu tenho uma empresa lá. Eu sou dono de um curso preparatório. Trabalho na Folha Dirigida, sou professor da Degrau Cultural onde se faz cursinhos preparatórios pra área de Direito, Magistério etc. no Rio de Janeiro e tudo isso começou aqui. Lendo livro emprestado, dormindo pra conseguir vaga de bolsa em lugares onde eu nunca tive condição de estudar. Mas, mesmo com toda dificuldade que eu tinha, com toda barreira que eu tinha de chegar aqui com o pé todo sujo de lama, de vir sempre com o mesmo sapato, eu sempre encontrei professores que me faziam deixar toda aquela realidade e colocar a minha cabeça num outro plano. E quando eu saí daqui eu fui atrás do plano que eles puseram na minha cabeça. E hoje eu estou aqui feliz graças a Deus. E voltei pra continuar pra fazer isso pelos meus alunos também.

Em seus depoimentos os professores relatam que o Albert Sabin foi um divisor de águas nas suas vidas. Uma das entrevistadas associou a escola Albert Sabin e as orientações da sua mãe a uma ruptura no que, segundo sua percepção, era considerado destinado a ela.

Até o Ensino Médio, eu confesso que eu não tive contato com a alteridade porque todo o meu ensino fundamental eu cursei perto de casa, era muito perto mesmo, dez minutos. Para vir para o Albert Sabin eu tinha que pegar ônibus. Era uma coisa completamente diferente: sair de onde eu morava, do meu bairro para vir para cá. Assim eu tive contato com a alteridade. Foi a minha mãe que incentivou a pensar muito mais alto. Eu poderia ser uma empregada doméstica. Eu poderia ter uma realidade totalmente diferente. Eu poderia ter engravidado cedo, que é uma realidade das meninas adolescentes. Eu poderia ter me fechado lá, mas foi ela, por incentivo dela que me fez pensar muito mais.

Todos os professores foram unânimes em dizer que lá conseguiram sonhar, pensar uma realidade diferente, a partir das experiências possibilitadas por alguns professores que ousaram fazer diferente. Esse foi o contato com a alteridade. Um dos professores disse na sua entrevista que sempre desejou voltar ao Albert Sabin porque foi aqui que houve a possibilidade de planejar uma vida diferente:

Mas, mesmo com toda dificuldade que eu tinha, com toda barreira que eu tinha de chegar aqui com o pé todo sujo de lama, de vir sempre com o mesmo sapato, eu sempre encontrei professores que me faziam deixar toda aquela realidade e colocar a minha cabeça

num outro plano. E quando eu saí daqui eu fui atrás do plano que eles puseram na minha cabeça. E hoje eu estou aqui feliz graças a Deus. E voltei pra continuar pra fazer isso pelos meus alunos também.

4.4 Cultura do consumo

Os professores entrevistados consideraram importante serem lembrados por seus gostos pessoais e pelo que consomem materialmente? A partir das entrevistas podemos constatar que os entrevistados tiveram suas trajetórias marcadas pela impossibilidade de consumir bens materiais e culturais. Como já foi citado no capítulo anterior, tiveram limitações econômicas inclusive para fazer passeios fora do bairro onde moravam e para “consumir cultura”:

A gente passeava muito pouco. Os meus finais de semana era ir para igreja, até os meus 18 anos. Hoje, eu não frequento mais. Mas a vida toda eu passei dentro da igreja. Quase não parava em casa. No grupo de adolescentes, tinha acampamento que a gente fazia. Então era muito isso. Cinema, teatro, não tinha nada disso. Tudo isso: teatro ou qualquer outro evento que tinha, ou era pela escola ou era pela igreja. Minha família não ia a teatros... até pelo histórico deles eles não iam.

Portanto o ambiente socializador configurado no qual os entrevistados estavam imersos não ofereceu condições da criação de disposições voltadas ao consumo, à aquisição de bens, à procura por uma profissão que oferecesse melhor remuneração. Tiveram contato na infância com pessoas que possuíam capacidade maior de consumo, mas foram socializados de forma a aceitar as suas limitações para isso e a serem resilientes. Se perceberam que o consumo era o eixo regulador das relações na sociedade, o encararam de forma a não sucumbir à impossibilidade de consumir. É importante acrescentar que os professores entrevistados, em sua maioria, fazem parte de uma geração menos exposta à cultura de consumo, tal como crescentemente se percebe hoje. Sua formação se deu em um lugar distanciado dos pólos de cultura. O fato de estarem desprovidos de recursos ou oportunidades os fez adotar um comportamento comedido?

Construíram a sua identidade social a partir dessas experiências e isso pode ser constatado a partir das apreensões que os depoentes têm sobre o efeito do consumismo na vida dos seus alunos. Pude perceber que a escolha da profissão se deu num contexto onde as

trajetórias de vida escolhidas rejeitavam o consumo como orientador de seus cursos de ação, suas condutas de vida, incidindo o fato de que os entrevistados passaram por situações de limitação material. Portanto, tudo leva a crer que as instituições tradicionais como a família, a escola, o dever social devem ter tido um peso muito grande na escolha da profissão de professor, pois, representavam a oportunidade de estarem adequados a uma comunidade já que não podiam (ou os seus valores não tendiam a isso) pertencer à sociedade do consumo.

Se o estilo de vida não estava ligado ao consumo pode-se supor que as instituições tradicionais ainda foram relevantes na escolha da profissão. Ao criticarem enfaticamente o consumismo, construíram os seus valores em oposição a ele. Se em muitas falas o consumismo é abordado sugere, portanto que ele serviu de referencial para os entrevistados mesmo que o tenham rejeitado. Não construíram sua trajetória tendo o consumismo como orientador de suas ações, mas, em oposição à mercantilização dos projetos pessoais. Demonstram importar-se com os desdobramentos que surgem a partir das mudanças das expectativas sociais em relação aos projetos de vida. O homem-produtor está sendo substituído pelo cidadão consumidor e essa mudança não seria positiva segundo os entrevistados.

Anthony Giddens nos ajuda neste entendimento: “Em todos esses sentidos, a mercantilização influencia o projeto do eu e o estabelecimento de estilos de vida” (Giddens, 2002:182) e ainda:

Afastando a possibilidade de emancipação, as instituições modernas ao mesmo tempo criam mecanismos de supressão, e não de realização, do eu. ‘Estilo de vida’ se refere também a decisões tomadas e cursos de ação seguidos em condições de severa limitação material; tais padrões de estilo de vida também podem algumas vezes envolver a rejeição mais ou menos deliberada das formas mais amplamente difundidas de comportamento e consumo. (Giddens, 2002:13).

Os professores relatam que sentem prazer em buscar conhecimentos sobre o mundo e sobre as pessoas. De certa forma poderia se dizer que são consumidores desse tipo de produto, o bem cultural. São orientados, segundo suas próprias concepções de vida, a satisfazerem o seu desejo de consumir cultura e estarem em contato com a alteridade e por isso relatam que precisam de uma profissão que lhes permita uma mobilidade de horário. Além disso, como criticam o exagero de consumo, inclusive culpando-o pelo baixo rendimento escolar dos estudantes, levam a crer que pretendem reforçar a importância das instituições tradicionais, principalmente a escola e a família, frente às pressões atomizantes que são fontes de insegurança. Em suas experiências relatam situações em que não podiam consumir e que hoje

os jovens consomem muito mais e têm acesso à alta tecnologia e nem por isso têm rendimento escolar satisfatório.

A crítica ao consumismo sempre está ligada a uma perda dos valores considerados tradicionais e suas conseqüências trariam danos à construção de um capital escolar e cultural. A profissão de professor pode ser percebida como atrelada à propagação desses valores.

Não posso afirmar se essa situação se estabelece de forma geral em todos os lugares. Mas, a partir das leituras de Giddens, particularmente seus trabalhos que tratam da comunidade como um porto-seguro, cada vez mais os valores tradicionais são buscados contrastando-os aos valores da “modernidade tardia” que leva ao esfacelamento das instituições. Por terem sempre sofrido com a escassez de bens materiais e imateriais, e mesmo assim terem conseguido ascensão social em relação aos pais, estabilidade financeira e auto-identidade, os professores são favoráveis aos valores que dizem respeito ao ser humano produtor em oposição ao ser humano consumidor.

4.5 Comunidade

Os entrevistados ao relatarem suas experiências positivas na escola Albert Sabin demonstram que além da afetividade pela escola, a satisfação de continuar frequentando este espaço se funda psicologicamente na confiança básica e na previsibilidade das relações sociais nesta comunidade. Estariam num casulo protetor que filtra os perigos potenciais representados pelo mundo exterior. A comunidade atua de forma centrípeta cerceando as escolhas dos indivíduos, mas, protege dos riscos da exposição ao desconhecido. Viver em comunidade restringe as opções de cursos de ação, mas, em contrapartida há um sentimento de pertencimento que confere um prumo, uma constância.

Concentrando-se no argumento de que estar na comunidade dá a sensação de que tudo está em seu devido lugar, a escolha da profissão se dá de uma forma em que a violência simbólica⁵⁵ atinge o seu mais alto grau de enraizamento e o indivíduo toma a escolha como natural.

“O que os indivíduos [...] vêem na comunidade é uma garantia de certeza, segurança e proteção – as três qualidades que mais lhes fazem falta nos afazeres

⁵⁵ Conceito elaborado pelo sociólogo Pierre Bourdieu significa a naturalização do discurso dominante por parte dos dominados.

da vida e que não podem obter quando isolados e dependendo dos recursos escassos de que dispõem em privado”. (Bauman, 2003:68)

Quando falaram que quiseram voltar para fazer pelos alunos o que fizeram por eles, tentei entender o que realmente consideram que fizeram por eles. Nessa comunidade ética há o compartilhamento fraterno. O raciocínio dos entrevistados pode ser assim sintetizado: ajudaram-me e agora eu quero ajudar.

Reconhecer que os despossuídos⁵⁶ estão ainda mais vulneráveis nessa situação faz com que necessitem ancorar-se na comunidade e em tudo o que ela representa. E o fato de que foram ‘acolhidos’ por determinado grupo social que lhes possibilitou algum sentido para sua existência fortaleceu a decisão de se apegarem à idéia de segurança, de confiança.

Acredito que escola Albert Sabin é sentida pelos depoentes como uma comunidade porque percebi entre tantas coisas que a relação estabelecida entre eles e seus ex-professores são muito significativas para a sua auto-identidade, pois, a imagem que criaram de si mesmos está muito ligada ao lugar.

‘Foi com ele que eu aprendi a ...’ e ‘hoje somos amigos’, são falas recorrentes e conferem a idéia de que houve repasse de valores importantes inclusive para as suas práticas profissionais. Apontam grande satisfação em trabalhar com seus ex-professores e poder tê-los como “amigos íntimos”, por freqüentarem as suas casas. Portanto, tais apreensões denotam a importância de laços duradouros em contraposição às relações de curto prazo. “ [...] nenhum agregado de seres humanos é sentido como ‘comunidade’ a menos que seja ‘bem tecido’ de biografias compartilhadas ao longo de uma história duradoura e uma expectativa ainda mais longa de interação freqüente e intensa”. (Bauman, 2003:48)

Não se pode medir o quanto uma pessoa está sendo influenciada pela alta modernidade. Mas, pode-se perceber que as relações estabelecidas na escola Doutor Albert Sabin significam o oposto disso seja por uma interação verdadeira de longo prazo, seja pelo desejo de estar seguro e ancorado em valores conhecidos.

Raymond Willians, atento analista de nossa condição comum, observou de modo cáustico que o que é notável sobre comunidade é que ‘ela sempre foi’. Podemos acrescentar: que ela sempre esteve no futuro. ‘Comunidade’ é nos dias

⁵⁶ Pessoas que não possuem capitais culturais e sociais suficientes para fluir pelos campos (serem cosmopolitas, não enfrentarem barreiras físicas e simbólicas).

de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá. (Bauman,2003:9)

E Giddens complementa:

Atitudes de confiança em relação a situações, pessoas ou sistemas específicos, e também num nível mais geral, estão diretamente ligadas à segurança psicológica dos indivíduos e grupos. Confiança e segurança, risco e perigo, existem em conjunções historicamente únicas nas condições da modernidade. (Giddens, 2002:25).

Se distanciar-se da comunidade significa ser calculista e impessoal nas relações então a partir das entrevistas pode-se perceber que não houve e não há o interesse de que isso aconteça pelas razões óbvias: mesmo o professor sendo mal remunerado, com baixo status, nas falas o que mais agrada é o contato com os alunos num ambiente familiar e o tempo disponível para agir nas outras esferas da vida, inclusive compartilhando esse tempo com seus amigos de profissão e alunos.

O fato de reconhecerem que ‘estão onde estão’ graças a um conjunto de pessoas e orientações morais faz-me perceber que superestimam o valor da família e não desconsideram o valor da comunidade em suas vidas e procuram solidificar os laços e reproduzir os valores comunitários através de suas ações com os seus alunos. “Todos nós precisamos ganhar controle sobre as condições sob as quais enfrentamos os desafios da vida – mas para a maioria de nós esse controle só pode ser obtido coletivamente.” (Bauman, 2003:134)

4.6 Afetividade

A afetividade foi um ponto alto nas entrevistas. Afetividade que se liga à questão da confiança, da segurança, apontada por Bauman. As comunidades tecem entre seus membros uma rede de responsabilidades éticas e, portanto de compromissos a longo prazo. E nesse caso isso se confirma pelo fato de falarem com tanta afetividade do lugar e por terem ancorado os seus objetivos nesse retorno à escola. Quando falam do bairro também se referem de forma afetuosa, sempre ligando às lembranças da infância e às raízes que ainda

possuem. Os amigos que fizeram na escola, os professores que souberam entender suas realidades e apontar caminhos, a escola que acolhia estão presentes na memória:

Aqui sempre foi muito família. Minha adolescência foi muito complicada em casa, com muitos problemas. Gostava de estar aqui. (...) Eu queria pra poder trabalhar. Além da escola ser linda e várias outras coisas. É uma coisa pessoal mesmo. Eu queria estar aqui. Muito bom, muito bom.

Outra entrevistada dá a sua contribuição para solidificar o argumento:

Quando eu estudava aqui e comecei a pensar em fazer História por conta dessa professora, eu várias vezes me imaginei dando aula aqui. Então, quando eu fui convocada para o Estado no ano passado, eu quando eu cheguei para tomar posse aqui na Secretaria Estadual de Educação aqui do lado, era quase impossível conseguir vaga no Sabin que é o colégio mais concorrido que tem, todo mundo quer dar aula aqui por causa da estrutura, e eu vi que tinha, eu disse me dá qualquer horário que tiver, pode ser à noite eu não me importo. Porque eu tinha essa afetividade com o colégio. Eu tinha uma questão afetiva. Eu passei a minha adolescência aqui, boa parte dos amigos que eu fiz na minha adolescência eu fiz aqui, são meus amigos até hoje, eu tenho toda uma ligação, todo um afeto. Então, além do estímulo, que eu não tenho do que reclamar, eu tinha toda uma afetividade. Eu me imaginava dando aula aqui.

Ao comparar a escola Albert Sabin às outras nas quais também leciona, a entrevistada resume seus sentimentos assim: (...) *afetividade com certeza. Eu digo que hoje a minha escola do coração é o Sabin, entendeu? Eu dou aula em outras escolas até do Estado mesmo, mas, a minha escola do coração é o Sabin.*

Mesmo tendo concluído o Ensino Médio, o entrevistado buscava informações sobre como estaria a escola Albert Sabin revelando afetividade pelo lugar:

Também, também porque o Sabin ele além de eu ter gostado muito, mesmo depois que eu saí ele manteve pelo que eu escutava dos meus colegas e conhecidos que vieram pra cá depois que ele mantinha uma qualidade, mantinha aquela referência que eu tive quando fui aluno. Então, se é pra escolher um lugar pra trabalhar que seja um lugar mais agradável, um local que eu tenha uma relação de afetividade. Aí quer dizer eu tive tudo, eu tive a sorte de ter uma vaga aqui. Muito bom.

As comunidades, os bairros têm poder vinculante e isso pode ser percebido na fala dos professores que mesmo apontando os sérios problemas de estrutura ainda querem permanecer no bairro. Quando indagado sobre os motivos que o levam a continuar morando em Campo Grande, o entrevistado responde:

Talvez uma coisa mais afetiva. Eu não sei... eu conheço muita coisa... quando chega em Campo Grande ali, onde eu moro, no Rio da Prata, eu conheço todo mundo. Talvez seja por isso, a familiaridade, o fato de eu conhecer muita gente, o fato de ... é meio complicado, é um paradoxo.

4.7 Trajetória com pouca mobilidade espacial

Em comum os entrevistados não tiveram grande mobilidade espacial durante suas trajetórias de vida e escolar. Estudaram por longos períodos na mesma escola e só a deixavam quando haviam cursado todas as séries disponíveis naquele estabelecimento. E depois da licenciatura voltam para a escola na qual cursaram o Ensino Médio. Percebe-se que há um senso de permanência que denota uma disposição em agir com a segurança oferecida pelo que é familiar e, portanto, previsível. Mesmo quando criticam a estrutura do bairro de Campo Grande a questão do familiar é a que prepondera. A trajetória dos depoentes foi marcada por uma ascensão social em relação aos pais sem terem que assumir riscos. E o fato do emprego ser estável, de duração indeterminada ratificou essas trajetórias com poucas escolhas, poucas mudanças.

O Ensino Fundamental foi numa escola aqui em Campo Grande, colégio Amazonas. Depois uma escola estadual num bairro em Nova Iguaçu bem próximo a Campo Grande, último bairro de Nova Iguaçu vindo pra Campo Grande. O Ensino Médio foi aqui no Albert Sabin. A graduação foi feita na FEUC⁵⁷ que é uma instituição particular aqui de Campo Grande. Dali, eu fiz cursos de extensão no IMPA que é o Instituto de Matemática Pura e Aplicada do Rio de Janeiro. Do IMPA eu fiz a pós na UFRJ⁵⁸ e agora tento o mestrado na UFRJ.

⁵⁷ Fundação Educacional Unificada Campo-grandense, localizada na Estrada da Caroba no bairro de Campo Grande, Cidade do Rio de Janeiro.

⁵⁸ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E outro entrevistado relata uma trajetória escolar com pouca mobilidade espacial e o mais interessante: ele retorna às escolas nas quais estudou para ser professor:

Eu dou aula no Município na escola onde eu fiz o meu ginásio. E dou aula no Segundo Grau na escola onde eu fiz meu Segundo Grau. Não sei, eu acho que talvez, pelo mesmo fato de não sair de Campo Grande né? Não sei... Eu conheço tudo aqui, entendeu? Os professores me deram aula, a Júlia⁵⁹ foi a minha professora. A Sirléa⁶⁰ foi a minha professora. Não sei, eu acho que eu sou muito ligado a essas coisas assim. Não sei se o termo “família” é o certo. Eu sou muito ligado... Eu não quero sair daqui. - Fábio, vai pro Irineu⁶¹, que é quase em frente à minha casa, é só atravessar a rua. Eu não quero ir pro Irineu. Quero ficar aqui. “por que você dá aula na Rubens⁶² e não na Professor Gonçalves⁶³ onde sua mãe dá aula e que é pertíssimo”, em frente ao Prezunic⁶⁴, é duas ruas depois da minha casa. Não. Acho que é pelo fato de eu conhecer os professores e é isso aí sei lá. Não tenho outra... Sempre quis. Eu sempre quis, quando eu fizer eu vou lá pro Sabin. Se eu passar pro Município eu vou pra Rubens. E deu certo.

Ainda sob o mesmo enfoque, quando perguntado se suas escolhas educacionais e profissionais se deram aleatoriamente, outro entrevistado também aponta como principal objetivo o retorno à escola Albert Sabin. E assim como os outros entrevistados, este professor relata que é muito difícil conseguir uma vaga para trabalhar nessa escola, o que denota o quanto gratificante é ser professor nesse lugar.

O único objetivo que eu tinha era passar num concurso do Estado pra dar aula aqui. Apesar do salário. Nessa escola. E assim, quando estava no quarto período da faculdade saiu um concurso pro Estado. Eu fiz a prova e graças a Deus eu não passei em primeiro lugar porque se eu tivesse passado, eu não iria conseguir tomar posse. Aí terminei a faculdade. Quando eu me formei passaram dois ou três meses e o Estado me mandou um telegrama dizendo que eu estava sendo convidado a fazer parte do Ministério da Educação. Tinha vaga aqui e eu consegui. É difícil conseguir trabalhar aqui. Aí tinha vaga aqui.

⁵⁹ Diretora Adjunta da escola Dr. Albert Sabin.

⁶⁰ Diretora Geral da escola Dr. Albert Sabin.

⁶¹ Colégio Estadual Irineu José Ferreira localizado no bairro de Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro.

⁶² Escola Municipal Rubens de Farias Neves, localizada em Campo Grande, bairro da cidade do Rio de Janeiro.

⁶³ Escola Municipal Professor Jorge Gonçalves Farinha, localizada em Campo Grande, Rio de Janeiro.

⁶⁴ Supermercado localizado na Estrada do Cabuçu, Campo Grande, Rio de Janeiro.

4.8 A estrutura física da escola Albert Sabin

Aliada a todos os motivos apontados anteriormente pelos entrevistados para que retornassem à escola Albert Sabin há uma estrutura física que permite que os professores possam dar as suas aulas utilizando equipamentos tecnológicos que auxiliam no repasse dos conteúdos, como por exemplo, o equipamento Data-Show. Se o bairro Campo Grande não tem oferecido recursos como equipamentos culturais, o colégio ofereceu a possibilidade de trabalhar com outros recursos.

Um colégio do Estado que tem ar condicionado nas salas, em todas... Aqui você tem acesso a todos os equipamentos multimídia... Tem Data Show, três equipamentos de Data Show, retro-projetor, aparelho de som... Você tem auditório, a escola está aumentando. A localização dele também é ótima, eu morava aqui em Campo Grande... Então, assim, é um colégio que chama atenção. A maioria do pessoal que passa para professor do Estado é um dos colégios, assim primeiro, que eles preferem. Comparam à realidade dos outros colégios do Estado. Aqui em Campo Grande e no Estado em geral você não tem... Eu tenho colegas que trabalham nos arredores, Santa Cruz, Bangu, Inhoaíba, Paciência, não têm a quantidade de recursos que aqui tem.

Outro professor também tem a mesma opinião:

A escola aqui é completamente aparelhada. Tem uma estrutura boa que realmente você pode usar, entendeu? Só que fora daqui, extra-classe, eu vejo muito pouca opção, muito pouca.

Outra entrevistada também aponta a estrutura como um dos motivos para o seu retorno à escola:

Ah... Eu gosto muito daqui. Nossa... É um colégio com uma estrutura muito boa. Eu sempre falo: a estrutura parece, a estrutura dele hoje, antigamente nós também não tínhamos essa biblioteca que tem hoje ali. A estrutura que ele tem hoje é melhor do que um colégio particular da região. Vou falar a verdade para você. O ensino também. Tem professores ótimos aqui, gabaritados mesmo. Claro, dão aula nas escolas particulares da redondeza. Mas, aqui é muito bom. É uma pena que eles não dão tanto valor como deveriam dar ao ensino daqui. Nós agora temos livros. Agora nós vamos ter mais livros: Física, Geografia, vai mudar Matemática e História. Eu sempre gostei muito daqui por

isso eu resolvi trazer a minha matrícula pra cá por isso. Por causa da estrutura do colégio que é muito boa. Eu fiz um ano de contrato aqui antes de trazer a minha matrícula. E eu me identifiquei muito com as pessoas, com a direção e com todo mundo. Aí eu resolvi.

E ao comparar as escolas nas quais trabalha salienta o quanto esta é diferente:

Nossa muita diferença. Muita. A organização que nós temos aqui, a entrega de provas, as datas, é excelente. As informações que são passadas pra gente que é professor. Na medida do possível é claro, não são todas. Mas, chega com antecedência, chega na hora certa. Um prazo longo pra gente poder entregar a prova. Uma organização muito boa. Nas outras escolas você não vê isso, você não tem uma organização. Entendeu? Aqui nós temos copiadora. As nossas provas são lindas. Eu posso no caso escanear uma figura imensa e colocar numa prova e ninguém vai falar nada. Eu posso fazer uma prova de três folhas aqui que ninguém vai falar nada. Na outra escola que eu trabalho, por exemplo, a impressora é matricial ainda. Olha só. Pra um aluno fazer uma prova de Física com gráfico é praticamente impossível. Entendeu? Aqui nós temos a tinta da caneta, a gente tem lá em cima, a moça coloca a tinta na nossa caneta. Na outra escola eu tiro do meu bolso. Entendeu? A caneta, o apagador são meus, tudo do meu bolso. Então, a estrutura aqui, a organização na escola é excelente.

4.9 Construtores da realidade que desfrutam

A partir dos relatos de suas memórias fica claro que se sentem construtores da realidade que hoje desfrutam nesse lugar. Por que escolheram a escola para estudar? Qual o interesse familiar? Dão importância ao fato de terem feito prova diferentemente dos alunos de hoje que vêm para o colégio sem nenhum objetivo. E fica evidente o fato de que querem dizer que fazem parte da história do lugar e isso reforça ainda mais a idéia de comunidade: “[...] comunidade entendida como um lugar de compartilhamento do bem-estar conjuntamente conseguido [...]” (Bauman, 2003:60)

Quando eu fiz prova para cá, se eu não me engano, seu não me engano não, eu tenho certeza, eu sou a segunda turma desse colégio. Eu vim pra cá em 94, o colégio abriu em 93. Eu fiz prova pra cá. Na minha época tinha prova. (...) Todo mundo queria vir para

cá. (...) Eu vim pra cá com o mesmo objetivo de todo mundo que eu acho que vem pra cá. Que é considerada a escola pública aqui da região, o melhor colégio.

Há o sentimento de pertencerem à história do lugar:

Hoje, com as mudanças? Porque tenho aquela visão assim, de como era e de como é. Eu saí daqui em 2000 se eu não me engano. Entrei em 97. Era um pouquinho melhor. A estrutura física da escola agora é bem melhor. Tem ar condicionado em todas as salas, tem Data-Show, você tem muita coisa à sua disposição que não tinha em dois mil, no ano em que eu saí.

4.10 Trabalho personalizado

Todos os entrevistados se referem à oportunidade de “trabalhar bem” como um dos motivos da volta à escola Albert Sabin e que está além da estrutura física oferecida. Isso leva a uma reflexão sobre a personalização na profissão que é difícil de acontecer na área de Educação. Estudos sobre qualidade de vida no trabalho apontam que muitos professores atualmente sofrem da síndrome de Burnout⁶⁵ que está relacionada à falta de personalização no trabalho e à falta de vínculos com o ambiente. Mas, o sentimento de pertencimento comunitário, como o engajamento social e a afetividade ligados à escola indicam que os professores sentem-se ajustados ao ambiente e com interesse em fazer um “trabalho bem feito”. De acordo com as apreensões dos entrevistados a escolha de voltar para o Albert Sabin aconteceu principalmente porque nutriam a certeza de que teriam condições de exercer a sua prática satisfatoriamente. Existia o grande interesse em poder trabalhar “de verdade” como relatam os professores e Zygmunt Bauman corrobora essa reflexão referindo-se ao trabalho ligado à comunidade ética: “instinto de obra bem-feita com sua fome de honra, mérito e dignidade e, acima de tudo, sua aversão à futilidade.” (Bauman,

⁶⁵ “Síndrome de Burnout é um termo psicológico que descreve o estado de exaustão prolongada e diminuição de interesse, especialmente em relação ao trabalho. O termo *burnout* descreve principalmente a sensação de exaustão da pessoa acometida.[...] Entre os fatores aparentemente associados ao desenvolvimento da Síndrome de *Burnout* está a pouca autonomia no desempenho profissional, problemas de relacionamento com as chefias, problemas de relacionamento com colegas ou clientes, conflito entre trabalho e família, sentimento de desqualificação e falta de cooperação da equipe”. Especialistas apontam várias causas para esta síndrome acometer professores: políticas inadequadas da escola para casos de indisciplina; atitude e comportamento de outros professores e profissionais; carga de trabalho excessiva; sentir-se culpado por não fazer o bastante etc. Informações retiradas do site Wikipédia, acessado em 5 de fevereiro de 2009.

2003:37) Nesses termos o trabalho estava ancorado numa razão. Talvez a busca por um sentido para a profissão faça com que apresentem valores que estão em consonância com valores comunitários tradicionais. Valores de um tempo em que os indivíduos não eram autônomos para tomarem decisões, mas, que tinham maior previsibilidade em relação ao seu futuro e conseqüentemente segurança.

No particular [a escola particular em que ele trabalha] eu me sinto muito à vontade entendeu? Porque é esse clima aqui assim. Eu gosto disso aqui. Eu gosto de chegar na sala dos professores: - E aí professor, tudo bem? Eu gosto de ficar resolvendo questão, entendeu? Preparar uma aula “caramba isso aqui é bom”. Puxar o aluno entendeu? Aqui nessa escola aqui, como dizia um professor que trabalhava aqui até no ano passado, isso aqui é um oásis. Se eu chegar na sala e disser que eu quero um trabalho para a semana que vem, os alunos vão falar, vão esbravejar, mas, o trabalho vai estar lá. Porque eu acho que é a cultura do Albert Sabin. Os alunos já vêm pra cá sabendo como é. Entende o que eu estou querendo dizer? Quem vem pra cá sabe que a escola é assim e todo mundo quer vir pra cá porque sabe que a escola é assim. (...)Estou satisfeito por ter escolhido a profissão que eu quis mas, eu não estou satisfeito com o que eu ganho aqui. Aqui que eu digo é o Estado, no município. Não é aqui nessa escola não. Essa escola aqui é o paraíso mesmo. Pro Estado, pro município, pra sociedade, o professor é um ninguém. Como o próprio Fernando Henrique falou que quem não consegue ser pesquisador vira professor. Depois daquilo ali... Aquilo ali foi demais né?

De outro entrevistado, colhemos o seguinte depoimento:

(...)E depois, assim que eu entrei pro Estado, faz quatro anos que eu entrei pro Estado, tenho uma matrícula em Nova Iguaçu também, eu queria ir para um lugar que desse pra trabalhar. Aqui você tem que trabalhar mesmo. Se você faltou você ganha falta. Às vezes acontece de você não trabalhar, tudo bem, você é funcionário público. É uma certa politicagem em alguns locais assim. Eu não quero. Eu acho que o salário é pouco? – É, mas, nesse país muita gente ganha mal. Quando você vai fazer concurso você sabe que o salário é pouco. E reclamar do salário é uma coisa. Não dar aula é outra. Eu queria pra poder trabalhar. Além de a escola ser linda e várias outras coisas. É uma coisa pessoal mesmo. Eu queria estar aqui. Muito bom, muito bom.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do percurso da pesquisa, alguns dados ficaram mais salientes. É deles que quero tratar nestas considerações finais. Do ponto de vista dos entrevistados, o fato do bairro de Campo Grande não ter equipamentos culturais não constitui o principal fator que influenciou na vida escolar e na escolha profissional. A falta de recursos disponíveis no

bairro não teria sido decisiva nas suas trajetórias. Sentem responsabilidade por suas escolhas denotando uma postura de cunho predominantemente meritocrático. Reconhecem que não tiveram uma formação como a das pessoas das famílias mais abastadas, mas, não utilizaram esse fato para tomarem atitudes com desânimo. Pelo contrário, recorrentemente nas suas memórias enfatizam que as suas trajetórias foram construídas com resiliência e esforço pessoal para enfrentar as dificuldades diante dos fatos, postura ascética despertada pela família. Entende-se então que as identidades se construíram a partir de disposições ascéticas que permaneceram na profissão de professor e que constituem a base da postura profissional altruísta que os entrevistados demonstram ter em relação aos alunos.

“Longe” é uma palavra que denota o lugar em que se consideravam em relação às oportunidades de acessar o conhecimento acumulado e a pouca abertura para se contatar pessoas com capital social. Os depoentes demonstram afeto pelo bairro e isso pode ser percebido através do tom nostálgico nas falas dos depoentes quando o trazem à memória. O bairro estaria longe física, espacial e culturalmente dos centros urbanos, mas, o que cerceava as oportunidades eram as limitações materiais e culturais dispostas pela família e pelos outros ambientes socializadores que os impediam de acessar outras fontes para o acúmulo de capital cultural e social.

Diante dessas limitações impostas pela origem social, o colégio Doutor Albert Sabin é considerado pelos depoentes como o facilitador de uma ruptura biográfica. O consideram um “divisor de águas” nas suas trajetórias de vida, pois oportunizou o contato com pessoas que os incentivaram a sonhar com situações diferentes das quais costumavam ter. Houve o reforço da auto-identidade positiva dos professores entrevistados que hoje trabalham com jovens cujas origens sociais são semelhantes às suas. Acredito que essa alta significância dada à escola pelos entrevistados se deve ao fato de que a instituição pôde acomodar os valores primários ao invés de excluí-los, trabalhando com as experiências e habilidades dos depoentes e apontando caminhos. A escola é considerada pelos entrevistados como o espaço onde receberam orientações que os levaram a se tornar professores. Todos os entrevistados lembram que seus professores ao perceberem seus capitais escolares os incentivaram a essa profissão.

Na família teriam aprendido a lidar com situações de limitação material e a colocar como meta a conclusão do Ensino Superior. Na escola, mais precisamente no colégio

Doutor Albert Sabin, teriam sido incentivados a trabalhar com as suas habilidades e projetá-las na profissão de professor. A rotina de outras profissões, mesmo que empiricamente desconhecidas, foram consideradas pelos depoentes como estando longe de seus estilos de vida. A profissão de professor se apresentou de forma “natural”, ou melhor dizendo, suas práticas estiveram de uma forma ou de outra incorporadas ao cotidiano dos depoentes, sendo através de rotinas muito ligadas à conquista de capital escolar, sendo através do exercício da profissão de maneira informal.

A estabilidade empregatícia também foi considerada como importante fator de motivação para a profissão, mas, não foi o determinante como eu suponha. Os entrevistados demonstraram possuir considerável capital escolar e poderiam, portanto, escolher outra profissão que também oferecesse estabilidade. Mas, outras profissões por serem distantes de suas realidades, afirmação feita por eles, foram descartadas ou mantidas como um objetivo imanente. Através da análise das trajetórias percebo que a profissão de professor esteve sempre impregnando as disposições sociais de agir dos depoentes.

Não cabe afirmar que a profissão de professor foi determinada socialmente e que os depoentes apenas ocuparam o lugar que estaria reservado para eles. Os depoentes não têm esta apreensão sobre si mesmos porque ao avaliarem o ambiente no qual estavam submersos, lhes caberiam realidades sociais precárias, cursos de ação com pouquíssima abertura para a busca por conhecimento e mobilidade social. Em muitos depoimentos os entrevistados consideram que a profissão reservada socialmente para eles seria a profissão dos pais ou trajetórias parecidas com as de alguns de seus amigos de infância: gravidez na adolescência ou trabalho informal para ganhar menos de um salário mínimo por mês.

Portanto, consideram que tiveram sucesso na trajetória profissional porque não só empregaram-se rapidamente após a licenciatura de forma estável e com remuneração acima dos ganhos familiares, mas, porque a profissão está de acordo com seus estilos de vida. Ela permite que os entrevistados conciliem seu horário de trabalho com outras atividades que consideram importantes como ampliar seus conhecimentos através de cursos de pós-graduação e da frequência a equipamentos culturais, antes impossíveis por falta de recursos econômicos.

Além desse dado mais prático os depoentes consideram que obtiveram sucesso porque escolheram uma profissão que tem um sentido humanista e que podem a partir dela

ajudar pessoas com origens e dilemas sociais semelhantes aos seus. Assim percebe-se que os depoentes reafirmam seus valores. Apontam que o principal motivo de satisfação na profissão é o contato com a heterogeneidade social e com a possibilidade de poder ajudar seus alunos a terem uma trajetória de sucesso. Nota-se que a profissão está muito ligada à construção da auto-identidade recorrentemente enfatizada nas suas memórias e que o trabalho, ao ser realizado numa comunidade que consideram ética, produz sentido. Não se sentem despersonalizados, pelo contrário, se sentem importantes e motivados a continuar.

É fato que eles ascenderam em relação aos seus pais quanto à renda e à escolaridade e que alguns são os primeiros da família a concluir o Ensino Superior. A estratégia utilizada para não sucumbirem às determinações sociais, segundo as orientações familiares, foi colocar como meta principal o diploma do Ensino Superior. Acredito que esse objetivo constituído pela família foi o diferencial na trajetória dos entrevistados mesmo que não tenham recebido orientação quanto ao curso a ser feito. A importância está no fato de objetivarem e conseguirem algo que estava além dos seus capitais culturais e econômicos. Considero um dado altamente significativo e que não podia deixar de ser ressaltado.

Fora as apreensões dos entrevistados, num primeiro olhar poderia se dizer que suas trajetórias estão de acordo com a estrutura social: disposições para agir em consonância com a profissão de professor. Mas, quando se faz a leitura nas entrelinhas percebe-se que os entrevistados tiveram seus momentos de tomada de decisão em relação aos seus cursos de ação, sendo o principal deles a decisão de cursar o Ensino Superior mesmo em condições materiais desfavoráveis. E atualmente poderiam estar acomodados visto que ascenderam socialmente, mas, no entanto continuam investindo em Educação como forma de participar do jogo social das oportunidades. Consideram que se não há condições iniciais de igualdade entre todos os jogadores da sociedade, a Educação pode servir como o diferencial.

ANEXOS

Anexo 1:

Aqui estão algumas questões levantadas nas entrevistas e seus respectivos objetivos. Vale lembrar que por ter sido utilizada a metodologia da História Oral, essas questões foram abordadas a partir do relato das trajetórias dos depoentes.

Questões	Objetivos
Por que escolheu a profissão de professor?	Saber se houve “liberdade” ou “coação” direta ou indiretamente da estrutura social.
Campo Grande é um bom lugar para se morar?	Tentar entender se as deficiências estruturais do bairro pesaram nas suas escolhas e se a afetividade o liga ao bairro e aos valores comunitários. Verificar se a trajetória foi marcada por pouca mobilidade espacial.
Houve oportunidades de contato com a alteridade?	Saber se aprenderam outras formas de gerenciar o conhecimento, fazer planejamentos, gerar perspectivas. Saber se esse contato foi o diferencial nas trajetórias.
Descreva sua rotina diária enquanto estudante do Ensino Fundamental e Médio.	Entender a importância da escola nessa rotina e verificar a importância dada à construção do capital escolar.
Suas escolhas foram programadas?	Saber como aconteceu a escolha da profissão.
Quem o orientou na escolha da profissão?	Pesar a importância dos agentes socializadores na escolha da profissão e se esta estava vinculada aos valores construídos na família ou em outros meios.
Pensaram em outras profissões?	Entender o que aconteceu para que não dessem seguimento ao plano de se encaminharem para outras profissões. Entender como aconteceu a escolha da profissão e quais foram os principais motivos.
Considerava-se um bom aluno?	Saber se havia capital escolar que permitissem escolher outros cursos de ação em relação às profissões.
O que é ser um bom aluno?	Saber se o habitus de bom aluno se refere a bons comportamentos, boas notas etc caracterizando uma boa adequação ao ambiente escolar.
Está satisfeito com a profissão?	Verificar os motivos de insatisfação e os motivos de satisfação para relacioná-los aos valores construídos em família.
Acredita em dom, vocação?	Levar o entrevistado a discorrer sobre as alternativas que acha que teve ou as limitações que foram impostas para assim tentar avaliar o quanto houve de espaço para suas “escolhas”.
Algum professor marcou a sua vida? O que	Saber se algum professor serviu de

se lembra dos seus professores?	referencial para a escolha profissional. Saber se representaram o contato com a alteridade para que daí deslanchassem sonhos e perspectivas de vida. Entender qual o papel do professor na sociedade e se esse estaria de acordo com as disposições iniciais dos depoentes. Saber se o habitus profissional esteve presente no imaginário dos entrevistados.
Por que voltaram para dar aulas no Albert Sabin? Por que não outras escolas?	Entender qual o significado de ser professor num contexto social específico e como seria o ambiente. Verificar se a afetividade seria um ponto forte. Verificar se a estrutura física foi decisiva.
Acredita que a remuneração que recebe é satisfatória?	Entender se a remuneração é percebida como importante no orçamento familiar. Entender se essa remuneração trouxe alguma mudança nas condições materiais. Verificar que tipo de consumo essa remuneração permite e o nível de conformismo em relação a ela.
Considera que a sua escolha profissional pode ser considerada uma estratégia em relação à situação social em que se encontravam?	Saber como caracterizam a situação social em que se encontravam. Entender se a consciência de sua situação os motivou a esse curso de ação.
Necessitavam de empregar-se imediatamente após a faculdade?	Entender o quanto de urgência havia na conquista de um emprego. Entender as limitações pessoais materiais e culturais pelas quais os depoentes passavam. Entender se houve mudança de possibilidades de ação após empregarem-se como professor.

Anexo 2:

Fotos do colégio estadual Doutor Albert Sabin.⁶⁶

⁶⁶ Fonte: Site: www.cedralbertsabin.com.br



(Fachada do colégio)



(Fachada do colégio)



(Fachada da escola)



(Fachada do colégio)



(Hall)



(Sala de visitas)



(Painel feito pelos alunos da escola)



(Painel feito pelos alunos da escola)



(Painel confeccionado pelos alunos da escola)



(Painel construído pelos alunos da escola)



(Painel pintado pelos alunos da escola)



(Painel confeccionado pelos alunos)



(Painel construído pelos alunos)



(Painel pintado pelos alunos)



(Sala de aula)



(Sala da direção)



(Sala dos professores)



(Pátio)



(Pátio)



(Pátio)



(Pátio)



(Praça de alimentação)



(Estacionamento)



(Jardim frontal)

Anexo 3:

Texto escrito pelo professor entrevistado Rômulo Bolívar para a prova final de seus alunos do ano de 2008.

CARTA AO ALUNO

Hoje, nesta prova do quarto bimestre, você – aluno – depara com um último desafio – avaliação – para terminar mais um ciclo escolar de sua vida – o Ensino Médio.

Durante o ano, em língua portuguesa, muitos reclamaram da cobrança constante, de uma experiência incansável, da insistência de prazos, de uma posição inflexível com relação ao grau de dificuldade das avaliações, etc.

Entretanto, olhando o diário de classe e percebendo que pouquíssimos serão os reprovados este ano, eu – seu professor – posso afirmar que se você constar realmente nesta relação de aprovados, é porque de fato, conquistou mais do que o conteúdo curricular que trabalhamos nesta sala; conquistou também uma maneira nova de ver o mundo.

Apreendeu que a vida não costuma adaptar os desafios a nós, mas que somos nós que nos preparamos para enfrentar os desafios.

Apreendeu que ser mais velho em um grupo não significa ser esquecido e que ser mais novo não significa ter sua opinião subestimada.

Apreendeu a conviver com a diferença do outro, com a limitação do outro, com a sua própria diferença, com a sua própria limitação; porque, na verdade, ninguém é igual e todos precisamos uns dos outros para continuar a caminhar.

Apreendeu que é capaz de resolver questões difíceis, de fazer bons trabalhos, de argumentar ao sentir-se injustiçado.

Apreendeu a ouvir, a refletir, erguer a cabeça, continuar lutando.

Apreendeu que haverá sempre alguém que duvide de sua capacidade; mas haverá, também, sempre aquele que se orgulhe e muito de acreditar em você.

Apreendeu que, muitas vezes, é chato vir pra escola; mas que alguns dos melhores momentos da sua vida foram vividos aqui. E só sabem o quanto foi especial aqueles que dividiram esses momentos com você.

Se aprovado, você poderá afirmar que conseguiu. Não por favor, por amizade, por estudar à noite, por já ter filho, por ser surdo, por morar longe, por já ter certa idade... NÃO!

Conseguiu pelo próprio esforço de enfrentar – além de questões da Cespe, NCE, UERJ, UFRJ etc. – seus obstáculos pessoais e ainda assim saíram vitoriosos.

Em nosso primeiro dia de aula, vimos que o primeiro passo para alcançar algo é acreditar que se pode. Lembra-se? O texto que lemos foi EU ACREDITO EM VOCÊ. Hoje, vendo Barack Obama repetindo com seus sonhadores “Yes, I Can!” e, principalmente, também o vendo CONSEGUIR, eu penso que talvez estejamos realmente no caminho certo para transformar nossas realidades.

Parabéns! Sua aprovação é mérito seu. Faça seu caminho, porque você é tão capaz quanto qualquer outro lá fora. BRILHE.

BIBLIOGRAFIA

Livros e Artigos

ALBERTI, Verena , *Manual de História Oral*, 2007, 3ª edição, Editora FGV, p. 32.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*, Zahar, 2003, p. 60, 117

_____. *Globalização: As consequências humanas*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999, p: (20)-21, 30 e 91.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 10ª Edição. Bertrand Brasil, 2007.

_____. Efeitos de lugar IN: BOURDIEU, Pierre (coord.), *A Miséria do Mundo*. 5ª edição. Vozes. 2003, p: 160 a 166.

_____. BOURDIEU. In: BOURDIEU e WACQUANT, *Um convite à Sociologia Reflexiva*, 1992, p: 108-9 e 239.

_____. *Questões de Sociologia*, Editora Marco Zero, 1983, p.94.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura IN: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.), *Escritos de Educação*, Vozes, 8ª edição, 1998, p. 54.

_____. Os excluídos do interior IN: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.), *Escritos de Educação*, Vozes, 8ª edição, 1998, p. 54.

Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Saraiva, 1997.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário*. Vozes, 1998, p: 517-520, 529, 605-606.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da, *Educação para o desenvolvimento humano*, Saraiva, 2004, p.26.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*, Zahar, 2002, p.80

LAHIRE, Bernard, *Retratos Sociológicos*, Artmed, 2004, p. 139, 173, 300, 303.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Mercado de trabalho, ontem e hoje: informalidade e empregabilidade como categorias de entendimento. IN: SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo (orgs). *Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*, Editorial Boitempo, 2003, p.141-178.

NOGUEIRA, Maria Alice, Uma Sociologia da produção do mundo cultural e escolar IN: Nogueira, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.), *Escritos de Educação*, Vozes, 8ª edição, 1998, p.12.

PASTORE, José, Desigualdade e Mobilidade Social: Dez Anos Depois, IN: BACHA, Edmar & KLEIN, Herbert S.(orgs.), *A transição incompleta: Brasil desde 1945*, volume II: Desigualdade Social, Educação, Saúde e Previdência, Paz e Terra,1986, p.41.

SEN, Amartya. *Desigualdade reexaminada*. Record,2001, páginas 50 e 140.

WERTHEIN, Jorge. Apresentação. IN: ANDRÉ, Simone; COSTA, Antônio Carlos Gomes (orgs). *Educação para o desenvolvimento humano*; Saraiva, 2004, p.7.

Endereços eletrônicos

Albert Sabin (escola): [http:// www.cedralbertsabin.com.br](http://www.cedralbertsabin.com.br)

Brasil Escola: <http://www.brasilecola.com/historiag/doutrina-keynesiana.htm>

Cultura Brasil: <http://www.culturabrasil.pro.br/weber.htm>

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI), Informativo Científico de Junho de 2006, nº 8, ano 3. <http://www.fapepi.pi.gov.br/sapiencia8/artigos1.php>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): www.ibge.com.br

Instituto Pereira Passos: <http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/interna.php?n0=1&n1=3&n2=3&n3=5&n4=4&PHPSESSID=7dff9f3471e3d874bdc4701fcd3aa46a>

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria de Culturas <http://www.rio.rj.gov.br/culturas/site/cult.php?go=&id=352415>

Portal de Campo Grande <http://www.pcg.com.br/historiadobairro/index.htm>

Skyscrapercity (sobre o teatro Artur Azevedo):<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=26442688>

Secretaria Municipal de Serviço Social/ Conselho Tutelar
<http://www.rio.rj.gov.br/smas/Ctutelar.html>

Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Práxis>
http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_de_Burnout#A_S.C3%ADndrome_de_Burnout_em_Professores

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)